



UNIVERSIDADE TIRADENTES - UNIT
DIRETORIA DE PESQUISA - DPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANGELA MARIA MELO SÁ BARROS

EDUCAÇÃO, HIGIENE E SAÚDE: “HISTÓRIA NATURAL E HIGIENE GERAL E ESCOLAR” NA ESCOLA NORMAL DE SERGIPE (1879-1930)

ARACAJU – 2016

ANGELA MARIA MELO SÁ BARROS

EDUCAÇÃO, HIGIENE E SAÚDE: “HISTÓRIA NATURAL E HIGIENE GERAL E ESCOLAR” NA ESCOLA NORMAL DE SERGIPE (1879-1930)

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação na linha Educação e Formação Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes.

ORIENTADOR: PROF. DR. CRISTIANO DE JESUS FERRONATO

ARACAJU – 2016

ANGELA MARIA MELO SÁ BARROS

EDUCAÇÃO, HYGIENE E SAÚDE: “HISTÓRIA NATURAL E HYGIENE GERAL E ESCOLAR” NA ESCOLA NORMAL DE SERGIPE (1879-1930)

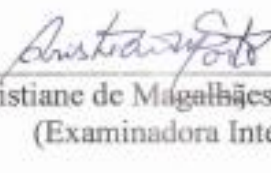
Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação na linha Educação e Formação Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes

Aprovado em: 31 / 03 / 2016

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato (PPED-UNIT)
(Orientador)



Profa. Dra. Cristiane de Magalhães Porto (PPED-UNIT)
(Examinadora Interna)



Profa. Dra. Claudia Moura de Melo (PSA-UNIT)
(Examinadora Externa)

ARACAJU – 2016

B277e

Barros, Angela Maria Melo Sá
Educação, higiene e saúde: “história natural e higiene geral e escolar” na
Escola Normal de Sergipe (1879-1930). / Angela Maria Melo Sá Barros;
orientação [de] Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato – Aracaju: UNIT, 2016.

131 p. il.: 30 cm

Inclui bibliografia.
Dissertação (Mestrado em Educação)

1. Educação. 2. Higiene. 3. Saúde. 4. Sergipe. I. Ferronato, Cristiano de Jesus
(orient.). II. Universidade Tiradentes. III. Título.

CDU: 37:613.86

Ficha catalográfica: Rosangela Soares de Jesus CRB/5 1701

LISTA DE SIGLAS

DNPS - Departamento Nacional de Saúde Pública

IPAI - Instituto de Proteção e Assistência à Infância

Dedico este trabalho a todo povo Nordestino, meu povo!
As Terras áridas onde nasci e aos meus conterrâneos do povoado Pedrão.
Num rincão distante do sertão Alagoano.

Eu sou de uma terra onde o povo padece,
mas nunca esmorece, procura vencê [...]

Autor: Patativa do Assaré

AGRADECIMENTOS

Á Deus, que nos momentos bons e difíceis me amparou com na sua misericórdia e me encorajou a seguir no caminho da fé. “Mas eu cantarei louvores à tua força; de manhã louvarei a tua fidelidade, pois tu és o meu alto refúgio, abrigo seguro nos tempos difíceis” (Salmos 59: 16).

Agradeço à vida, daqueles que tanto amo, “minha família”, pela sabedoria com a qual me ajudaram a conduzir meus passos em todos os momentos dessa jornada. Aos meus pais, João Pereira de Sá e Maria do Carmo Melo de Sà. Agradeço por terem me formado, me ensinado, me educado, me compreendido. Vocês me deram o maior dom de Deus: “A coragem para enfrentar a vida”.

Aos meus amados Anita e João que, certamente, foram os mais afetados por minha ausência, por vezes impaciência. Filhos, vocês são minha fonte de energia e inspiração, muito obrigada por me ouvirem, discordarem e também me ensinarem ser uma pessoa melhor.

Aos meus irmãos: Antonio Carlos, Angélica e Adriano, aos meus sobrinhos Mariam, Gabriel, Rafael, Maria Eduarda e Ana Clara; as cunhadas Mirthes e Andrea e cunhado Humberto. Obrigado por nunca terem permitido que a fraqueza tirasse a minha visão, nem que minha fé fosse abalada. Seja como/onde for ao lado de vocês sempre estarei.

A minha querida Estelita, uma joia rara que cuida com muito amor da nossa família há 10 anos, muito obrigada por tanta dedicação, á você o nosso fraterno amor.

Ao meu querido orientador Dr. Cristiano Ferronato, “Um anjo”, acolhedor e ungido por Deus que de braços abertos me acolheu, e no seu papel de “mestre”, me instruiu e direcionou pelos caminhos que me trouxeram até esse momento. Obrigada por sua tolerância, sensibilidade, serenidade, atenção, carinho e respeito em cada momento de nossa convivência.

A Professora Dr^a. Dinamara Feldmam, meu primeiro contato com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes, que naquele momento respondia pela coordenação, em meio a tantas “obrigações”, me recebeu e docemente me orientou sobre os quesitos necessários para um candidato à seleção do mestrado, por sua atenção e disponibilidade agradeço.

Agradeço aos docentes do PPEG, especialmente as professoras Dra^a. Cristiane Porto, Dr^a. Claudia Moura, Dr^a. Simone Amorim e Dr^a. Ilka Míglio, das quais levarei para sempre seus ensinamentos.

Aos colegas do mestrado com quais pude dividir tantos sentimentos, que ao serem compartilhados tornavam-se brincadeiras e conforto, partilhamos a vida, os desencontros, os problemas as divergências.

Também agradeço à Coordenação de Enfermagem da Universidade Tiradentes, na pessoa da professora Maria Pureza Ramos de Santa Rosa, por sua generosidade e apoio durante essa jornada. Ao querido professor Dênison que me incentivou ao falar sobre a possibilidade do meu mestrado em 2012, uma realidade que eu acreditava ser muito distante quase impossível, no entanto, foi a partir de suas orientações que iniciei a busca por novos saberes.

Aqueles que de muito contribuíram para a realização desse trabalho: Minha irmã Angélica que desde o começo pacientemente lia e me ensinava ao corrigir meus rascunhos, a professora Kátia do arquivo da Escola Normal Rui Barbosa que abriu o arquivo e me ajudou encontrar documentos no tema da higienização.

Aos colegas do mestrado por todos os momentos bons e difíceis compartilhados. De modo especial o novo irmão “Dilson Gonzaga”, pelos diálogos ensinamentos e documentos trocados, pelas horas em que foi meu confessor, quando o cansaço quase me vencia, suas “histórias”, me traziam serenidade e lucidez.

Aos amigos que conheci no labutar nas Instituições de Saúde, onde prestei serviços como enfermeira. Agradeço a todos nas pessoas de Raul, Edjane e Cristiane, com vocês aprendi muito durante o tempo em que convivemos.

E por fim aos pacientes que ao longo da minha vida tanto contribuíram para meu crescimento, profissional e pessoal, vocês me ensinaram a ser forte diante de suas dores, me fizeram entender o valor das pequenas coisas e sobre o maior valor da vida “a saúde”.

A todos minha eterna gratidão!

RESUMO

O presente trabalho analisou a cadeira de História Natural e Higiene Geral e Escolar na Escola Normal de Sergipe, no sentido de identificar a gênese do ensino da higiene no Brasil e em Sergipe. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa partiu da caracterização do programa da disciplina de Higiene como instrumento de estratégia social e política de saúde no Brasil e em Sergipe. Identificou-se quando e de que forma “os saberes” da higiene adentraram a Escola Normal no Brasil e de Sergipe. Os conteúdos para o ensino de higiene eram escritos por médicos na instrução primária nos anos iniciais do século XX, além da influência médico higienista no contexto educacional sergipano no recorte temporal entre 1879 a 1930. Utilizou-se como aporte teórico-metodológico Chartier (1990), tomando por base os princípios científicos que fundamentam a constituição da higiene e sua representatividade. Quanto ao higienismo no Brasil, tratou-se do mesmo como parte do processo civilizador, prescrito por médicos que ditaram normas para o espaço urbano e rural, especialmente para a educação escolar e familiar. No que diz respeito ao entendimento das disciplinas escolares sobre os saberes da higiene, identificou-se seu ensino nas academias de medicina brasileira desde a primeira metade dos oitocentos. A análise concluiu que o ensino de higiene adentrou a escola normal a partir da Reforma Leôncio de Carvalho em 1879. Em Sergipe, como no restante do país, os médicos foram os primeiros professores de higiene. Dessa forma, passaram a intervir na práxis pedagógica e comportamental dos agentes da ação educativa daquela época. A influência médica reproduziu saberes e poderes higienistas, prescritos e materializados pelo modelo civilizador, que sob a bandeira da higiene visava regenerar os degenerados. Durante os anos iniciais do século XX, as professoras contribuíram na prevenção e no encaminhamento para o diagnóstico de doenças infecto contagiosas. Ao tempo e que ensinavam e cobravam dos alunos os cuidados com o corpo, vestimentas, alimentos, vacinação e moradia adequada. Tais ações legitimam as normalistas como as primeiras educadoras em saúde daquela época.

Palavras-chave: Educação. Higiene. Saúde. Sergipe.

ABSTRACT

The present job had analysed the chair of Natural History and General and Scholar Hygiene at the Escola Normal de Sergipe, to identify the genesis of the teaching of hygiene in Brazil and Sergipe. To achieve that, the search started from the characterization of disciplin's program of Hygiene as a tool of social and political strategy of health in Brazil and Sergipe. Was identified when e how the knowledge of hygiene got inside the Escola Normal in Brazil and Sergipe. The contents for teaching hygiene were written by medics at the primary instruction on the first years of 20th century, besides the medic-hygienist influence on the educational context on the temporal cut between 1879 to 1930. As theorical and methodological contribution was used Chartier (1990), taking the scientific principles that grounds the constitution of hygiene and it's representativity. About the hygienism in Brazil, it was treated as part of a civilizing process, prescribed by medics that whom dictated norms for the urban and rural space, specailly for the familiar and scholar education. With regard to the understanding of school subjects on hygiene knowledge, was identified it's teaching at the brazilian medicin colleges since the first half of 19th century. The analysis had concluded that the knowledge of hygiene got inside the Escola Normal from the Leôncio de Carvalho reform. In Sergipe, as in the rest of the country, the doctors were the pioneers at hygiene teaching, on this way, they began to intervene at the pedagogical praxis and behavioural of educative agents at the time. The medical influence produced hygiene knowledges and powers prescribed and objectified through the civilizing standard that under the hygiene flag, sought to regenerating the degenerating. During the initial years of the twentieth century, the teachers contributed to the prevention and referral to diagnosis of contagious infectious diseases. By the time they taught and charged the student body care, clothing, food, vaccinations and adequate housing. Such actions legitimize the "normalistas" as the first educators in health at the time.

Keywords: Education. Higiene. Health. Sergipe.

LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 1- Representação de Hygéia na Medicina.....	39
FIGURA 2- 19º Concurso de Robustez do IPAI.....	41
FIGURA 3- Anúncio de Medicamento em Jornal que Circulava em 1922	42
FIGURA 4- A Casa do Jeca Tatu antes e depois do Saneamento 1923.....	46
FIGURA 5- Livro - A Higiene na Escola (1902).....	54
FIGURA 6- Livro Questões de Hygiene.....	58
FIGURA 7- Capa do Livro “ Palestra de Higiene Proferidas na Radio Tupi”	63
FIGURA 8- Escola Normal Ruy Barbosa – 1911.....	88
FIGURA 9- Ofício de Convocação de Lentes para Escola Normal - 1912.....	95
FIGURA 10- Formatura das normalistas admitidas em 1928 ao Centro Dr. Helvécio.....	97
FIGURA 11- Capa do livro do Programa das Cadeiras da Escola Normal e do Curso Complementar do estado de Sergipe – 1917.....	99
FIGURA 12- Laboratório de Ciências Naturais da Escola Normal.....	100
FIGURA 13- Regimento da Escola Normal 1913 e o Programa das Cadeiras de História Natural e Higiene de 1930.....	101
FIGURA 14- Programa para o Ensino Primário do Estado de Sergipe 1912.....	105
FIGURA 15- Manual de Instruções para a boa Marcha do Ensino Primário do Estado de Sergipe – Mandados Observar pela Directoria Geral – 1913.....	108

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Estudos sobre Higienismo, Higiene e Educação no Brasil.....	25
QUADRO 2 - Disciplinas e Docentes da Formação em Medicina no Ano de 1832.....	38
QUADRO 3 - Lista das Teses Médicas Apresentadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no Período de 1870 a 1900.....	50
QUADRO 4 - Padronização dos critérios para o ensino de higiene escolar	56
QUADRO 5 - Lista dos Lentes de Hygiene Sergipe.....	86
QUADRO 6 - Conteúdos da Disciplina de Hygiene Geral e Escolar da Escola Normal de Sergipe (1917).....	98
QUADRO 7 - Dos Conteúdos de Higiene para o Ensino Primário em 1912.....	112

SUMÁRIO

1 O ITINERÁRIO DA PESQUISA – “Realizar a Anamnese”	14
1.1 Perseguindo Vestígios nos Caminhos do Ensino da Higiene.....	16
1.2 Fundamentação Teórico Metodológica.....	18
1.3 Sobre a disposição do texto.....	31
2 EDUCAÇÃO E HIGIENE NO BRASIL E EM SERGIPE NA PASSAGEM DO IMPÉRIO PARA A REPÚBLICA - “Remover a cobertura”	33
2.1 Medicalização da Educação na Construção das Ideias Sobre Higiene....	38
2.2 A Gênese da Higiene no Contexto Educacional.....	51
2.3 O Discurso Médico Higiênico na Intervenção Escolar e da Família.....	57
2.3.1 Das moléstias que se propagam no meio escolar	63
3 A CADEIRA DE SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES E HYGIENE, BERÇO DA HYGIENE GERAL E ESCOLAR” NA ESCOLA NORMAL DE SERGIPE - "Proceder de cima para baixo e do centro para fora"	81
3.1 Educar e Disciplinar pelas Vias da Higiene em Sergipe.....	86
3.2 A Influência Médica na Formação da Escola Normal de Sergipe.....	96
3.3 Cultivar nos Alunos os Princípios Higiênicos no Sentido da Boa Marcha.	106
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS “Realizar uma nova cobertura”	119
REFERÊNCIAS	124

1 O ITINERÁRIO DA PESQUISA - “Realizar a anamnese”

Michel de Certeau ao escrever sobre o que denominou de “operação historiográfica”, nos chamou a atenção para a importância do historiador contar o percurso de sua pesquisa. Desta forma, levando em consideração as palavras daquele historiador apresentamos — “um conjunto de partes algumas vezes desiguais, mas simbólicas, que acrescenta a história de um passado, um itinerário de um procedimento” (2008, p. 48).

Para traçar o percurso da construção da cadeira de “História Natural e Hygiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe¹ entre os anos de 1879 - 1930 foram muitos os desafios, sobre os quais se discorre sobre o surgimento do interesse pelo tema e as características pertinentes a essa pesquisa.

Das inúmeras possibilidades de temas, objetos e problemáticas que a História e a História da Educação possibilitam duas sempre chamam a atenção: a saúde e a educação.

No ano de 2013, fiz a disciplina especial de História da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes - Unit². Esta disciplina apresentou-me um mundo a ser descoberto, o seu contexto trouxe uma reflexão quanto aos diversos movimentos ocorridos na História que levaram a construção de uma estrutura pensada como educadora e civilizadora.

Ao aproximarmo-nos do período de seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes, submetemos a proposta de trabalho intitulada “Medicina, Hygiene e educação escolar: a cadeira de “História Natural e Hygiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe 1870-1930. Após aprovação no processo seletivo, demos início ao curso e a pesquisa.

¹ Ao longo dos anos a cadeira/disciplina que trazia em seus conteúdos do ensino sobre higiene recebeu denominações diferente, alterada segundo as legislações que normatizavam a educação brasileira e sergipana. Portanto, neste estudo foi tratada como: Elementos de Sciencias Phyticas e Naturaes e Noções de Hygiene doméstica; Sciencias Physicas e Naturaes e Hygiene; História Natural e Hygiene Geral e Escolar, então definimos a última como nomenclatura base de nossas pesquisas.

² A disciplina foi ministrada pelos professores Dr. Cristiano Jesus Ferronato e Dr^a. Simone Silveira Amorim.

No final de 2014, no intuito de levantar outras fontes, concorreu ao edital de seleção de Projetos de Iniciação Científica e de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação Nº 02/2014, PROBIC. Na categoria de co-orientadora propusemos como objetivo geral: Realizar um levantamento dos discursos sobre higiene presentes em jornais do período de 1910 a 1930; e, os específicos: Catalogar e transcrever as referências à higiene nos jornais da época citada; Estabelecendo uma correlação entre os anúncios publicados em jornais e seu poder de educação na sociedade republicana; Compreender o tipo de cultura higiênica sendo disseminada pelos impressos.

Amorim (2014, p. 18), afirma que [...] “os documentos são as evidências que devemos utilizar para fazer História, os quais resultam de escolhas feitas no que diz respeito ao que acreditamos fazer parte de um certo contexto”.

No início de 2015, buscaram-se novas pesquisas para ampliação da literatura sobre as ideias de higiene, após aprovação, tivemos o reforço de uma discente da iniciação científica, Rute Nascimento da Silva, que foi incumbida para esta missão, sob a orientação do nosso orientador Professor Dr. Cristiano Ferronato, este levantamento permanece em processo de pesquisa.

Todos os resultados aqui encontrados irão contribuir na promoção de atividades científicas no interior do Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste Oitocentista (GHENO/GT- SE/UNIT), com a finalidade de disponibilizar os resultados ao público, divulgando e fomentando a realização de projetos de pesquisa que tenham como fulcro a análise dos diferentes aspectos relacionados com o tema da pesquisa.

Após um ano de estudos intensos e aprendizados, com uma maior proximidade da temática e contato com pesquisadores de Sergipe e de outros estados que já militam em pesquisas das causas da “higiene e educação”, iniciei as primeiras reflexões, até chegar neste momento, na absoluta certeza de que ainda preciso continuar aprendendo.

Nesta trajetória, na condição de enfermeira e educadora em saúde, senti-me mobilizada em pesquisar a educação como meio fomentador da premissa básica para a saúde e sua manutenção, “a higiene”.

1.1 Perseguindo vestígios nos caminhos do ensino da higiene

Ao expor como surgiu o interesse pela temática e as características pertinentes a essa pesquisa, no intento de [...] “promover a constituição de novos territórios [...] através da anexação dos territórios dos outros” (CHARTIER, 1990, p.14), enveredamos nos “territórios” em busca de vestígios sobre o ensino da higiene, para buscar como se deu a constituição da cadeira “História Natural e Hygiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe.

Para elucidar acontecimentos evidenciados pelas fontes, legitimam-se sujeitos que outrora realizaram intervenções relacionadas à promoção da higiene como critério para a saúde ou sua recuperação. Exige-se que o pesquisador permita-se ampliar seu campo de observação, o que torna possível perceber a aproximação entre as ações inseridas pela ciência e as necessidades do Estado, identificadas e traduzidas na história dos povos.

Nesse sentido, evoca-se a contribuição de uma mulher que cravou sua marca na história das ciências da saúde, ao contribuir empregando os princípios higiênicos eleitos nas academias de medicina da Europa. Florence Nightingale (1820 - 1910), comprovou por meios estatísticos, que as práticas higiênicas associadas aos cuidados de enfermagem resultavam positivamente na resposta terapêutica daqueles que eram atendidos.

Florence é considerada a fundadora da Enfermagem moderna em todo o mundo. Tornou-se conhecida ao documentar sobre a organização de um hospital, juntamente com 38 mulheres (irmãs anglicanas e católicas), foram como voluntárias durante a Guerra da Criméia, em 1854. Nesse serviço, 4000 soldados estiveram internados e por meio de medidas higiênicas, houve diminuição da mortalidade local de 40% para 2% (PADILHA, MANCIA, p. 2005).

Em consonância aos princípios higiênicos conhecidos naquela época, orientava para que as enfermeiras ao atenderem aos feridos de guerra, deveriam preocupar-se com o ambiente e “fornecer ar fresco (aeração), luz, aquecimento, higiene, quietude (silêncio) e nutrição adequada” (OGUISSO, 2007, p.58-97).

Tudo isso, atribuídos aos cuidados embasados nos princípios higienistas acima citados. Tais ações foram reconhecidas pela coroa Inglesa e por estes feitos foi a primeira mulher eleita como Membro da Sociedade Estatística Real da

Inglaterra, com “premio em dinheiro que recebeu, construiu a primeira escola de enfermagem no Hospital St. Thomas - Londres, em 24/06/1860”. (PADILHA, MANCIA, p. 2005).

Conhecida na história como “A dama da lâmpada”, pelo fato de servir-se deste instrumento para auxiliar na iluminação ao atender os feridos durante as noites frias na guerra da Criméia em 1854. Construiu a enfermagem, visando a manutenção de condições ideais para a recuperação da saúde, enfatizava o cuidado individual e os processos reparativos do corpo.

No Brasil, a enfermagem reproduziu as ideias europeias na consolidação das suas funções. Em “1890, foi fundada a primeira escola para enfermeiros no Brasil, porém era uma formação ainda pautada nos conceitos da caridade”, visava fornecer mão de obra treinada para cuidados básicos (MOREIRA, 2007, p.102).

A primeira escola de ensino superior “Ana Nery” para enfermeiras iniciou suas atividades em 1923. As ações assistenciais naquela época eram restritas às instituições hospitalares, somente após 1926, com a formatura das primeiras enfermeiras brasileiras o governo passou a designá-las em ações sanitárias desenvolvidas no sentido da promoção da saúde coletiva da nação.

A partir da perspectiva de que a diversidade cultural da história é um fato que deve ser conjugado a uma constante, Moreira (2015, p.10), afirma: “Quando porém, os fatos nela descritos são estudados e interpretados - mesmo os mais remotos - os nexos que afloram, trazem novas contribuições e ainda, reacendem discussões e polêmicas no presente”.

Neste contexto, ao congregar a história da medicina e da enfermagem no interesse comum pela saúde dos povos, é possível fazer *jus* a aqueles e aquelas que dedicaram suas vidas a causa não isenta de tensões, porém repleta de uma singularidade que remonta os valores a circundam a história da educação no diz respeito à higiene.

1.2 Fundamentação teórico metodológica

Por se tratar de uma pesquisa que envolve a educação e a história, esta se insere no campo da História da Educação, tendo como referenciais teóricos os escritos da História Cultural. Segundo Faria Filho e Vidal, em seu artigo, História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970);

A partir do fim dos anos 1960 e início dos 1970, com o surgimento dos Programas de Pós-Graduação em Educação no país (o da PUC-Rio, em 1965, e da PUC-SP, em 1969, foram os primeiros a se constituir), e dos anos 1980, com a criação do Grupo de Trabalho “História da Educação” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, em 1984, e do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR), em 1986, cresceu substantivamente a produção de trabalhos em História da Educação no Brasil. Ao mesmo tempo foi-se constituindo uma certa identidade, ainda que multifaceta e plural do *historiador da educação*. No entanto, já desde a segunda metade do século XIX, tratados sobre história da educação brasileira foram elaborados por médicos, advogados, engenheiros, religiosos, educadores e historiadores e circularam no País e no exterior. (2003, p. 1)

Para subsidiar a pesquisa, partindo do campo da história da educação, decidiu-se pelos referenciais teórico-metodológicos da História Cultural, tendo como ponto de partida os escritos de Roger Chartier (1990); os conceitos de práticas e representações de Chervel (1988); e para analisar as questões do Higienismo no Brasil utilizou-se Gondra, (2002, 2003; 2004).

Em seus inscitos Roger Chartier, historiografias dos Annales, no qual examinou as condições de produções dos historiadores e suas práticas historiográficas. Realizou uma reflexão quanto ao ofício do historiador, as suas condições de produção, práticas, bem como as fontes e conceitos de tais práticas. Discutiu sobre a compreensão da realidade por meio das representações e os seus diversos sentidos. Aborda, também, que há práticas sociais que não podem ser representadas, porque possuem uma lógica autônoma. Como também, refletiu sobre a história cultural francesa entre os anos de 1960 e 1970, entendidos na sua dupla vertente de história das mentalidades e de história serial quantitativa.

No que se refere à questão das disciplinas escolares, Chervel (1990) ensina que a especificidade desse campo de estudo encontra-se na investigação dos

ensinos, pois o seu elemento central é a história dos conteúdos, assim cabe, no âmbito da investigação sobre as disciplinas pensá-la como objeto, e com isso conhecer como a “disciplina” funcionou.

Sobre a disciplina de higiene, buscou-se respaldo em aspectos do ensino aprendizagem, do status conferido a esta disciplina em um momento específico da história da educação em Sergipe. Destacando o ensino de higiene como disciplina na formação médica desde o império. Da mesma forma, quando ela passou a ser obrigatória no ensino secundário do Brasil e de Sergipe, como conteúdo de ensino às professorandas da escola normal e nos grupos escolares de Sergipe.

Gondra (2004), ao estudar o higienismo, tomou como fontes as teses defendidas por médicos formados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, entre 1850 e 1890, questionando sobre o empoderamento da medicina no Brasil oitocentista. As representações que os médicos produzem de si mesmos, nos assuntos abordados, sendo possível identificar a relevância da higiene como um dos princípios médicos.

Destaca as representações em relação ao currículo de formação dos médicos, defendidos em nome da racionalidade positivista. Também aborda sobre a soberania do saber médico com relação às práticas terapêuticas e preventivas de modo que lhes conferiam um domínio sobre as questões educação como propostas de intervenção social.

Assim, diante da problematização enveredou-se essa pesquisa: Em que momento os saberes da higiene se iniciaram na formação médica brasileira? Quando e de que forma os saberes sobre higiene adentraram a Escola Normal no Brasil e em Sergipe; De onde partiam os conteúdos do ensino de higiene a serem ensinados nas escolas normais no Brasil e em Sergipe? Como esses conteúdos chegavam a instrução primária de Sergipe nos anos iniciais do século XX?

Para realizar os intentos da pesquisa definiu-se como objetivo principal do trabalho: Analisar a cadeira de “História Natural e Hygiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe. E, como objetivos específicos: Identificar a gênese do ensino aprendizagem da disciplina de higiene no Brasil; Caracterizar o programa da disciplina de Hygiene como instrumento de estratégia de saúde e descrever o material utilizado na disciplina como instrumento técnico do ensino e possíveis

vivências ou experimentação dos procedimentos ensinados; Discutir a influência médico higiênica na escola normal e primária de Sergipe e descrever os saberes educacionais de saúde defendidos e aplicados à infância das escolas de Sergipe;

Foi preciso migrar por caminhos que permitiram a fomentação dos [...] “preceitos da doutrina higienista”, como constituidor das primeiras “regras de higiene” (FOUCAULT, 1999, p. 300-301). Tomando por base os princípios científicos que fundamentam sua representatividade, assim, compreender a “maneira pela qual uma comunidade produz sentido, vive e pensa sua relação com o mundo” (CHARTIER, 1999, p. 8-9).

Desde o período Imperial no Brasil, a questão da higiene sempre esteve associada ao caráter civilizatório da nação, sendo a pauta matriz em discussões sobre as [...] “relações de aprendizagem, no respeito às normas higiênicas, na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, na cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais” (VIDAL, 2003, p. 497).

Os discursos da Educação e Saúde possibilitaram o reconhecimento de particularidades comuns, gerando questionamentos que precisavam ser respondidos, e desse intercruzamento nasceram outras buscas, nas quais o envolvimento proporcionou o apropriação da temática.

Sobre apropriação, Chartier (1990, p. 28) ressalta que esta faz parte de uma abordagem da transcultural, tomando como base “práticas diferenciadas”, o autor ressalta a pluralidade dos modos onde se empregam permitidas na “diversidade das leituras”. Assim, “compreender estes enraizamentos exige, na verdade, que tenham em conta as especificidades do espaço próprio das práticas culturais”.

Ao conhecer sobre a cadeira de “História Natural e Hygiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe, foi possível identificar a existência do ensino de higiene nas escolares públicas de Sergipe do final sec. XIX e início do XX. Para tanto, foi preciso saber, de onde tais práticas partiram, desse modo, recorreremos aos pesquisadores do contexto histórico educacional de Sergipe, entre outros destaco: Freitas (1995), Valença (2005, 2006, 2011), Nunes (1984) e Amorim (2014).

No contexto historiográfico da educação na década de 1870 dos oitocentos NUNES (1984, p. 111), descreveu [...] No campo da instrução o regulamento Imperial de 24 de outubro de 1870, momento entendido propício [...] “as novas

tendências educacionais no Império”. Assim [...] “Estabelecia-se o ensino obrigatório – facultativo, reconhecendo o Presidente que não havia condições, em Sergipe, para ser tomada uma medida imperativa”. [...] Nesse sentido, várias ações foram iniciadas [...] Mas, indiscutivelmente, o ponto máximo do regulamento em foi a atenção voltada para o ensino secundário, abrangendo o curso de humanidades e o da Escola Normal. Ressalta que [...] “Em 1872 a população sergipana alcançava 234.613 habitantes, dos quais somente 29.134 sabiam ler”. (NUNES, 1984, p. 112-113).

Segundo Amorim (2013, p. 103);

[...] “o regulamento de 24 outubro de 1870, criou o curso Normal, mas ele só começou a funcionar em 1871. Apesar de ter sido, a princípio, direcionado ao público masculino, com os passar dos anos, a referida instituição de ensino caracterizou-se como sendo de educação feminina”.

Fato que ocorreu em 1877, no qual a Escola Normal Feminina de Sergipe, motivada principalmente pela demanda reprimida de homens para o curso, causada por vários fatores, entre eles, a não atratividade salarial do magistério, passando a destinar as vagas para as mulheres.

Esta funcionou, de início, no Asilo Nossa Senhora da Pureza, e era descrita pelo presidente João Ferreira d’Araújo Pinheiro como [...] “um viveiro de professores, ali se transmite a instrução, se põe à prova a vocação, do que se destina ao magistério a escola Normal é uma fonte de conhecimentos theóricos e práticos”. (SERGIPE, 1877, p. 29).

No contexto educacional oitocentista, Ferronato (2014), em sua pesquisa: “Das aulas avulsas ao Lyceu Provincial: as primeiras configurações da instrução secundária na Província da Parahyba do Norte (1836-1884) discute sobre as questões que envolveram a instrução no território paraibano. O autor afirma que:

Na década de 1870, a preocupação com os problemas da instrução pública no Império se intensificou, sendo marcada por um grande esforço na tentativa de recuperação do tempo perdido, desde quando desvaneceram os grandes planos concebidos, após a Independência e descentralização, que haviam propiciado a omissão do Império, deixando todo o país entregue às administrações províncias que, com seus poucos recursos, não encontravam ou não queriam encontrar condições para seu aprimoramento (FERRONATO, 2014, p. 164).

Segundo CHARTIER tais, discussões sinalizam um padrão de similaridade, nos eventos que permearam a consolidação da educação durante o Império no Brasil. Pois [...] são estes esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço a ser decifrado (CHARTIER, 1990, p. 17).

Diante dessa construção, configuramos para definição do nosso marco temporal, o ano de 1879, como ponto de partida. Tal demarcação deveu-se à reforma educacional Leôncio de Carvalho³, que regulamentou com o Decreto Imperial nº 7.247, de 19 de Abril de 1879 entre outros, o ensino da disciplina de higiene nas escolas normais brasileiras.

O ano de 1930 é definido como ponto de chegada, ano em que ocorreu a implantação do estado Novo no Brasil, o novo governo de Getúlio Vargas (1930-1934) em decorrência de um golpe⁴, dentre as mudanças promovidas, foi criado o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, pelo Decreto nº 19.402, de 14/11/1930 e mais tarde o Decreto 19.850 de 11/04/1931 que criou o Conselho Nacional de Educação (FUNASA, 2012).

Desse modo:

[...] A criação do novo ministério com o Decreto 19.444,4 de 1º de dezembro de 1930, dispondo sobre os serviços que ficariam a cargo do Ministério da Educação e Saúde Pública e dando outras providências. No artigo 1º trazia a composição do Ministério da Educação e Saúde Pública, que seria: de um gabinete, uma diretoria e quatro departamentos (Departamento Nacional de Ensino, Departamento Nacional de Saúde Pública, Departamento Nacional de Medicina Experimental e Departamento Nacional de Assistência

³ A Reforma Leôncio de Carvalho levou bem mais longe a inclusão de dispositivos referentes ao funcionamento da educação nas províncias. Assim, o artigo 8º contempla, nas províncias, a subvenção a escolas particulares; a contratação de professores particulares para ministrar os rudimentos do ensino primário; a criação de cursos de alfabetização de adultos e de Escolas Normais; fundação de bibliotecas e museus pedagógicos e de bibliotecas populares; e a criação, nos municípios mais importantes das províncias, de escolas profissionais e de ensino de artes e ofícios. A Reforma previu, também, a abertura, nas províncias, de mesas de exames de preparatórios (artigos 11e 12) e a inspeção dos estabelecimentos de instrução primária e secundária (artigo 15), (SAVIANI, 2007, p. 138).

⁴ Foi um movimento de revolta armado, ocorrido no Brasil em 1930, que tirou do poder, através de um Golpe de Estado, o presidente Washington Luiz. Com o apoio de chefes militares, Getúlio Vargas chegou à presidência da República e iniciou o seu projeto progressista do Brasil FONTE: (http://www.historiadobrasil.net/brasil_publicano/revolucao_1930).

Pública), todos independentes entre si e imediatamente subordinados ao ministro (LIMA, 2003, p. 1044).

No pós-golpe ocorreu um realinhamento no modelo de educação brasileira, pensado para ser desenvolvido hegemonicamente em todo território, e as decisões passaram a ser direcionadas pelo Governo Federal sob os critérios do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (BRASIL, 1930).

Em Sergipe, segundo as palavras de Dr. Helvécio de Andrade, no primeiro momento da transição governamental do Brasil, não houve mudanças no contexto da instrução pública, ele deixa claro em sua fala sobre uma breve expectativa de novas nomeações que poderiam ocorrer nos cargos públicos do Estado, sobre aquele momento escreveu, justificando sua permanência como Diretor Geral da Instrução da Escola Normal:

Súbito, um avião cruzou sobre a cidade e [...] acabou-se tudo. Às 3 horas da tarde o Dr. Eronides de Carvalho⁵ era empossado no governo revolucionário, e às 4 estava eu nomeado Director Geral da Instrução e da Escola Normal (ANDRADE, 1931, p. 5).

O médico Eronides de Carvalho foi indicado como governador militar provisório e ficou no cargo durante um mês, sendo sucedido por Maynard Gomes, que ao tomar posse, manteve Dr. Helvécio Andrade no cargo. Vale ressaltar, um fato comum entre os dois colegas médicos; no ano de 1918, Dr. Eronides de Carvalho foi nomeado interinamente como “Diretor geral de higiene e saúde pública no Estado da Bahia”, de modo que esta particularidade poderia aproximar suas ideias no que diz respeito a educação, higiene e saúde.

⁵ Nasceu em 25 de abril de 1895, em Canhoba/SE, filho de Antônio Ferreira de Carvalho e Balbina Mendonça de Carvalho. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 20 de dezembro de 1917, defendendo a tese “Do ópio em terapêutica mental”. Foi militar e um dos pioneiros do Hospital Cirurgia, sendo o primeiro auxiliar do Dr. Augusto Leite. Tenente Médico do Exército, por determinação de Juarez Távora, um dos líderes da revolução de 1930, assumiu o cargo de governador militar provisório de Sergipe em 17 de outubro de 1930, ficando no cargo até a posse de Maynard Gomes, ocorrida um mês depois. Participou no front da Revolução Constitucionalista de São Paulo em 1932. Em 1935, sucedeu Maynard Gomes como Governador de Sergipe, ficando no cargo até 1941. Construiu a Biblioteca Pública na praça Fausto Cardoso, onde hoje funciona o Arquivo Público, construiu a sede do Instituto Histórico na rua Itabaianinha, o Palácio Serigi, atual sede da Secretaria de Estado da Saúde, o Hospital de Assistência a Psicopatas em Nossa Senhora do Socorro, ampliou o Hospital de Cirurgia, dentre outros. É patrono da cadeira doze da Academia Sergipana de Medicina. Faleceu em 18 de março de 1969 com 73 anos (Grifo nosso). **FONTE:** <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/> Acesso em: 13 mai. 2015

Segundo Valença,

[...] Uma hora depois que Eronides de Carvalho tomou posse do governo do Estado, o médico sergipano foi nomeado Diretor Geral da Instrução da Escola Normal. Incumbido de apresentar um plano educacional ao governo interventor, o novo diretor da instrução apresentou um ensaio nomeado Escola Sergipana (2011, p. 223).

Para Almeida (2004, p. 85), com “Estado Novo estabelecido, na década de 1930, ocorreram várias reformas da política brasileira, estas também se refletiram no âmbito educacional”, desse modo, sentiu-se uma maior preocupação com a melhoria na qualidade do ensino, tornou-se mais evidente, fato que refletiu também na organização curricular da Escola Normal algum tempo depois.

No que se refere às fontes, toda produção do homem pode ser trabalhada como fonte. Segundo Le Goff (1984), “o documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz, devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente” (1984, p. 545-546).

Para Chartier, as fontes são “informações que as representam, assim a fonte e a informação caminham as duas lado a lado, num diálogo constante entre a confrontação com o documento e a exigência de elucidação – metodológica” (1990, p. 27). Desta forma, empregou-se uma abordagem exploratória das fontes, na qual se preocupou em observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os fatos.

Após o contato com as primeiras fontes que indicavam ações higienistas no contexto da educação de Sergipe, foram encontrados alguns vestígios deixados nas arestas refletidas pelo mover dos tempos. Durante a análise da documentação encontrada, que “tornaram-se fontes”, foi possível reconhecer no contexto sócio cultural daquela época, no que diz respeito às influências das ideias sobre higiene na educação e na criação da referida cadeira, objeto de análise deste trabalho.

Neste encontro com as fontes, de acordo com o entendimento de representação dos traços deixados pelo passado, “criar figuras ou representações que possibilitariam um sentido ao presente, uma inteligibilidade ao outro, bem como a decifração de um espaço”. Encontrados nas “formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc” (CHARTIER, 1990, p. 14).

Desta forma, para a construção do trabalho tomou-se como fontes sobre a Escola Normal o “Programa das cadeiras⁶ da Escola Normal e do Curso Complementar do Estado de Sergipe (1917)”. Para compreensão do processo do processo histórico, no caso dos grupos escolares utilizou-se o “Programa para o Ensino Primário, especialmente, aos Grupos Escolares do Estado de Sergipe (1912)”, e em (1913) o manual de “Instruções para boa marcha do ensino primário no Estado de Sergipe”.

As fontes acima citadas subsidiaram o objeto de estudo, “a cadeira de higiene na escolar normal de Sergipe”, para isso, foi necessário evidenciar a construção das ideias de higiene no Brasil e em Sergipe, com base na documentação prospectada nos acervos das seguintes instituições do Estado de Sergipe: Biblioteca Epifânio Dórea, Arquivo Público Estadual, Instituto Histórico Geográfico de Sergipe - IHGSE, Arquivo da Escola Normal Rui Barbosa, Atas da Congregação do Atheneu Sergipense (1871-1916). No estado São Paulo, na Divisão de Biblioteca e Documentações da FMUSP e no Paraná na Biblioteca Pública do Paraná na cidade de Curitiba.

O encontro com estas fontes abriu caminho para o levantamento de outras informações que vieram contribuir para o desenvolvimento da pesquisa.

Além das fontes destacadas anteriormente, buscou-se pesquisas feitas no âmbito acadêmico, tese de doutoramento e dissertações de mestrado que tivessem como foco a temática em questão, a higiene no contexto da educação. Nesta busca foram encontrados vários trabalhos que apresentam tal preocupação que são destacadas no quadro abaixo. Vale ressaltar que o intuito aqui não é fazer uma análise de cada trabalho, nem um estado da arte, mas apenas um mapeamento destas pesquisas, como apresentamos no quadro abaixo.

QUADRO 1 – Estudos sobre Higienismo, Higiene e Educação no Brasil.

ESTADO/ ANO	PESQUISADOR	ORIENTADOR	ÁREA	TÍTULO
Rio Grande do Sul/ 1997	Beatriz Teixeira Weber	Profa. Dra. Maria C.Pereira Cunha.	Tese de doutoramento	As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República rio-grandense – 1889/1928.

⁶ Cadeira é o espaço científico de ensino ocupado pelo professor, ao tempo em que “a disciplina é uma unidade metodológica: ela é a regra (disciplina) comum a um conjunto de matérias reagrupadas para fins de ensino (RESWEBER,1982 p. 46).

Rio de Janeiro/ Brasil 2000	José Gonçalves Gondra	Profa. Dra. Marta Maria Chagas de Carvalho	Tese de doutoramento	Artes de civilizar - medicina, higiene e educação escolar na corte imperial
São Paulo/ 2001	Heloísa Helena Pimenta Rocha	Profa. Dra. Marta Maria Chagas de Carvalho.	Tese de doutoramento	A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do instituto de hygiene de São Paulo (1918-1925),
Sergipe /2006.	Cristina de Almeida Valença	Prof. Dr. Miguel André Berger	Dissertação/ de Mestrado	Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão dos ideais da pedagogia moderna por Helvécio de Andrade.
Mato Grosso/ 2007	Elizabeth Figueiredo de Sá Poubel E Silva	Profa. Dra. Diana Gonçalves Vidal	Tese de doutoramento	De criança a aluno : as representações da escolarização da infância em Mato Grosso (1910-1927).
Paraná/ 2007	Lausane Corrêa Pykosz	Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira	Dissertação de mestrado	A higiene nos grupos escolares curitibanos: fragmentos da história de uma disciplina escolar (1917-1932)
Amazonas/ 2009	Júlio Cesar Schweickardt	Profa. Dra. Nísia Trindade Lima	Tese de doutoramento	Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas (1890-1930)
Paraná/ 2009	Liliana Müller Larocca	Profa. Dra. Vera Regina Beltrão Marques	Tese de doutoramento	Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1886-1947).
Bahia/ 2010	Patrícia Carla Silva do Vale Zucoloto	Prof. Dr. Antonio Marcos Chaves.	Tese de doutoramento	A infância e a medicalização das dificuldades no processo de escolarização nas teses sobre higiene escolar da faculdade de medicina da Bahia (1889-1930).
Pernambuco /2010	Rozélia Bezerra	Profa. Dra. Circe Maria Fernandes Bittencourt	Tese de doutoramento	A higiene escolar em Pernambuco: espaços de construção e os discursos elaborados.
Rio Grande do Sul/ 2010	Aline Kassick Cadaviz	Profa. Dra. Janete Silveira Abrão	Dissertação de mestrado	O proletários de todo o mundo, higienizai-vos!: O discurso higienista impresso nos jornais dos trabalhadores (porto alegre: 1900-1919).
Paraíba/ 2011	Azemar dos Santos Soares Júnior	Profa. Dra. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano	Dissertação de mestrado	Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)
Ceará/ 2012	Maria Clelia Lustosa Costa	Prof. Dr. Hervé Théry (Cnrs- Paris 3)	Tese de doutoramento	O discurso higienista e a ordem urbana no Ceará
Maranhão/ 2012	Mariza Pinheiro Bezerra	Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa	Dissertação de mestrado	O tanato: poder e as epidemias: discurso civilizador e saúde pública no centro urbano de São Luís no início do século XX
Goiás/ 2013	Leicy Francisca	Prof. Dr. Marlon Jeison	Tese de	Eternos órfãos da saúde: medicina, política e construção

	da Silva	Salomon	doutoramento	da lepra em Goiás (1830-1962).
Minas Gerais/ 2014	Liliane Tiburcio de Oliveira	Profa. Dra. MEILY ASSBU LINHALES	Tese de doutoramento	Educar, divulgar, persuadir: propostas e ações da diretoria de higiene de Minas Gerais (1910-1927)
Pará/ 2015	Luana Costa Viana	Profa. Dra. Sônia Maria da Silva Araújo.	Tese de doutoramento	A colonização de corpos, corações e mentes: educação e higienismo em escritos de periódicos pedagógicos no Pará (1891-1912).
Paraíba/ 2015	Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano	Prof. Dr. Antonio Carlos Ferreira Pinheiro	Tese de doutoramento	Educação pela higiene: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849- 1886)
Paraíba/ 2015	Azemar dos Santos Soares Junior	Profa. Dra. Cláudia Engler Cury	Tese de doutoramento	Physicamente vigorosos: medicalização escolar e modelação dos corpos na Paraíba (1913-1942)

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Neste levantamento, foi possível perceber que os 18 estudos, em sua maioria estão amparados no campo da História da Educação, sendo 18 produzidos e publicados após o ano 2000, e um no ano de 1997, cinco são dissertações, 13 são teses. Ficaram evidentes neste levantamento, que existem mais estudos neste sentido nas regiões do Sul e Sudeste do Brasil. O que remonta a pertinência desse estudo ao tratar de uma parcela da história da higiene no nordeste brasileiro. Da mesma forma, verificou-se que a maioria dos estudos abordara o processo do higienismo entre o final do século XIX e as primeiras três décadas do século XX.

Quanto aos sujeitos da pesquisa houve destaque para a higiene relacionada à criança, à escola e a influência médica no espaço escolar e prescrições não restritas aos conteúdos de saúde, mas também buscavam ao moldar e controlar o comportamento dos indivíduos e de seus pares.

Sobre isso Mariano esclarece que:

As escolas eram vistas como importantes, mas deveriam passar pelo crivo médico, caso contrário, representariam um perigo para a população e, conseqüentemente, para o futuro da nação. Nesse processo, uma regulamentação externa e interna, por fora e por dentro, transformaria essa instituição em uma poderosa arma do desenvolvimento da sociedade (2014, p. 78).

Apesar das distâncias territoriais, os dados apresentados são compostos de semelhanças, o que possibilita reflexão sobre o entendimento de um movimento nacional que orquestrava as ações a serem ensinadas e cobradas pelas vias da educação. Assim, quando Gondra afirma que “a própria invenção da educação escolar no Brasil se deu a partir de uma matriz médica” (2004, p. 83), consolida a noção sobre o envolvimento médico na estrutura física e intelectual no contexto da educação no Brasil.

No intento de estabelecer uma proximidade entre o objeto da pesquisa e a pesquisadora, para o encontro com o tema, buscou-se eleger um precedente que permitisse a materialização pautada na solidez e pertinência em uma propedêutica.

Então, para esse momento, a pesquisa apoia-se na metodologia da metáfora⁷, que segundo Assmann (1996), trata-se de uma experiência personalizada do descobrir uma nova forma de pensar. Nesta perspectiva, parte-se da concepção semiológica preconizada para realização de um curativo⁸, permitindo transpor, no mesmo sentido, ao rigor teórico-metodológico necessário para construção desta dissertação.

Desse modo, no uso estratégico da metáfora, apoiou-se naquilo que consistem os passos técnicos para a realização do procedimento de um curativo, assim nos aproximamos do rigor técnico necessário a elaboração de uma pesquisa.

O *Primeiro passo*: foi realizar a anamnese⁹, saber quais eram os recursos humanos e materiais disponíveis e como tais ações implicariam na escolha, na proposta de tratamento mais adequado respeitando a individualidade necessária ao pretendido estudo.

Partindo dessa concepção, o *segundo passo* foi vestir a paramentação adequada, essencial à realização de intervenções que visam atender as

⁷ Metáfora - Figura de linguagem onde o significado natural da palavra é substituído por outro em virtude da semelhança subentendida. Fonte online: <http://www.priberam.pt/dlpo/met%C3%A1fora>.

⁸ Curativo - Historicamente o tratamento de feridas tem como filosofia, a proteção das lesões contra a ação de agentes externos físicos, mecânicos ou biológicos (BRUNNER & SUDDARTH, 2005 p.1733). Jeter e Tintle (1991) destacam na história a riqueza em procedimentos e materiais pungentes, coloridos e ritualísticos, usados no cuidado com as lesões. Alguns exemplos de elementos usados em curativos ao longo da história são: teias de aranha, fezes, hidroterapias e outros tantos. Na atualidade, o curativo, tem como proposta terapêutica, cuidados localizados (em ferida, corte, machucado, incisão cirúrgica etc.) de antisséptico, medicamento e cobertura protetora para limpar, tratar, resguardar de agentes infecciosos, propiciar a cicatrização e a cura.

⁹ Anamnese: 1 História pequena. 2 Informação sobre o princípio e evolução de uma doença até à primeira observação do médico.

normatizações de segurança e qualidade. Ao iniciar o procedimento investigativo, foi preciso prover recursos; como as fontes históricas inseridas no contexto idealizado, coletando informações sobre pesquisas já publicadas com base na temática escolhida para então estabelecer um plano de “cuidados” no desenvolvimento da pesquisa.

No terceiro passo: que envolve informar sobre procedimento ao “paciente”, o que comparou-se ao momento da apresentação do projeto de pesquisa à banca de seleção ao mestrado. Assim como na apresentação, o compromisso e a postura são habilidades essenciais, pois, para aqueles que pretendem invadir ou explorar a intimidade de um determinado estudo, sendo este: “indivíduo, campo ou lugar”. Com a “aprovação” ou consentimento positivo, deu-se continuidade na intervenção. De posse da permissão, iniciaram-se a organização dos documentos e instrumentos, necessários ao procedimento da pesquisa idealizada.

O quarto passo: verificar a prescrição, para dar início ao processo que, indiscutivelmente seria impossível sem a orientação do Professor Dr. Cristiano de Jesus Ferronato, pesquisador e historiador, cujos ensinamentos “alumiam” e permitiram a esta “aluna” adentrar em um campo tão complexo do saber até então “absolutamente obscuro”, avesso ao pragmatismo da formação dessa pesquisadora.

No quinto passo: do procedimento, deveria ser preparado o ambiente para o cuidado, da mesma forma para a pesquisa, ao estabelecer o marco temporal e as referências que definiram o estudo. Preparar a área de trabalho, organizar leituras, fichamentos, visitar arquivo, explorar e juntar fontes, iniciar escrita, excluir os dados não pertinentes.

Sexto passo: chegou o momento de aprofundar a pesquisa e para isso foi necessário “remover a cobertura”. Durante observações minuciosas começaram a ser desvendadas algumas suposições, porém ainda era preciso agir delicadamente e de forma cautelosa a fim de evitar desconforto, fadiga, interpretações danosas.

No sétimo passo: deveria fazer expressões para diagnosticar o grau da lesão. De forma análoga, reler e vasculhar os documentos de forma a encontrar vestígios que levassem a novas informações. Mantendo o rigor da técnica asséptica, assegurando-se da confiabilidade das fontes eleitas, comparando evidências com as pesquisas dos referenciais apoiadores.

No oitavo passo: proceder a limpeza da lesão, de cima para baixo e do centro para fora, no sentido da pesquisa estabelecer um padrão de estudos para manter coerência da escrita, zelar pela lisura e integridade dos dados obtidos.

Nono passo: aplicar nova cobertura de forma a proteger todas as bordas da lesão, mantê-la protegida de umidade e sujidades. Os resultados esperados no procedimento do curativo seriam a regeneração dos tecidos, restauração das atividades do local afetado e consequentemente do indivíduo cuidado. Porém não havendo resposta positiva, deve-se reiniciar todo processo, reavaliar a intervenção e refazer o plano de cuidados. O que modo similar ocorre nos estudos científicos, sendo necessários vários experimentos para a escrita de um único parágrafo e nesse propósito exige-se do pesquisador dedicação, persistência, até o resultado esperado seja alcançado.

Décimo passo: após o término do procedimento, realizar lavagem das mãos e evolução no prontuário do paciente. Eticamente, neste momento obriga-se informar ao paciente sobre o término do procedimento, orientando-lhe sobre o próximo a ser realizado e sobre a condição atual da sua lesão.

No sentido da pesquisa, coube organizar as seções no contexto das ideias, decifrando-as, colocando-se à disposição para sugestões, críticas e argumentações, permitindo-se ao embate recorrente de ideias, canalizando as considerações no entendimento de contribuição à História de Educação.

Após a leitura e construção das ideias, visou-se aproximar e estabelecer um diálogo entre as fontes e referenciais da educação e saúde. Futuramente, almeja-se aprofundar os conhecimentos em uma linha de estudos que possa ser perpetuada por outros pesquisadores, ressaltando sobre as possibilidades de discussões e reflexões interdisciplinares e que possa gerar significativas contribuições científicas.

Ressaltando ainda que algumas fontes encontram-se cuidadosamente preservados, já que esta pesquisa não tem por pretensão esgotar as discussões em torno da higiene, percebemos nesta temática grandes possibilidades de estudos passíveis de reflexões das quais possam ser revelados outros fatos que remetem a história das sociedades.

1.3 Sobre a disposição do texto

No que se refere à estrutura da dissertação, esta foi dividida em Introdução, seguida por três seções, mais as considerações finais. Conduzida nos direcionamentos da História da Educação e na perspectiva teórica metodológica da história cultural, tendo como conceitos principais os de circulação, representação e práticas, dialogando com a cultura como um “conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2004, p.15).

Na introdução, apresenta-se o itinerário da pesquisa, aborda-se a Educação e Higiene no Brasil e em Sergipe na passagem do Império para a República, no encontro com o tema, foi necessário alinhar evidências e promover uma discussão entre as histórias das instituições escola e saúde, de modo a interpor a higiene em ambos os setores.

Na segunda seção descreve-se o processo de “Medicalização na construção das ideias de higiene”, mediada pelas transformações ocorridas com movimento higienista no Brasil e em Sergipe. Em seguida, trata-se da “Gênese da Higiene no Contexto Educacional”, com ênfase na formação médica. Na sequência, apresenta-se o “Discurso médico na intervenção escolar e da família” e encerra-se esta seção com os ensinamentos sobre doenças que as normalistas deveriam conhecer - “Das moléstias que se propagam no meio escolar”.

Na terceira seção, trata-se sobre a Cadeira de História Natural e Higiene Geral e Escolar na escola normal de Sergipe; A influência médica na Escola Normal de Sergipe; Cultivar nos alunos os princípios higiênicos - O Manual da boa marcha para apurar os sentidos e modos das crianças. Desse modo, investigar e organizar os vestígios que ao serem confrontados, indicaram o percurso histórico da Cadeira de História Natural como sendo o berço da Higiene Geral e Escolar em Sergipe.

Nas considerações finais, as ideias foram organizadas no sentido de contribuir com as “forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, e que se dedicam à ciência do passado e do tempo descrito pelos historiadores” (LE GOFF, 1994, p. 96), tomamos por missão elaborar uma reflexão sobre parte da ação educadora da higiene, representada por ações que influenciaram na mudança de hábitos e comportamentos individuais e coletivos.

Neste campo, os médicos como prescritores de normas higiênicas, as professoras como as primeiras educadoras em saúde no anos iniciais do século XX, as escolas como meio de difusão das idéias higienistas, as mulheres como foco das intervenções que deveriam chegar às famílias. Ressalta-se os jornais e o rádio como um dos veículos de comunicação, tiveram seu papel de reconfigurar e moldar sociedade.

2 EDUCAÇÃO E HIGIENE NO BRASIL E EM SERGIPE NA PASSAGEM DO IMPÉRIO PARA A REPÚBLICA: “Remover o curativo”

O objetivo desta pesquisa é analisar a cadeira de “História Natural no que diz respeito à Hygiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe, e sua contribuição na promoção das noções de higiene aos agentes educativos, uma vez que “a hygiene escolar não pode passar sem ocupar-se da hygiene infantil propriamente dita” (ANDRADE, 1913, p. 110). Tal análise tem como aporte a perspectiva da História da Educação, buscando “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída e pensada” (CHARTIER, 1990, p. 16).

Na realidade social no final do Império e início da República as questões relativas à higiene, adquiriram *status* de prioridade, neste sentido várias leis eram criadas na intenção de ordenar e proteger a sociedade. Nesse aspecto, normas de higiene eram pensadas e por meio de decretos regulamentadas. Assim os diferentes dispositivos surgiam e convergiam para a conformação de um novo espaço social sanitizado, da mesma forma, que era preciso moldar um novo “homem”. Assim para esta missão a educação escolar foi designada, assumindo o propósito regenerador dos sujeitos.

Em Sergipe como visto em outras localidades, no período de transição entre o Império Brasileiro e a República, mais precisamente, entre os anos de 1879 a 1930, que são os anos que demarcam temporalmente este trabalho. Identifica-se a ocorrência de mudanças no contexto educacional que visavam atender a normatização imperial, regulamentada pela reforma Leôncio de Carvalho (1879) que determinava o ensino de higiene no currículo de formação dos professores.

Este novo passo representou a inclusão de novos sujeitos na defesa das noções de higiene foi importante aquisição no funcionamento das normas de higiene que doravante deveriam fazer parte do cotidiano da população, tomando a educação como meio divulgador mais propício. A Escola Norma contribuiu e “mobilizou diferentes agentes do governo e da sociedade que [...] acreditando na formação da infância a partir da educação escolar”, professou a nova cultura higiênica. (MARIANO, 2015, p. 147).

Este novo posicionamento em relação às noções de higiene conquistou vários seguidores, dando origem ao chamado “movimento higienista¹⁰”, que sob o crivo da medicina, expandiu da Europa para vários países do mundo. Tais noções passaram a ser entendidas como uma doutrina a ser amplamente divulgada e praticada nos espaços urbanos, trazendo no seu bojo maiores propósitos atribuídos como valores civilizatórios, sob o escudo da defesa da vida, mudanças comportamentais impostas em nome da saúde.

O higienismo, como ficou conhecido pela historiografia definiu um movimento compreendido com o significado de transformação social, marcado no sentido da substituição de hábitos tidos como insalubres em novas condutas prescritas de saúde, o que motivou a sua importância social, reforçado pela busca que permeava interesses diversos: sociais, econômicos, científicos. Uma vez que [...] “prevenir antes de curar, erradicar o mal antes que ele se manifestasse era o lema dos higienistas especialistas no ramo” (SCHWARCZ, 1993, p. 206).

Sobre isso kuhlmann (1998, p. 81) afirma:

Os higienistas discutiam os projetos para a construção de escolas, a implantação dos serviços e inspeção médico-escolar, e apresentavam sugestões para todos os ramos do ensino, em especial com relação à educação primária e infantil, essa busca das ações higienistas nas escolas passou a influenciar a rotina e a fazer parte do cotidiano escolar.

Sobre a propagação das ideais higienistas no estado de Sergipe, estas foram efetivamente documentadas no período republicano, período reconhecido por intensas melhorias no controle das epidemias, que já vinham causando grandes perdas à população. Esse fato enobreceu as causas higiênicas e fortaleceu a adesão da sociedade, diante da sua importância social e cultural.

Desse modo, Soares afirma;

A saúde era assegurada pela salubridade, conseqüentemente, mudanças eram necessárias nesse duelo travado, em especial, no que diz respeito às propriedades privadas, pois o Estado deveria agir não apenas nas vias públicas, mas também nas casas e nos corpos,

¹⁰ O higienismo foi um movimento iniciado na Europa que intensificou-se no final século XIX e início de século XX, chegou ao Brasil, mediante reapropriações e reinterpretações, um novo ideal, com a preocupação central na saúde. Chamado de “movimento higienista” (Soares, 1990) ou “movimento sanitaria” (Hochman, 1998).

primeiro através de uma legislação higiênica, logo em seguida pela propaganda higienista e eugênica (SOARES, 2011, p. 11).

Vários mecanismos foram efetivados na busca dos interesses inerentes à melhoria das condições de saúde da população, pois, as autoridades públicas da época, que levaram a produção de práticas que passaram ser percebidas e absorvidas pela sociedade, no entanto;

Segundo Chartier;

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (1990, p. 17).

Na busca pelas questões da higiene e da educação em Sergipe no período aqui analisado, percebe-se nos relatórios de presidentes da província a preocupação sempre constante com as coisas da instrução e da higiene. O presidente da Província de Sergipe, Tenente Coronel Francisco José Cardoso Junior em seu relatório datado de 4 de março de 1870, descreve a fragilidade da instrução pública da época, demonstrando sua preocupação e de certa forma cobrando dos responsáveis providências que gerassem melhorias na instrução pública.

Observar attentamente a mor parte das escholas disseminadas pela Província; indague accuradamente as vantagens que della provem, e o desânimo apodera-se-há de nosso espírito: verei alumnos sem adiantamento, mestres sem a mínima vocação; verei confusão de methodos – aqui um systema, alli outro, - por toda a parte a confusão levada onde se deveria reinar ordem, harmonia e a dedicação (Sergipe, 1870, p. 26).

Neste mesmo relatório, no anexo da Diretoria da salubridade Pública, o seu diretor apresenta preocupação similar em relação às questões da salubridade pública, apresentando em seu discurso a busca do progresso da atenção à saúde pública. Segundo ele:

Notão-se aqui inúmeraveis violações hygienicas e bastantes necessidades públicas que continuam por não ter podido realizar certos meios concernentes [...] Posso a esboçar o quanto sei de algumas localidades nas quis ocorrem multiplicados casos de

reumathismo, fluxão catarral, febre intermitente – simples e perniciosa – sarampão – tísica laryngea e pulmonar - pneumonia – ephibalnias – gastrite – metríle – sarna – e várias afecções cutâneas (Sergipe, 1870, p. 16).

Os dois relatos indicam as condições frágeis que a educação e a saúde da sociedade sergipana nos anos finais do século XIX, justificando-se a necessidade de esforços no propósito de sua transformação, já vislumbrando que tal resgate estaria necessariamente sob as condições de educação para formação de indivíduos que viessem contribuir na construção de uma sociedade educada e saudável. Para isso era preciso [...] investir cada vez mais nesse setor. Assim, “regulamentações variadas, começaram a dar forma ao universo e a população escolar” (MARIANO, 2015, p. 149).

As ideias higienistas suscitavam interesses comuns, de modo que, vários intelectuais, escreviam e publicavam nos jornais da época transmitindo as “novas ideias higiênicas”, que evocavam a promoção de hábitos salubres e civilizadores por meio daquilo que acreditavam como verdade. Um desses intelectuais utilizando o pseudônimo de Marcial escreveu no Jornal Diário da Manhã, no ano de 1911, descrevendo o que ele denomina de situação de “má higiene” em que se encontrava o mercado público da cidade de Aracaju no início do século XX. Ele diz:

Começarei pelo Mercado publico. Um pardieiro velho sem hygiene, sem conforto, sem direcção, sujo, imundo, foco de miasmas, delecterios, centro de podridão é o mercado onde se abastece a população de nossa capital. Em cada porta agglomera-se dezenas de chagosos e leprosos a mendigarem a explorarem a caridade publica [...], Si chove, as águas que caem da cobertura esburacada, formaram um lamaçal que, de commum com os materiais fecaes guardadas por debaixo das bancas das quitandeiras em panelas de barro, exalam fétido que provocam náuseas, [...] sem latrina, sem exgotto, sem água, as quitandeiras alli mesmo satisfazem as necessidades corporaes, e para isso tem suas bancas distantes das paredes e á tarde assiste-se com repugnância o triste espetáculo dos despejos no nosso estuário, em plena rua do comercio. (Jornal Diário da Manhã, 1911, p. 1. col. E).

Este cenário indicava a preocupação para com os espaços públicos, de modo singular alguns cidadãos, que passavam a denunciar e cobrar dos poderes públicos

constituídos, intervenções de segurança no trato de ambientes socializadores, pois estes, também poderiam ser potenciais fontes disseminadoras de doenças.

Para isso, o processo educativo higiênico foi ampliado, ultrapassando os ambientes da escola. As novas regras salubres que deveriam ser praticadas, permeavam situações que envolviam particularidades individuais e coletivas e para isso “os médicos procuraram ocupar o lugar de destaque na formulação de projetos e [...] ordenar o espaço, civilizar os homens e regenerar a cidade” (GONDRA, 2004, p. 100-101).

As transformações pelas quais as sociedades do início do século XX estavam passando, levaram a emergir a necessidade de estabelecer um enfoque no pensamento mais complexo criando-se regras de conduta. Essa noção viria na necessidade de atender a demandas que surgiam na nova realidade das cidades em processo de civilização.

Segundo Finkelman, (2002, p. 38).

O cólera, a peste e a febre amarela eram as três doenças em relação às quais havia maior atenção dos países; seu significado transcendia ações específicas de combate e consistiram importantes elementos na própria configuração e reconfiguração dos Estados modernos

O apelo à construção de uma nova sociedade exigiu transformações sociais, políticas, culturais e econômicas em várias civilizações. As ideias higienistas propagadas inicialmente na Europa foram absorvidas por outras nações durante os séculos XIX e XX. Caracterizada por intervenções educadoras e civilizatórias que convencionavam normas, valores e funções de comportamentos corporais moralmente aceitos. De modo especial os valores sobre a “limpeza e a sujeira passaram constituir um conjunto de práticas culturais e sociais eleitas para atender aos anseios da sociedade idealizada” (BUENO, 200, p.1).

No final do Império do Brasil, segundo Faria Filho (2003, p. 147), os médicos higienistas denunciavam:

[...] o mal causado as crianças pelas péssimas instalações escolares, também expunham o quanto a falta de espaços e materiais não higienicamente concebidos era prejudicial à saúde e à aprendizagem dos alunos lembrando que muitas escolas funcionavam na casa da professora, em condições inadequadas ao ensino aprendizagem.

No caso da higiene, a medicina imprimiu suas “verdades” constituídas no positivismo das ciências médicas, ressaltadas no entendimento de que “o poder depende do crédito concedido à representação” (CHARTIER, 1990, p. 17). A medicina exerceu forte influência para a transformação sociocultural, permitidas pela autoridade concedida para a tomada de decisões outorgada pelos poderes constituídos, de forma educar a população em geral.

2.1 Medicalização da educação na construção das ideias sobre Higiene

Nesta sub-seção temos como objetivo discutir as questões relativas à construção do saber médico nos oitocentos, no Brasil e em Sergipe, com o intuito de entender a importância da cadeira “História Natural e Hygiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe, respaldados por conteúdos da hygiene que já eram ensinados na formação médica desde o Velho Mundo. Assim, os mesmos referenciais científicos, foram importados para o Brasil, pois, inicialmente os currículos das faculdades de medicina no Brasil, obedeceram aos “estatutos escolares de Coimbra” (MELLO, 1863, p.410).

Segunda Cunha (2003, p.161) “o Ensino Superior no Brasil durante todo o período imperial (1822-1889), ganhou mais densidade, novas cátedras se juntaram em cursos que, por sua vez, viraram academias, mas o panorama não se alterou substancialmente”.

No quadro abaixo, apresenta-se a organização das cadeiras distribuídas para cada ano de formação, que permanecia segundo a normatização de 1813¹¹, como também, os lentes em suas respectivas cadeiras. Desde então, verifica-se o ensino de higiene que ocorria a partir do 3º ano da formação em medicina, ministradas na Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, atualmente a Universidade Federal de Medicina do Rio de Janeiro.

¹¹ A história da Faculdade de Medicina remonta à Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, fundada pelo médico pernambucano Correia Picanço através de carta régia de 5 de novembro de 1808 emitida pelo príncipe-regente D. João, pouco após a Transferência da corte portuguesa para o Brasil (1808-1821). Entretanto, somente em 29 de setembro de 1826 foi autorizada pelo imperador Pedro I do Brasil a emitir diplomas e certificados para os médicos que faziam tal curso no Brasil, ainda que a Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro tivesse sido fundada 13 anos antes, em 1813. A transformação em *Faculdade de Medicina* ocorreu em 1832, através de lei sancionada durante a Regência Trina. Fonte: http://www.medicina.ufrj.br/colchoes.php?id_colchao=1

Em 1º de abril de 1813, por projeto de Manuel Luís Álvares de Carvalho, foi fundada a Academia Médico-Cirúrgica no Rio de Janeiro. Mesmo após criada a Academia, apenas em 29 de setembro de 1826, por Decreto-Lei de Dom Pedro I, foi autorizada a emissão de diplomas e certificados para os médicos que faziam o curso no Brasil (BRASIL, 2014).

Quadro 2 - Disciplinas e docentes da formação em medicina no ano de 1832.

SÉRIE	DISCIPLINA	LENTE
1º ano	Anatomia em geral, química, farmacêutica e noções de matéria médica e cirúrgica sem aplicações.	Joaquim José Marques
2º ano	Anatomia (repetição) e fisiologia.	Joaquim da Rocha Mazarém
3º ano	Higiene, etiologia, patologia e terapêutica.	Vicente Navarro de Andrade ¹²
4º ano	Instruções cirúrgicas, operações e arte obstetrícia.	Manuel Álvares da Costa Barreto.
5º ano	Prática de medicina, assistência às lições do quarto e obstetrícia.	José Maria Bomtempo

Fonte: Organizado pela pesquisadora - *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz – Fonte: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>*.

Durante os oitocentos a cadeira de higiene permaneceu como conteúdo curricular da formação médica, observando-se suas permanências mesmo após sucessivas reformas do ensino brasileiro. É possível inferir que o ensino de higiene no Brasil “desenvolvia um saber e uma prática médica centrada na melhoria da saúde da sua população” (MARIANO, 2015, p. 26).

Assim, iniciava a construção de uma categoria que viria firmar-se como produtora de saberes e detentores de poderes constituídos, “a medicina, portanto devia interferir na política para minorar a desigualdade social e acabar com as causas sociais da doença, devia ordenar o que estava injusto” (LIMA, 1985, p. 82).

Na representação simbólica da medicina o pesquisador Jofre Rezende, (2009) descreveu que na mitologia grega a filha de Esculápio, *Hygéia* era considerada a deusa da saúde e limpeza de onde deriva a palavra higiene. No mesmo contexto, o cálice simboliza o poder, a cobra a cura, que enrolada no cálice,

¹² Vicente Navarro de Andrade médico luso-brasileiro. Formado pela Universidade de Coimbra, professor da Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, além de médico de D. Pedro I. [...] Depois da admissão do Dr. Navarro, este, passou reger a cadeira do 3º ano, sendo então as matérias hygiene, pathologia. therapeutica. (MELLO, 1863, p. 428).

autoafirma poder da cura sobre a doença. Conforme pode ser visualizado na figura abaixo, símbolo da Lynchburg Academy of Medicine Alliance, fundada em 1893, no estado da Virginia, nos Estados Unidos.

FIGURA 1: Representação de *Hygéia* na medicina.



Fonte: Disponível em <https://lynchburgmedicineva.wordpress.com/lama/hygeia-blue/#main> – Acesso em: 12 out. 2015.

Hygeia foi importada pelos romanos e passou a ser denominada Salus “Saúde” e posteriormente, sua representação ficou associada com a prevenção de doenças e na manutenção da boa saúde.

No que diz respeito ao asseio, no dicionário Aurélio, o significado da palavra define-se como: “asseio” a ação ou efeito de assear ou assear-se. Trata particularmente daquilo que é limpo; limpeza. No mesmo dicionário o significado da palavra higiene entende-se como “um conjunto de regras e práticas relativas à conservação da saúde: ter a preocupação da higiene” (AURÉLIO, 1975).

Soares (2011, p. 9) ressalta que;

O corpo, assim como os odores, são práticas educativas, percepções sociais e históricas. Estão impregnados de valores culturais e são empregados pelas sociedades como um meio adequado e um modelo para definir e interagir com o mundo. Em alguns momentos, os códigos olfativos servem mais para dividir e oprimir os seres humanos do que para uni-los.

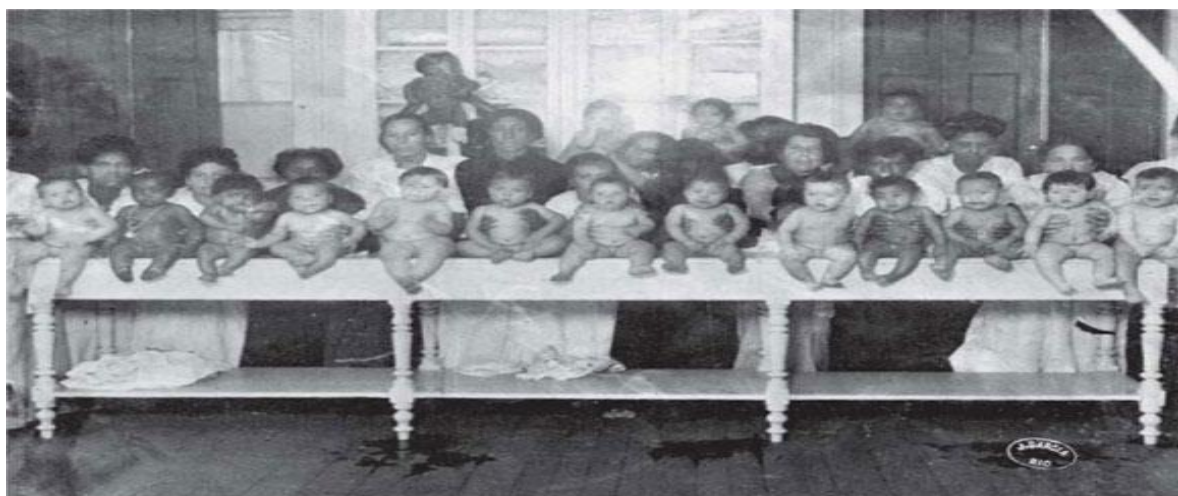
A escola deveria produzir sujeitos higienizados, onde o corpo do aluno passava a receber *status* definidor do bom aluno. Também, verifica-se o reconhecimento e a preocupação com as condições insalubres de trabalho das professoras, de modo que:

[...] exigir do professor 5 horas diárias de tensão cerebral e de esforço vocal, sem contar o tempo de que necessita para o projeto das multiplas materias que tem de lecionar; trasformá-lo em mero empregado burocratico, cujo trabalho se mede pelo número de horas regulamentar, e não pelo esforço intelectual a depender é sacrificar inutilmente a sua saúde, é contrariar os instintos da pedagogia científica e da hygiene escolar (MELLO, 1902, p. 68).

De acordo com esta citação, nota-se que o médico recomendava boas condições “higiênicas” para que a docência fosse priorizada, evitando o *stress* diante das várias horas de trabalho, que levaria prejuízos à saúde da professora e consequente queda na produtividade e qualidade do ensino.

Para atender as crianças menores, o governo incentivava a boa alimentação e nesse sentido organizava o “concurso de robustez”, onde as mães inscreviam seus bebês no concurso, e ali apresentavam seus filhos para serem avaliados por uma comissão que ao término ofereciam prêmios aos mais robustos. Para as mães participantes, restava o orgulho, pelo reconhecimento social como uma “mãe exemplar”.

FIGURA 2 – 19º Concurso de robustez



Fonte http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702011000500011&script=sci_arttext – Acesso em: 14 jan.2014.

A simbologia das representações sobre a higiene, ao corpo era determinado uma padronização onde a robustez representava força e saúde, opondo-se ao magro que em sua representação traduzia fraqueza e, portanto não higiênico, assim a higiene não se caracterizava somente pela limpeza do corpo.

As mães sergipanas também eram estimuladas a aderirem aos bons costumes relacionados ao “asseio e a moralidade”, consideradas “mestres” dos seus lares, eram motivadas à fim de exercitarem tais condutas em seus lares.

Como publicado no Jornal Correio de Aracaju no ano de 1915;

E vos mães cujo coração é o precioso e opulento, onde se guarda e recolhe o mais puro e oiro dos afetos [...] não renuncieis a mais alta prerrogativa que vos outorgou a natureza e a mais santa missão vos confiou a sociedade: a missão grande de serdes os primeiros mestres dos vossos filhos. Fostes suas mestras desde o primeiro instante em que seus vagidos infantis vos despertaram [...] se tiverdes filhas reduplicarás ainda mais os vossos esforços por lhes dar os mais rígidos exemplos de virtude, afim de que em nenhum tempo deslizem, em nenhuma linha da trilha do bem e do dever; seja-lhes a todo transe e com o mais acendrado zelo, mantida a modéstia, a compostura no viver e proceder, a descrição no andar e no falar, a decência e singeleza (Jornal Correio de Aracaju, 2 abr.1915).

A representatividade da higiene era associado à integridade moral comumente relacionada a mulher na divulgação de produtos de higiene, sempre presente nos anúncios de jornais do início do século em Sergipe. De acordo com (SOARES 2011, p. 139), o acesso aos jornais era previsto;

[...] apenas a elite tinha acesso a esses veículos, o que não impede, por exemplo, do saber ser passado de boca em boca. As moças da elite mandavam suas empregadas prepararem ou aplicarem as efusões em seus corpos, espalhando, assim, esses ensinamentos. As mulheres cochichavam entre si as receitas de manter a beleza por meio da higiene.

As propagandas de medicamentos prometiam curar vários problemas de saúde com uma única fórmula, e para vender seus milagrosos produtos, se valiam das representações que remetesse as ideias de segurança e da boa qualidade. Na figura abaixo a propaganda ofertava o “Vinho Iodo Phospato”, que servia para tratar

anemia, lymphantismo e a debilidade, daqueles cujo o corpo sentia algum dos sintoma ou que se aproximasse dos citados no rótulo do medicamento em questão.

FIGURA 3: Anúncio de medicamento publicado no Jornal que circulava em 1922.



Figura 3 - Fonte: Jornal do "Correio de Aracaju" de 1922.

<http://memoriasdeaju.weebly.com/anuacutencios-curiosos-do-seacuteculo-xx.html>

Acesso em: 15 jan.2014.

Muitos anúncios de produtos tinham as mulheres como as freguesas mais indicadas para adquiri-los, variavam entre medicamentos, gêneros alimentícios, higiene do corpo e da casa, a exemplo do produto acima representado por uma jovem mulher, com trajes de enfermeira e aparentemente uma celibatária, dava ao produto anunciado um caráter de pureza e confiabilidade.

Para Freire ((2009, p. 18).) em sua tese “Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas” as estratégias propostas não se resumiam a ações de assistência, mas abrangiam também a educação das mulheres, “a boa mãe”, de forma a garantir a formação física e moral dos filhos, por meio da aplicação dos princípios da puericultura. Nesse caso [...] o papel específico dos médicos higienistas na elaboração desse discurso, “partiam” da convergência de interesses entre mulheres e médicos, quanto à valorização da maternidade.

A cultura impressa tinha poder de gerar opinião na sociedade, portanto, a relevância em registrar e discutir sobre a ação educadora e seu poder de influências na mudança de hábitos e comportamentos dos indivíduos de uma determinada

época, reconfigurando e moldando continuamente toda a sociedade, e assim sua história e cultura.

Segundo Pesavento,

A História cultural pressupõe ainda um método, trabalhoso e meticuloso, para fazer revelar os significados perdidos do passado. Pressupõe ainda uma carga de leitura ou bagagem acumulada, para potencializar a interpretação por meio da construção do maior número de relações possível entre os dados. Como resultado, propõe versões possíveis para o acontecido, e certezas provisórias (PESAVENTO, 2003 p.119).

Nesta relação de poder, a ação disciplinadora higienizadora deveria ser prescrita pelo médico e cumprida por todos os indivíduos, sob a pena, de serem colocados no “isolamento” social, ao serem declarados doentes ou degenerados, pelo não cumprimento dos padrões higiênicos prescritos; o fato de “medicalizar alguém era mandar para fora do espaço urbano, a fim de purificar os outros corpos, os ditos saudáveis” (SOARES, 2011, p. 10).

Nesse modelo foram criados os leprozários e sanatórios onde eram internados os doentes de lepra (Hanseníase) e de Tuberculose. Doenças que carregavam consigo o rótulo de inimigas das sociedades e, portanto, os acometidos deveriam ser isolados em locais higienicamente escolhidos para a construção dos serviços especializados.

O médico Oswaldo Gonçalves Cruz¹³, no prefácio da sua tese intitulada *Veiculação Microbiana pelas Águas*, apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 8 de novembro de 1892, destaca sobre sua passagem no laboratório de Hygiene, onde trabalhou como ajudante do preparador e faz referência sobre a criação do Instituto Nacional de Hygiene ocorrido em 1890.

Durante o tempo de laboratório muito aproveitamos não só dos ensinamentos de nosso sábio mestre, o Sr. Dr. Rocha Faria, como também do ilustrado e talentoso Dr. Ernesto Nascimento Silva [...] Ao sábio lente de hygiene [...] escolhemos para assumpto de nossa dissertação a “vehiculação microbiana pelas águas”, assumpto vasto,

¹³ Oswaldo Cruz (1872-1917) foi médico sanitário, bacteriologista e epidemiologista brasileiro. Com 19 anos, publicou dois trabalhos sobre microbiologia. Depois de formado trabalhou no Laboratório de bacteriologia da Cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina. Foi para Paris e ingressou no Instituto Pasteur. Depois de três anos volta ao Brasil e é encarregado de combater o surto de peste bubônica que assolava o porto de Santos. Foi indicado para Diretor Técnico e depois Diretor geral do Instituto que recebeu o nome de Instituto Oswaldo Cruz. Debelou a peste bubônica, a varíola e a febre amarela que assolavam o país.

de palpitante interesse e cheio de conclusões praticas da mais alta monta. Dividimos o nosso trabalho em três partes: I Agua e os micróbios. II Prophylaxia contra a infecção pelas aguas. III Exposição dos processos de thecnica empregadas na realização das experiências (CRUZ, 1892 p. 2-3).

O início da república trouxe a materialização de um órgão nacional que teria a função de reger as causas da higiene e assim conduzir o restante da nação para sua prática. No entanto, há que se “considerar estas representações como as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas” (CHARTIER, 1990, p.18).

Em 1902, o então Presidente Rodrigues Alves, priorizou os projetos de saneamento, que foram iniciados com reforma urbana da cidade. Para essa tarefa convidou o engenheiro Pereira Passos e o médico higienista Oswaldo Cruz para a Diretoria Geral de Saúde Pública, o que iria inaugurar a nova era para a higiene nacional. Ampliou as atividades do Instituto Soroterápico Federal, que não mais se restringiu à fabricação de soros, passou a dedicar-se também a pesquisas e qualificação de profissionais.

Oswaldo Cruz, estruturou a campanha contra a febre amarela criou a polícia sanitária, iniciou sua luta contra a peste bubônica. Em 1904, tornou obrigatório em toda República, vacinação contra varíola decreto nº 1.261 de 31 de outubro daquele ano (FUNASA, 2014).

A escola higienista representava a possibilidade de modernização, e nestes desdobramentos os médicos receberam total apoio e autonomia para decisões, assim os sujeitos deveriam seguir a voz da ciência, segundo defendeu o ex-presidente Afonso Pena em 1907;

Normalizar esse ramo do serviço público é uma necessidade que se impõe; e eu espero e confio que para isto não poupareis esforços, discutindo e votando uma reforma séria e capaz de satisfazer as exigências do ensino moderno (Mensagem ao Congresso Nacional, 1907).

Na concepção médica higienista era preciso intervir para prevenir as doenças, para tanto, tratar “o ar, a água, as habitações, a sujeira, a pobreza, tudo poderia causá-la”. Essa “condição permitia que os higienistas atuassem como tradutores dos mais diversos interesses” (FINKELMAN, 2002. p. 39), tomando decisões para o bem da nação.

A Liga Pró-Saneamento foi fundada em 1918, responsável pela reforma da saúde pública e pelo saneamento dos sertões alcançou repercussão nacional, assim lançou-se a ideia para uma "cruzada da medicina pela pátria"; para estes higienistas, ao médico cabia “substituir a autoridade governamental, ausente na maior parte do território nacional” de modo, a intervir na vida e na saúde das pessoas. Também “indicava sobre a necessidade de criação de um Ministério da Higiene e Saúde Pública e um Departamento Nacional de Saúde Pública” (FIOCRUZ, 2016).

Segundo Finkelman (2002), no mesmo ano na Faculdade de Medicina de São Paulo, teve início do ensino da cadeira de higiene, esta, recebia apoio da Fundação Rockefeller que permaneceu subsidiando aos estudantes brasileiros mais interessados para irem especializar-se na Escola John Hopkins de Higiene e Saúde Pública nos Estados Unidos.

As décadas entre 1910 a 1920 foram decisivas na abertura higiênica das “fronteiras entre os *sertões* e o litoral, entre o interior e as cidades, entre o Brasil rural e o urbano em função do que consideravam o principal problema nacional: a saúde pública” (HOCHMAN, 2012, p.17). O médico sanitarista Carlos Chagas¹⁴ (1879-1934), ao sucedeu Osvaldo Cruz após sua morte em 1917.

Carlos Chagas idealizou a formação de recursos humanos altamente qualificados para enfrentar os problemas do desenvolvimento nacional, permaneceu no cargo até 1926 quando passou a responsabilidade a Clementino Fraga. O Estado passava a abordar a doença como um problema político, constatando o atraso e o abandono em que se encontrava a quase totalidade da população rural.

Assim, o Estado investiu no sentido da;

[...] na qualificação de pessoal cujas funções se ligavam às atividades de saúde pública manifestou-se na criação, em 1922, da Escola de Enfermagem Ana Nery; do curso de higiene e saúde pública da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1925) e do curso de higiene e saúde pública (1925) pré-requisito para o curso de aplicação do Instituto Oswaldo Cruz (LIMA, 2003, p 1042).

A saída de Clementino Fraga do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNPS) foi motivada pela Revolução de 1930, e ele foi substituído por Belisário

¹⁴ Carlos Chagas (1879-1934) foi médico, cientista, pesquisador e sanitarista brasileiro. Dedicou-se ao estudo das doenças tropicais. Descobriu o protozoário do gênero *Plasmodium*, causador da Malária. Descobriu também o parasita *Trypanosoma Cruzi*, o causador da doença de Chagas e seu agente transmissor o Barbeiro.

Penna, antigo companheiro de jornadas sanitárias e naquele momento seu opositor político. Vale ressaltar que, somente em 1953 foi criado o Ministério da Saúde.

As conquistas sanitárias da década de 1920, foram decisivas no controle de epidemias, o meio rural passou receber atenção e as ações educativas tornaram-se efetivas. A capacitação de profissionais favoreceu a disseminação das noções de higiene, contudo, as transformações foram lentas e o diálogo entre saúde e educação enfrentou grandes desafios que não foram sanados.

Ao observar sobre a intervenção pensada para mudança no caráter higiênico, sua representação deixa claro que a pobreza presente na vida das famílias era considerada como sinônimo de “imundície”. Como citado por Boarini e Yamamoto “a higiene, procura melhorar as condições do meio e as individuais, para tornar os homens em melhor estado físico” (2004, p. 5).

Para tanto era preciso sustentar:

A crença de que um país é o que a sua educação o faz ser, generalizava-se entre os homens de diferentes partidos e posições ideológicas e a difusão do ensino ou das luzes, como se dizia frequentemente nesse período, era encarada como indispensável ao desenvolvimento social e econômico da nação (BARROS, 1959, p.23).

Na Figura abaixo, é possível verificar a distância entre o real e o idealizado pelos higienistas e de posse do poder as eles conferidos, criavam normas de controle sobre o comportamento social, as condições de trabalho, de habitação e alimentação das populações, indicando o processo de medicalização da sociedade.

Figura 4: A casa do Jeca Tatu antes e depois do saneamento 1923¹⁵



Fonte: Casa de Oswaldo Cruz - Disponível em: http://www.epsiv.fiocruz.br/upload/d/cap_3.pdf - acesso em: 20/jan.2015

Sobre o propósito da apropriação médica nas questões higiênicas, daquela época, o médico paraense Carlos Pinto Seidl¹⁶ afirmou em sua tese intitulada “*Da etiologia perante o diagnóstico, a terapeutica e a hygiene*” que:

O médico tem um duplo dever: accodir à economia invadida pelos micróbios, dar-lhe pela hygiene e pela matéria médica tempo e força para destruir os invasores e inibir o desenvolvimento do micróbio do qual somos verdadeiros dominadores. Podemos com efeito mata-lo, diminuir-lhe a vitalidade a restringi-lhe a população, mudar-lhe a forma, modificar-lhe as funções, exaltar, restringir, suprimir, restaurar a virulência de um modo passageiro e durável (SEIDL, 1891, p. 48).

Com o discurso acima, a categoria médica auto-afirmava-se justificando suas práticas por sentir-se no direito e dever de “acudir a população” segundo seus conhecimentos exclusivos.

¹⁵ O escritor Monteiro Lobato fazia parte da intelectualidade que acreditava na pobreza e sujeira como sinônimos da ignorância, assim representou no personagem do Jeca Tatu, um roceiro portador de ancilostomíase, a imagem dos sertanejos doentes e das perspectivas de sua ‘redenção’ mediante a melhoria de suas condições de saúde.

¹⁶ Carlos Pinto Seidl, nascido em Belém em 1867, formado pela Faculdade Nacional de Medicina em 1891, teve ação destacada como sanitarista, tendo sido Diretor Geral da Saúde Pública, de 1911 a 1918, cargo equivalente ao de ministro da Saúde, e professor de Medicina Legal no curso de Direito. Foi eleito Titular da Academia em 1895, tendo-a presidido entre 1912-1913, tornando-se Emérito em 1927. Faleceu em 10 de outubro de 1929 (Meira, 1986, p. 50-5).

No entanto, com o crescimento populacional e industrial era necessário que os conhecimentos de higiene deixassem de ser exclusividade da medicina, e novos atores foram inseridos na luta higienista. Sobre isso, várias publicações passaram a circular junto ao seletor público letrado. Nestes, a doutrina higienista conclamava novos interlocutores dos conceitos salubres, “os educadores, os governos, os pedagogos, enfim, a sociedade” (NOVAES, 1979, p. 3).

A história da educação e a medicina mantiveram seus caminhos em paralelo e suas influências convergiam dentro de um mesmo interesse, assim poderiam atingir um maior número de indivíduos, estando à educação com a responsabilidade de inculcar novos comportamentos que traduziram em civilidade.

A gênese das ideias higiênicas no Brasil foram as faculdades de medicina criadas no período imperial. Para confiabilidade da pesquisa Chartier (1990, p. 85), recomenda “ser validada como reconstituição objetiva do passado conhecido através de indícios, isto é, da realidade reconhecida a partir dos seus vestígios”.

No caso de Sergipe, em setembro de 1892, foi regulamentado o “Serviço de Higiene Pública do Estado de Sergipe”. Publicado em 1893, este, tinha como propósito organizar a Polícia Sanitária definindo as atribuições do inspetor e dos delegados de higiene. Desse modo, normatizava as ações dos profissionais de saúde (medicina, farmácia, obstetrícia e odontologia), também direcionava sobre o funcionamento dos estabelecimentos comerciais voltados a atenção da saúde como as farmácias e a venda de instrumentos cirúrgicos (SERGIPE, 1893).

No sentido da organização dos espaços públicos e construções habitacionais adequadas, em 1926, no governo de Graco Cardoso foi editado o Código Sanitário do Estado de Sergipe. Este ficou a cargo da “Diretoria Geral do Serviço Sanitário atinha competência de fiscalizar as obras de saneamento e estudar as condições higiênicas de todos os edifícios a serem construídos” (SANTANA, 1997 p. 172).

Esta passagem deixa evidente a preocupação do governo sergipano em controlar aqueles que praticavam saúde sem terem a habilitação para exercê-la. Na maioria das vezes o inspetor de higiene era médico. Assim cabia ao Inspetor de Higiene eleger em cada município um delegado de higiene, além disso, tinha a:

[...] responsabilidade para com a propaganda e a efetivação dos serviços de vacinação; a atenção aos alimentos, ao matadouro, aos cemitérios e às obras de melhoramento urbano da capital e a autoridade para conceder ou negar licença para a instalação de

hospitais particulares e casas de saúde ou mandar fechá-las caso não atendessem aos requisitos necessários ao bem da saúde pública (AZEVEDO, 2008, p. 2).

Da mesma forma, os delegados da higiene realizavam as mesmas ações nos municípios, observavam a limpeza das ruas e ambientes públicos, aplicando multas aqueles que descumpriam as normas estabelecidas para salubridade coletiva. Neste sentido, no campo da gestão pública tais ações definiam o modelo sanitário de promoção à saúde da população, como descrito em outras regiões do Brasil em anos anteriores, porém, nota-se aqui a efetivação das orientações médico higienista, mesmo sendo imposta por força da lei.

Em Sergipe a difusão das noções higiene, no sentido de prevenir doenças era verificada em anúncios, onde os jornais cumpriam papel importante ao levar informações, assim contribuía no chamamento da população para o atendimento das estratégias profiláticas, no sentido de controlar epidemias.

O medico da municipalidade o Dr. Alezandre Freire, por determinação do major intendente, estabeleceu o serviço contínuo de vacinação e revacinação o que presta optimo auxilio é a extincção da varíola (Jornal Correio de Aracaju, 1915, 06, abr, p.1-4- p.1.col.C).

Por conseguinte, conforma-se a representação do médico como autoridade nas sociedades, que tinha entre as suas atribuições promover os chamamentos públicos em atenção ao regulamento sanitário. Para asseguramos esta afirmativa, trataremos a seguir da ação médica pela formação acadêmica, de modo a clarear sobre particularidades que atribuímos ao ensino de higiene.

Afim de entender a construção que motivou a autoridade dada a medicina para tomada de decisão sobre a saúde dos indivíduos e das famílias, na próxima seção trataremos sobre a gênese da higiene no contexto da educação, para assim compreender de que forma, tal apropriação se fundamentou.

2.2 A Gênese da higiene no contexto educacional

Segundo Petri, no início do século XX “o médico higienista era especializado em saúde pública e administração sanitária, não só era responsável por prescrever condutas higiênicas, mas também era considerado um educador” (2003, p. 13).

Gondra (2004) listou as teses médicas de caráter social sustentadas na Faculdade de Medicina, do Rio de Janeiro entre os anos de 1831 e 1900, com seus respectivos autores. Para a construção do modelo médico higienista, selecionamos as teses de 1870 a 1900 que continham no título a palavra Higiene. A partir da ideia de que no final dos oitocentos houve maior interesse médico pelas questões da higiene, acredita-se que esse interesse tenha contribuído para influenciar nas decisões políticas e na ampliação da educação higienista no Brasil.

A partir da análise sobre transformação dos valores que foram determinados as sociedades pelas ações doutrinárias subordinadas à medicina. Entende-se que a higiene foi o instrumento definidor para dar condições ao aparelho gestor em criar regras que atendesse a coletividade. Tudo isso, no sentido de atender e proteger os habitantes das doenças que causavam insegurança e afetam sobretudo, aqueles que apresentavam maior vulnerabilidade as crianças.

A medicina passou a identificar a possibilidade de intervenção coletiva como proposta ampliação das ideias higiênicas, desse modo os governantes lhe outorgavam plenos direitos na tomada de decisões, confirmados por leis que os respaldavam seu domínio;

A doutrina da higiene não ficou contingenciada ao ambiente da corporação médica. Circulou amplamente, tendo sido apropriada no circuito da organização escolar pelo código jurídico-normativo, em teses de professores e de diretores, por exemplo. Voltou-se para as escolas regulares, estendendo-se igualmente aos estabelecimentos destinados a recolher e educar os pobres da cidade (GONDRA, 2005, p. 8).

Nos anos finais do século XIX, foi possível reconhecer um aumento no interesse pela medicina social, no âmbito das famílias em direção ao desenvolvimento de ações interventivas voltadas ao controle da saúde dos indivíduos e das famílias, o que permitiu o controle sobre a vida das famílias, em função de ações protetivas, evidenciado no Quadro abaixo:

Quadro 3 – Lista das Teses médicas apresentadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no período de 1870 a 1900.

ANO	TÍTULO	MÉDICO AUTOR
1872	Dos systemas penitenciários e de sua influência sobre o physico e moral do homem. Alguns dos systemas penitenciários conhecidos é tão superior aos outros debaixo do ponto de vista hygienico que deva ser preferido ?	Pedro Augusto Pereira da Cunha.
1877	Cadeira de hygiene (Da febre amarella sob o ponto de vista de sua gênese e propagação...)	Primo Teixeira de Carvalho.
1878	Dos casamentos sob o ponto de vista hygienico.	José Ferreira de Bastos Coelho
1878	SM- cadeira de Hygiene – (Do aleitamento natural, artificial e mixto em geral...)	Caetano Ignacio da Silva
1878	Do casamento sobre o ponto de vista hygienico.	João Diogo Esteves da Siva
1880	A hygiene – os prejuízos que causam uma má amamentação.	Thomas Eboli
1880	Dos systemas penitenciários em relação à hygiene.	José Baptista Amoroso de Lima
1881	Quaes as medidas hygienicas que se devem observar para impedir o desenvolvimento crescente da syphilis no Rio de Janeiro?	Josephina Pires Ramos
1881	Quaes as medidas hygienicas que se devem observar para impedir o desenvolvimento crescente da syphilis no Rio de Janeiro? Quaes medidas hygienicas que se devem adoptar para fazer desaparecer este flagelo?	Eustáquio Garção Stockler
1882	Hygiene da primeira infância	Ildefonso Archer de Castilho
1882	Hygiene da primeira infância	Nicoláo Barboza da Gama Cerqueira.
1882	Hygiene da primeira infância	José Vieira Martins.
1882	Hygiene da primeira infância	Severiano Martins de Oliveira Urculu.
1882	Hygiene da primeira infância	José Cypriano Nunes Vieira.
1884	Quais os melhoramentos hygienicos que devem ser introduzidos no Rio de Janeiro para tornar a cidade mais saudável.	Antonio Martins de Azevedo Pimentel.
1888	Estudo hygienico dos esgotos da cidade do Rio de Janeiro.	João de Barros Barreto.
1888	Hygiene Escolar	Carlos R. de Vasconcellos
1895	Hygiene alimentar das crianças	Arthur Pires de Amorim

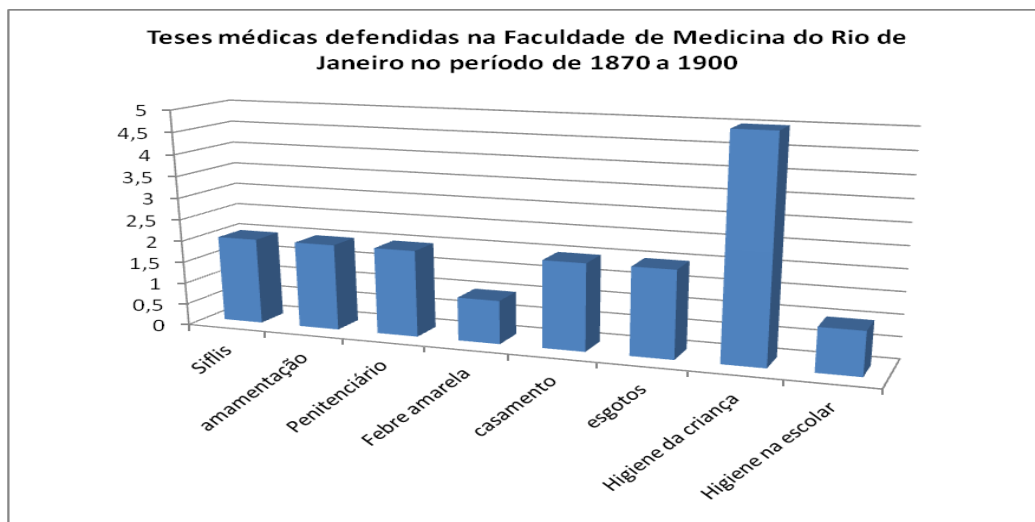
Fonte: Organizado pelo autor a partir de Gondra (2004, p. 520- 529).

Numa estratificação preliminar das 17 Teses¹⁷ médicas sobre higiene apresentadas no quadro acima, verifica-se que os estudos sobre higiene da criança

¹⁷Sobre as teses medicas consultar: http://www.labdigital.icict.fiocruz.br/obras_pdf/these_1897_carlos_pinto_seidl.pdf.

ganharam destaque nas bancas examinadoras da formação médica. Assim “os textos de puericultura deixaram de ser infrequentes e passaram a ter uma larga distribuição” (LIMA, 1985, p. 85).

Gráfico 1 – Percentual por campo de estudo das teses sobre higiene no período de 1870 a 1900 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.



Fonte: GONDRA, 2004, p.520-529.

A distribuição quantitativa, segundo temáticas específicas das teses elencadas no Quadro 3. Com base na análise dos dados mencionados na tabela anterior, foi realizado o Gráfico acima, revelou que num universo de 17 (dezessete) teses defendidas num período de 30 anos, algumas reflexões podem ser consideradas:

Verificou-se que duas das teses apresentavam a preocupação com a higiene no sistema prisional visto pelos autores como meio de potencial disseminação de doenças, devido o ambiente coletivo insalubre. Sobre a febre amarela, identificou-se uma tese, que designa o uso da hygiene como proposta para inibir e controle dos focos e propagação.

Outras duas das produções sobre casamento defendiam, valores etnicistas eugênico em torno da constituição de uma família considerada higiênica, para isso, orientavam e prescreviam o exame pré-nupcial como obrigatório aos que desejavam

contrair matrimônio, isso partia das ideias que versavam sobre o controle impositivo para melhoria genética da população.

Na sequência duas teses transmitem a ideia sobre o cuidado alimentar dos lactentes, remetendo a amamentação como reposta a diminuição da desnutrição infantil, porém esta não precisaria ser realizada exclusivamente pela mãe, podia ser realizada por uma “ama de leite”, que tratava-se de uma atividade amplamente divulgada e aceitável.

Sobre as doenças sexualmente transmissíveis duas Indicavam essa preocupação, sendo a Sífilis considerado um grande mal, uma vez que naquela época não havia tratamento curativo para esta patologia, de forma que os esforços se voltavam para a prevenção.

A prescrição educacional versava para “mudanças no comportamento à mesa, em hábitos corporais, na sexualidade, e na agressividade” (ELIAS, 1994, p. 192). Outros dois defendiam a melhoria das condições de hygiene com o tratamento das águas e esgotos, com a queda das teorias miasmáticas já se sabia desses meios como grandes propagadores patogênicos.

Na conclusão deste levantamento verifica-se que cinco das teses descreviam a criança como fonte dos diversos interesses médicos, diante do risco de propagação das doenças nos ambientes de convivência coletivas do proletariado, materializando-se nas condutas a serem prescritas, quando estes médicos assumiam suas funções nas localidades em que se fixavam, o que obrigava gerar “estratégia que ao seu modo, redefinia o problema da educação e escolar [...] como problema de ordem política, não apenas inscrito e circunscrito à ordem médico. Higiénica e pedagógica” (GONDRA, 2004, p. 318).

Também abordavam sobre a vulnerabilidade infantil, devido os ambientes escolares não atender as regras de espaços salubres, tornando-se focos disseminadores de doenças. Sua representatividade não gera uma expressividade que surpreenda ao atribuir os dados ao seu tempo histórico;

As preocupações com a infância – nascimento, lactação, banhos, asseio corporal, vestuário, com a vida doméstica, saúde e papel social da mulher, limpeza, prevenção de doenças e vícios como o álcool e o jogo – e com o espaço público – urbanização, ordem, combate à propagação de moléstias e epidemias (SOUSA; MELO, 2013, p. 2).

Com Título Hygiene Escolar nos trinta anos estudados, foi identificada apenas uma tese no ano 1888, defendida pelo médico Carlos Rodrigues de Vasconcellos. Nesta defesa ele realizou um balanço das reformas educacionais do império, tomando como base o censo de 1872, que sugere ter sido um dos primeiros escritos médico sobre a Higiene Escolar, porém sua contribuição não se limitou as questões organizacionais da estrutura física higiênica da escola.

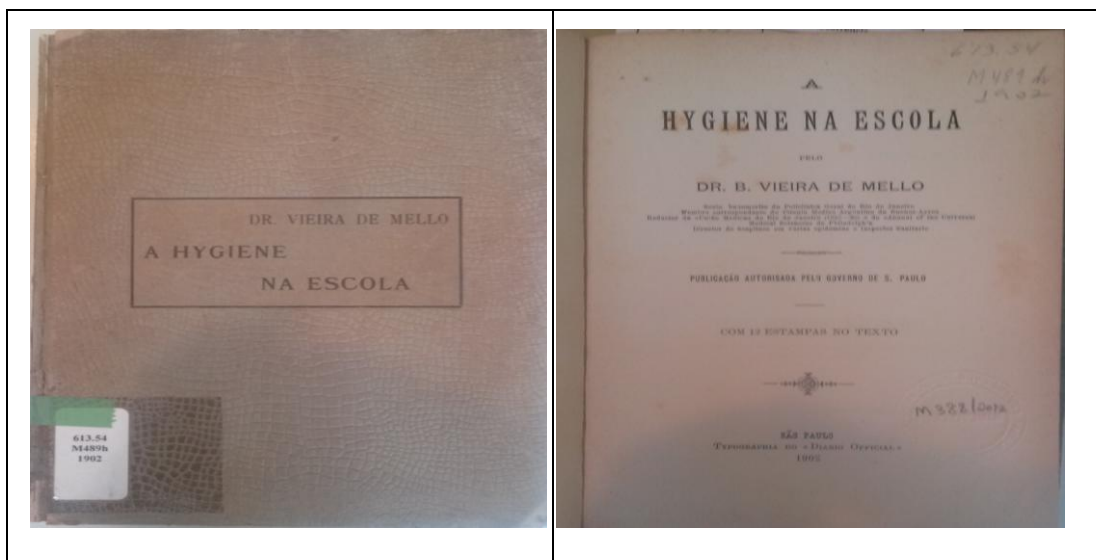
Segundo Mascarenhas (1963 p. 243) a idade escolar era considerada de ouro em relação às doenças somáticas, pois, “A enculturação do aluno se processa pela primeira vez em sua vida, de modo dirigido, envolvendo a professora e o colega (médico)”. Verifica-se a naturalização no envolvimento do médico higienista nas questões pertinentes a educação.

Fruto do aprendizado higienista durante a formação em medicina, o sergipano Dr. Balthazar Viera de Melo¹⁸, no nascer do século XX, foi o primeiro médico nordestino a publicar no Brasil, um livro sobre Hygiene Escolar, no contexto da saúde das crianças. Ele destacou-se como influente médico e intelectual do governo paulista e constata que [...] Ao estado em geral, compete velar pela saúde das creanças, preparando-lhes mocidade florescente, a fim de argumentar o bem estar geral, a força activa e a força defensiva da nação (MELLO, 1902, p. 7).

Novaes afirma que “é a sua natureza íntima, profunda e abrangente de agir que coloca a puericultura muito mais próxima do sistema educacional do que a medicina” (NOVAES, 1979, p. 31). Portanto, a necessidade de aliar a estrutura educacional e apropriando-se das premissas pedagógicas a fim de alcançar o maior número possível de indivíduos a serem atendidas.

¹⁸ Nasceu em 27 de maio de 1857, em Divina Pastora/SE, filho de Balthazar Vieira de Mello e Rosa Maria de Mello. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 15 de setembro de 1883, defendendo a tese “Natureza e tratamento da elefantíase dos árabes”. Colaborou para o “Jornal do Commercio” (RJ), “O Paiz” (RJ), “Correio Paulistano” (SP). Membro titular da Academia Nacional de Medicina e membro-correspondente do Círculo Médico Argentino. Redator da “Annual of the Universal Medical Sciences”, “União Médica”, “Imprensa Médica”. Exerceu a medicina em São Paulo, onde foi funcionário público e escritor. Intelectual de destaque no campo da Inspeção Médica nas Escolas, sendo considerado o pioneiro em São Paulo. Foi o primeiro Diretor da Inspeção Escolar paulista (1911 a 1920) e médico do Serviço de Higiene em São Paulo. Escreveu, entre outros: “Nota sobre um caso de encefalopatia histérica, reputado sífilítica”, “Da heredo-sífilis como fator patogênico da histeria e da epilepsia”, “Paralelo entre a febre amarela e a febre tifóidea”, “A Organização do Serviço de Inspeção Médico Sanitária nas Escolas em São Paulo”, A higiene na escola (1902) e “Higiene Escolar e Pedagogia” (1917). Disponível em: <http://sbhm.webnode.com.br/news/balthazar-vieira-de-mello/>.

FIGURA 5: Livro - A Higiene na Escola (1902)



Fonte: Acervo iconográfico da pesquisadora.

No prefácio do seu livro, Dr. Baltazar Vieira de Mello, cita :

A hygiene escolar abrangendo largo campo de conhecimentos, este trabalho precisa obedecer a um plano igualmente amplo, no qual sejam incluídos a pedagogia, a engenharia sanitária, a hygiene pública e privada, a clinica geral e especial (1902, p. 4).

Os higienistas tentavam mostrar que a medicina era essencial à saúde da sociedade e que esta poderia contribuir para o progresso da pátria. Disso fizeram nascer uma especialidade, profissionais de outras áreas surgiram trazendo suas contribuições, novos discursos voltados à hygiene para a promoção do sanitarismo nos espaços públicos coletivos, termo que após os anos 1930 passou dominar publicações e projetos de progresso da nação.

É notório que a hygiene escolar contribuiu para o nascimento da ação interdisciplinar no contexto social da hygiene, na qual se completaram várias áreas do campo do saber, médicos, professores, engenheiros, advogados, jornalistas, o poder público, nessa ação conjunta obedecia-se a medicina como norteadores de medidas profiláticas e assim se desenvolveram ações em benefício da sociedade, embasadas por discursos médicos científicos.

2.3 O discurso médico higiênico na intervenção escolar e da família.

No discurso médico do início do século XX, a noção de doença estava condicionada ao atraso civilizacional, de modo que a higiene seria o meio para preservação da saúde individual e coletiva. Esta motivação despertou o interesse de estudo nos meios sociais e no âmbito coletivo, assim, “a escola aparece, como uma microssociedade, e [...] desse movimento modifica-se a concepção de infância [...] passando ser considerada positivamente” (LIMA, 1985, p. 118).

Recordando a filosofia de Rousseau (1969, p. 418), quando escreveu sobre a educação do Emílio, este se preocupa em afirmar que, “a criança não é um adulto inacabado”, assim para [...] “cada idade, cada condição na vida tem sua perfeição conveniente, sua espécie de maturidade própria”. Esse entendimento serviu de base para auxiliar no pensamento da criança como ser social.

Segundo Ariès, “até o século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval a desconhecia” (1978, p. 39). Quando a sociedade passou a preocupar-se com as crianças, reconhecendo sua importância no meio social, em especial as “pobres e desvalidas”, diversas ações começaram ser norteadas no sentido da saúde e educação das mesmas.

À frente dos interesses das crianças, a Academia Imperial de Medicina, localizada no Rio de Janeiro se destacou, pois os médicos, “compartilhavam da ideia do utilitarismo da ciência e da crença no progresso da nação brasileira” (CARDOSO, 2005, p. 80-88). Um dos primeiros militantes preocupado com as causas da criança foi o médico oitocentista Carlos Arthur Moncorvo¹⁹ de Figueiredo, que publicou os

¹⁹ Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, cresceu na cidade do Rio de Janeiro, sob o regime monárquico de Pedro II, acompanhando o processo político que levou à abolição do trabalho escravo e à Proclamação da República. Sua trajetória e perfil profissionais não diferiram de muitos de seus contemporâneos que seguiram a carreira médica. Culto, amante das letras e das artes, preocupado com a clínica e produtor de conhecimento. Do ponto de vista exclusivamente clínico foi o fundador da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, que durante décadas formou os primeiros pediatras do Brasil e atendeu a milhares de pessoas no centro da cidade. Além disso, publicou os primeiros ensaios em que a criança era o centro das preocupações. Sua formação básica se fez no prestigioso Imperial Colégio D. Pedro II. Em 1865 recebeu o grau de Bacharel em Letras. No ano seguinte, ingressou no curso médico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se graduou em 1872. Em 1882, com a presença do imperador D. Pedro II, inaugurou a Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Nela criou o primeiro curso regular de pediatria do país. A Policlínica Geral do Rio de Janeiro era também uma forma de conseguir crianças para as aulas práticas. No serviço de pediatria da policlínica prestava atendimento ambulatorial ou domiciliar. Este curso prático para formação de pediatras funcionou regularmente durante 19 anos até seu falecimento em 1901. Neste estabelecimento, criou gerações e gerações de pediatras, entre os quais se destacou seu descendente predileto: Moncorvo Filho. Preocupava-se com a questão do aleitamento materno, uma vez que este se fazia, em larga escala, por mulheres negras alforriadas ou escravas. No Regulamento para as amas de leite (1880) buscou padronizar comportamentos e posturas morais desta prática de saúde, pouco valorizada na época. Faleceu em 25 de julho de 1901, quando ia completar 55 anos de vida, reconhecido pelo como o pai da Pediatria Brasileira.

seus primeiros ensaios onde a criança deveria ser o centro das preocupações de uma nação.

De acordo com Gondra (2004, p. 217), os conhecimentos sobre higiene nas primeiras faculdades de medicina brasileiras, emergiram dos referenciais higienistas franceses, especificamente M. Levy e A. Bacquerel, que já definiam regras para o adequado funcionamento da higiene escolar, padronizavam os critérios para higiene escolar em seis denominações distintas, classificadas em:

QUADRO 4: Padronização dos temas no ensino de higiene escolar

TEMA	CARACTERIZAÇÃO
CIRCUMFUSA	Tratava das questões sobre as construções dos prédios escolares
APPLICATA	Observava sobre a higiene das vestimentas, levando em conta as estações do ano e os tecidos mais adequados.
INGESTA	Preocupava-se com a nutrição adequada para uma vida saudável.
GESTA	Definia as regras sobre os exercícios que interviam no corpo de modo a moderar seus atos e torna-lo robusto.
EXCRETA	Discutia-se sobre o funcionamento fisiológico do organismo e suas excreções.
PERCEPTA	Os médicos prescreviam sobre o controle dos sentidos e assim, instruir desde os valores da moral até a intelectualidade.

Fonte: Gondra (p. 160-165).

Percebe-se que as ações eram fundamentadas em um modelo definidos como conservador de abordagem controladora. Neste modelo, os médicos determinavam quais as práticas higienistas que seriam aplicadas nos espaços sociais, familiares, repercutindo na convivência e apresentação pessoal dos indivíduos. Influenciada pelos conhecimentos da medicina a sociedade passou a receber orientações de práticas a serem cumpridas.

Para Gondra (2003 p. 543), o modelo higienista tinha caráter dominador, uma vez que, após formados os médicos passavam agir como “Homens cujos olhos e ouvidos voltados para um mundo considerado civilizado recusavam-se a aceitar a

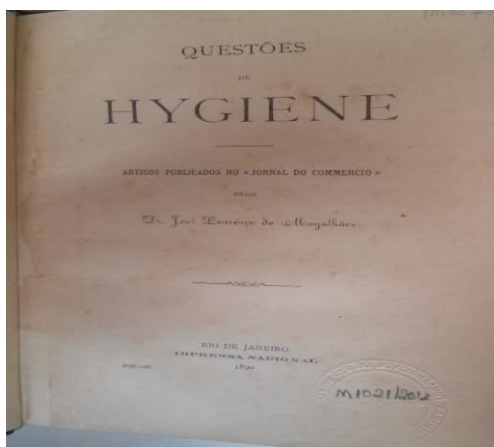
vida e a parte das condições do país em que viviam e no qual muitos deles haviam nascido e se formado “, e para isso buscavam contribuir com seus conhecimentos mesmo que de forma impositiva.

Nos anos finais do século XIX e nos anos iniciais do século XX, período de transição do sistema monárquico para o republicano, percebe-se grandes descobertas científicas no campo da saúde.

Estas descobertas, promoveram transformações no cotidiano das populações entre outras estão: a microbiologia, a bacteriologia e a bioquímica, a partir de seus conhecimentos ocorreram mudanças nos hábitos, seus efeitos estavam mais especificamente relacionado com práticas primordiais à prevenção de doenças, condição que mostrava-se essencial ao prolongamento da vida.

Tais movimentos no campo da saúde são notados nos escritos do médico José Lourenço de Magalhães²⁰ (1831-1905). Dentre seus escritos destaca-se o livro *Questões de Hygiene*, publicado em 1890, que apresentamos na Figura abaixo:

FIGURA 6: Capa do Livro “ QUESTÕES DE HYGIENE” (1890).



Fonte: Acervo icnográfico da pesquisadora.

²⁰ José Lourenço de Magalhães nasceu em 11 de setembro de 1831, em Estância/SE, filho do comerciante português Romão Lourenço de Magalhães e Antonia Isabel Fernandes e pai dos médicos Eduardo Fernandes de Magalhães e José Fernandes Magalhães. Recebeu o grau de doutor pela Faculdade de Medicina da Bahia em 15 de abril de 1856, defendendo a tese “Como reconhecermos que o cadáver morreu de afogamento?” Oftalmologista, também foi especialista, com reconhecimento internacional, em lepra. Dirigiu o serviço de oftalmologia da Casa de Saúde N. S. da Ajuda, no Rio de Janeiro. Trabalhou como oftalmologista ainda em Estância e Laranjeiras, em Sergipe, além de Salvador e São Paulo, onde foi diretor do Hospital dos Lázaros na Colônia de Guarapira. Deu nome à Colônia (Leprosário) de Sergipe. Presidente da Academia Nacional de Medicina (1895 - 1896). É patrono da Academia Sergipana de Letras. Faleceu em 23 de novembro de 1905, em São Paulo, com 74 anos (SANTANA, 2009).

Neste trabalho o médico sergipano descreve sobre o poder de contágio da lepra (hanseníase), afirmando que “não confiava exclusivamente na terapêutica, mas, sobretudo na higiene” (1890, p.12). Além disso, chamava a atenção quanto à necessidade de maiores investimentos no saneamento público, por reconhecer neste o primeiro passo para salubridade pública.

O problema hygienico a compartilha-se cada vez mais, a despeza com as obras a subir sempre, sobrecarregando infructiferamente os cofres públicos, a capital a carecer hoje do que sempre lhe faltou, além de outros melhoramentos reclamados pelo seu desenvolvimento, e o desanimo a dominar por igual a boa vontade dos ministros (MAGALHÃES, 1890, p.12).

Percebe-se pelo discurso do médico José Lourenço de Magalhães que este toma como exemplo os princípios higiênicos franceses, que exemplarmente concretizaram ações para estes fins, com o tratamento das águas e dos esgotos, o que refletiu sensivelmente no controle de doenças infectocontagiosas naquele País, onde medidas específicas foram tomadas, no sentido de prevenir as mazelas que arrasavam a sociedade uma vez que a presença do perigo passou ser reconhecido “nas ruas, na água, no ar, nas decomposições”.

Nesse sentido ele lamentava:

[...] pelo conhecimento que tenho da nossa história hygienica, entenebrecida por sacrifício enorme de vidas que em grande parte se poderia ter poupado, não posso conter o meu pezar ante a sorte desta capital, que será outra e incalculavelmente mais feliz si tivessem tido governos na altura das circunstâncias (MAGALHÃES, 1890, p.17).

Magalhães ainda chamava a atenção para uma certa letargia dos administradores públicos para com as questões higiênicas. Para ele, essa letargia seria o fator que limitava o progresso, fruto de interesses antagônicos as necessidades de saúde da população.

Novas demandas políticas exigiam determinadas mudanças comportamentais por parte da sociedade. Mudanças no sentido de atender ao novo padrão social que se estabelecia. “Nesses termos, democracia, higiene e inovação eram os signos

recorrentes e representados a partir de diferentes nuances e ajustes” (LINHARES; LIMA; OLIVEIRA, 2012, p. 107).

Sobre a preocupação dos higienistas com as condições higiênicas das moradias das famílias, ao discutir sobre as instalações sanitárias domiciliares o médico Carlos Sá, orientou sobre o abastecimento de água e remoção dos dejetos e limpeza da casa:

[...] em habitações coletivas pode chegar por bebedouros ditos higiênicos, de jato oblíquo, sob pressão e protegido do contato com a boca [...] Quando não haja vela filtrante, a água pode ser posta a depurar durante 2 horas em moringa [...] A água para o asseio individual é a dos lavatórios, banheiros, e bidês, todos de louça esmaltada, de preferência branca, [...] ao banho de banheira substitui-se, com vantagens higiênicas, o banho de chuveiro, em regime de água corrente. [...] Nas habitações coletivas deve haver 1 banheiro para cada 15 a 20 pessoas e um lavatório para cada 10 a 15 pessoas. [...] Para o asseio da casa, esta deve ser clara, recobertas as paredes de pintura lavável ou de ladrilhos [...] com teto forrado e piso encerado [...] a retirada das poeiras devem ser aspirada a vácuo [...] ou varredura úmida. [...] tapetes e cortinas serão limpos por aspiradores de poeira (SÁ, 1948, p. 216).

As orientações acima reforçavam a práxis interventiva da medicina na educação das famílias. Nesse propósito, o profissional considerado apto a oferecer as orientações pertinentes a higiene seria o médico, fazendo com que a classe médica ampliasse seu campo de atuação na área social, pois:

[...] o saber procurava torna-se cada vez mais complexo e abrangente, o que pode ser percebido pelo fato de haver uma diversificação de suas linhas de atuação, o que criou especializações tais como a criminologia, medicina legal, saúde, psicologia, e higiene (GONDRA, 2004, p. 88).

Assim, ao observar as representações construídas em nome da racionalidade médica contra os males que estes identificavam e que procuravam resolver, mobilizados pelos ideais hipocráticos assumiam a responsabilidade em decidir sobre aquilo que consideravam moral e salutar para a vida de seus indivíduos.

A presença da disciplina de Higiene na Faculdade de Medicina desde os primórdios da formação médica, leva ao reconhecimento quanto à gênese sobre os conhecimentos de higiene no Brasil, advirem dos preceitos formadores presentes nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Bahia, uma vez que, “a higiene, de

sua parte, era apresentada como uma verdadeira arte, um modo de fazer o homem e a sociedade novos. Era representada como a legítima arte de civilizar” (GONDRA, 2004, p. 470).

Segundo Oliveira (2006), o discurso das teorias eugênicas²¹, através das práticas pedagógicas educativas que tinham como objetivo atitudes civilizatórias, utilizado o espaço escolar como agente multiplicador dos aprendizados que eram estendido as famílias, estas, também deveriam seguir as prescrições medicalizadoras. Tais mudanças tiveram que ser incutidas na sociedade, sendo neste caso, a educação adaptada em seu cotidiano e novos profissionais que passaram a contribuir com normatização de hábitos ditos civilizatórios e higiênicos.

O médico Carlos Sá no seu livro, intitulado, Higiene e Educação da saúde, publicado em 1948 reconheceu a importância da professora como facilitadora dos processos de saúde. Segundo ele,

[...] professora primária nesse setor de atividade, [...] deve interpretar para os pais o programa de educação da saúde estabelecido na escola; tomará parte no exame médico-higiênico dos alunos; colaborará na prevenção das doenças transmissíveis; facilitará o serviço de saúde que trate de corrigir defeitos e curar doenças de seus alunos; promoverá a salubridade do edifício escolar; pesará e medirá as crianças ou fiscalizará esse trabalho feito pelas mais adiantadas (SÁ, 1948, p. 224).

Gondra afirma que “a estratégia pensada era outra, pois a rede escolar e o corpo dos escolares só seriam suficientemente nutridos se houvesse um efetivo “descongestionamento da cabeça” governamental” (2004, p. 318).

O saldo desse período é a inclusão de novos aprendizados médicos, no curso de medicina, proporcionadas por disciplinas com temas associados à higiene, epidemiologia, ciências da conduta, administração de serviços de saúde, bioestatística, conseqüentemente conduziram ao entendimento e profilaxia de doenças, instituindo-se para isso novos hábitos saudáveis para uma sociedade em processo de civilização.

A transposição das práticas e saberes higienistas chegariam até as famílias após serem ensinadas no cotidiano escolar, as ações aprendidas passariam a

²¹ Sobre eugenia ler: Eugenia e história: ciência, educação e regionalidades / André Mota, Gabriela S. M. C. Marinho (organizadores). – São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013.

serem replicadas nos lares, adaptados à condição social e cultural do familiar, aliando-se a ações públicas que determinavam práticas educativas de prevenção e promoção da saúde.

Desse modo, os doutores brancos, letrados e a da elite prescreveram um tratamento cuidadoso e minucioso para a escola, de modo a poder formar um indivíduo higienizado sem vícios, Um indivíduo normalizado e normalizador, equipado com a nova sensibilidade (GONDRA, 2004, p. 478).

Portanto, compreende-se o quanto o empoderamento médico da higiene permitiu as influências da medicina nas diversas áreas da sociedade em específico na educação. Sendo estes apoiados em suas intervenções, que notadamente se fizeram cumprir em todo Brasil. Assim, a “higiene e educação escolar; combinatória descontínua e complexa capaz de fazer emergir uma cidade e uma população higienizadas” (GONDRA, 2004, p. 470).

De modo que: “Médicos higienistas, assumindo como causa própria os problemas da infância e apoiando-se no discurso da regeneração que envolvia a educação para saúde dos degenerados e progresso da sociedade, definiam suas praticas”. Portanto “a educação era vista como meio de livrar o país da mortalidade evitável, daquela devida às más condições de asseio e falta de seguimento das boas regras de alimentação” (LIMA, 1985, p. 97). No uso da pedagogia houve a “institucionalização da higiene escolar, foi uma das primeiras medidas interventivas em benefício da criança” (LIMA, 1985, p.108).

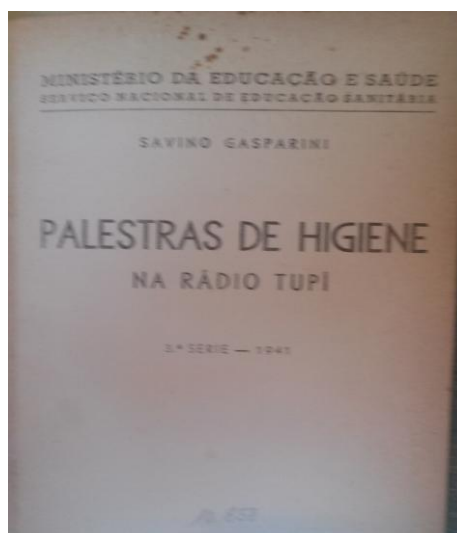
Neste aspecto, o médico higienista Carlos Sá ardente defensor das propagandas sanitárias, acreditava que para isso deveriam ser utilizados todos os meios de comunicação possíveis. E, indicava como proceder para que a comunicação fosse educativa:

[...] no sentido dessa difusão de conhecimentos é necessário lembrar [...] usar intensidade, ausência de contrate (não fazer uma propaganda quando o espírito público está preso a outros acontecimentos), surpresa (telegrama sobre assuntos da atualidade com um fecho no sentido desejado [...] um quadro, onde se ponha a girar estatísticas) (SÁ, 1948, p. 223).

A fim de atender as estratégias acima citadas, a educação higiênica ocupou novos espaços no sentido de ser propagada ao maior número possível de pessoas, lembrando que o rádio seria uma relevante ferramenta educativa por seu alcance em transmitir as noções higiênicas pela oralidade, atingido o público não letrado que representava a maioria dos ouvintes daquela época.

O rádio também exerceu caráter educativo, ressaltamos trecho do “Programa para Educação Higiênica das Famílias”, apresentado pela Rádio Tupi – SP - em 1941, lembrando que este programa já acontecia desde a década de 1920. Tratava-se de um programa patrocinado pelo Ministério da Educação e Saúde como estratégia educativa do Serviço Nacional de Educação Sanitária:

Figura 7: Capa do livro das “Palestras de Higiene” proferidas na rádio Tupi



Fonte: Acervo iconografico da pesquisadora

No reverenciar os “Dez nomes dignos de registro na história da higiene”, presta homenagem aos médicos que assumiram as causas da higiene:

É, pois, uma homenagem sincera ao esforço, à sua perseverança, à sua fé na ciência, à sua confiança na medicina, ao seu amor à higiene, que vamos aqui nomeá-los. Um só nome, um símbolo, curto na extensão, mas eterno na glória [...] São eles: 1) Semmelweis, 2) Bating, 3) Spencer, 4) Evans, 5) Coy, 6) Shauddin, 7) Ehrlich, 8) Wassermann, 9) Jauregg, 10) Finsem (BRASIL, 1945, p. 48).

Todos os nomes homenageados tinham em suas vidas particularidades voltadas às causas da higiene, a exemplo do médico Ignaz Semmelweis²², ao descobrir que a prática da lavagem das mãos com água clorada reduzia significativamente as infecções e consequente mortes de puérperas e recém nascidos.

Sobre as estratégias do Estado no sentido da educação para saúde, Lima (1985, p. 78), ressalta “essas passagens se refletiram na reorganização do Estado, em práticas de interferência na vida das populações e na reordenação de vários campos do saber, entre eles a medicina”. A população era induzida aceitar nas ações em nome de “um espírito novo, o espírito nacional, um sentimento nacional que faça da pátria não só objeto do nosso amor, mas fonte do nosso orgulho” (VERÍSSIMO, 1985, p. 51).

Nas lições realizadas pelas ondas do rádio os ouvintes aprendiam que:

A higiene preconiza a prevenção, e a medicina, a cura. O homem imprudente, porém não se previne e, quando doente, desesperado, recorre a todos os remédios, em vão, muitas vezes. Corre alucinado atrás de todas as panaceias que lhe impingem, tornadas sugestivas graças às mil formas de propaganda (BRASIL, 1945, p. 72).

Por este canal de comunicação, o governo instruía a população sobre os benefícios em praticar as orientações higiênicas de modo profilático, evitando assim os desgastes na busca de tratamentos, nem sempre possíveis. Além disso, naquela época ocorria a liberação de propagandas de medicamentos de forma indiscriminada e sem garantia de resposta terapêutica dos mesmos.

²² Ignaz Semmelweis (1818 – 1865), médico obstetra húngaro nascido em Buda, famoso por descobrir a prevenção da febre puerperal e, assim, introduzindo a *profilaxia antisséptica* na prática médica “Lavagem das mãos”. Estudou na Universidade de Pest e doutorou-se pela Universidade de Viena (1844), foi indicado para assistente da clínica obstétrica de Viena e tornou-se professor assistente na maternidade do Hospital Geral de Viena. Observando a elevada mortalidade de mães jovens depois do parto, observou que essa taxa era mais alta nas mulheres situadas na primeira seção da clínica que nas da segunda, embora em ambos os setores as mães recebessem idêntico tratamento e concluiu que à transmissão de infecções se dava por meio dos internos do hospital, que procediam diretamente de tais laboratórios para as salas da maternidade. Determinou então rigorosas medidas de assepsia, principalmente a lavagem das mãos dos médicos com sabão antes do exame das parturientes. Embora não tenha descoberto as causas das infecções, como **Pasteur**, escreveu uma obra importante para a medicina da época, *Die Ätiologie, der Begriff und die Prophylaxis des Kindbettfiebers* (1861), postumamente reeditada sob o título *Offene Briefe an Professoren der Geburtshilfe von Semmelweis* (1899).

O movimento higienista e suas influências foram amplamente disseminados por todo território nacional durante a primeira década do século XX. Notam-se algumas aproximações acerca do progresso medicalizador da sociedade brasileira, passíveis de algumas interpretações das “representações em torno da higiene escolar contribuíram para reforçar valores morais relacionados a padrões de comportamento considerados civilizados” (SOUZA, 1998, p. 143).

Assim, as noções higiênicas passaram a fazer parte do cotidiano escolar juntamente com outros ingredientes de complexos saberes. Pretendia-se formar indivíduos de modo que, “a racionalização e eficiência eram máximas que se impunham ao trabalho do aluno” (VIDAL, 2003, p. 515).

No cumprimento das prescrições da higiene escolar,

Ao educador cumpre não evitar que os alunos adquiram atitudes viciosas, como ainda corrigir as que apresentem. Porque força e deselo, grande cópia de defeitos físicos em escolares tem sua origem no seio da família onde se permite às crianças escreverem em mesa desproporcionais à sua estatura (MELLO, 1902, p. 22).

A escola representada pela professora, e sua influência em várias instâncias sociais na definição daquilo que, ao longo do tempo, tem sido considerado essencial na formação das novas gerações, as práticas educativas se afirmaram como a condição essencial à formação dos futuros cidadãos, inculcadas nesses conceitos para hábitos salubres.

Ao ensinar as professoras sobre as moléstias infecto contagiosas mais prevalentes, que ofereciam risco de propagação no ambiente escolar, confiava-se a educação, a missão em preveni-las. Ao identificá-las precocemente evitava-se sua disseminação e as conseqüentes mortes.

2.3.1 “Das moléstias que se propagam no meio escolar”

A proposta vanguardista orientava pedagogicamente como deveria ocorrer o ensino-aprendizado sobre as moléstias nas escolas normais, todo ensino derivava da disciplina de higiene, assim, vários princípios médicos foram agregados no emprego do argumento higiênico e inculcados na escola:

“[...] discriminaremos cada grupo consoante a sua localização, indicando a propósito de cada uma delas os meios de disseminação, a duração do estado mórbido e da vitalidade do respectivo gérmen” (MELLO, 1902, p. 55).

Algumas as patologias infecto contagiosas que o médico higienista no início do século XX, considerava que deveriam ser abordadas na capacitação das professoras, tornando-as aliadas na cruzada higiênica.

Didaticamente no VIII Capítulo do Livro A higiene Escolar o médico Balthazar Vieira de Mello (1902), dividiu as patologias em categorias, sendo estas classificadas em: “Das Febres eruptivas, Moléstias das vias respiratórias, Moléstias dos intestinos, Moléstias dos órgãos dos sentidos, Moléstias parasitoses da pele e dos pellos” e finaliza com as Moléstias Nervosas e Convulsivas, a última categoria não será tratada neste estudo, por não discutirem sobre o risco de infecção na escola, assunto não menos importante certamente será tratado em outro momento.

Ao ensinar das Febres eruptivas, a primeira a ser tratada era a Varíola²³;

O germe da varíola é pouco difusível pelo ar, mas em compensação, adere tenazmente aos objetos que servem ao doente e conserva por longo tempo a sua vitalidade, podendo, por isso, transmitir a moléstia à distancia e 40 dias ou mais depois do seu desaparecimento. Felizmente temos na vaccina poderoso meio de evitá-la [...] cumpre aos professores cobrar o attestado de revacinação antes de os admitir a matrícula.[...] O aluno que tenha sido affectado de variolide, ou em cuja a casa a moléstia existia, só depois de 25 dias poderá ser readmitida na escola (MELLO, 1902, p. 76).

Em Sergipe no ano de 1908, a varíola vitimou muitas pessoas, como consta no relatório do governo de província de 1908:

Appareceram casos de varíola nesta Capital e nos Municípios do Lagarto, Arauá e Estância, e grassou com intensidade em todo o Estado [...] Felizmente a varíola tem se manifestado benigna e tende a extinguir-se, e a epidemia declinou consideravelmente, de modo

²³ Doença infectocontagiosa causada por vírus, exclusiva do homem. Agentes causadores (patógeno e vetores: *Vírus DNA do gênero Orthopoxvirus, da subfamília Chordopoxvirinae da família Poxviridae*. É um dos vírus mais resistentes aos agentes físicos como, por exemplo, variações de umidade e temperatura. A transmissão ocorre de pessoa a pessoa, através de gotículas de saliva e aerossóis. **Fonte:** Sociedade Brasileira de Infectologia: Disponível em <http://www.infectologia.org.br> Acesso em: 26 fev. 2016.

que o estado sanitário da Capital e do interior tem melhorado satisfatoriamente (SERGIPE,1908, p. 10).

A resposta positiva relatada indica que as medidas higiênicas instituídas foram capazes de controlar a epidemia, possivelmente associada à imunização que parte da população já havia recebido, uma vez que para ser matriculada a criança na escola fazia-se necessário o comprovante de vacinação.

Sobre a Varicela²⁴ Dr. Mello orientava para a habilitação das professoras:

A varicella ou cataporas - Erradamente confundida com a variloide, é uma afecção altamente contagiosa e exclusiva da infância [...] Sua duração máxima é de três semanas. Sendo este o prazo para readmissão do aluno que a tenha tido (1902, p. 76).

Dessa forma, a professora poderia controlar o afastamento dos alunos infectados a fim de evitar o contágio no meio escolar e comunidade, o que fazia da professora uma guardiã na preservação da saúde na sociedade.

Para o médico;

A importância da hygiene das escolas é hoje evidenciada pelo amor cultural com que é tratada nos países mais adiantados, quer pelo estado, quer por particulares. Entretanto, não bastam boas leis sobre hygiene escolar e boas escolas para garantia da saúde dos que a frequentam: também é necessário que o professor tenha conhecimento de hygiene publica, para cooperar eficazmente nessa grande empresa social (MELLO, 1902, p. 6).

Nesses termos, orientava sobre outros tipos de “febres eruptivas”, que encontravam nos espaços coletivos condições propícias para contágios, neste caso em específico a escola:

Sarampão²⁵ - Moléstia igualmente da infância mas, que pode atacar o adulto, é contagioso mesmo antes da erupção, dura quase tanto

²⁴ Infecção viral primária, aguda, caracterizada por surgimento de exantema de aspecto maculopapular de distribuição centrípeta, que após algumas horas, adquire aspecto vesicular, evolui rapidamente para pústulas que, em 3 a 4 dias, forma crostas. Podem ocorrer febre moderada e sintomas sistêmicos. A sua principal característica clínica é o polimorfismo das lesões cutâneas acompanhadas de prurido. Em crianças, geralmente, a doença é benigna e autolimitada. Prevenção: Imunização. **Fonte:** Sociedade Brasileira de Infectologia. Disponível em <http://www.infectologia.org.br> Acesso em: 26 fev. 2016.

tempo como a varicella, devendo o prazo de isolamento do aluno ser fixado em 15 dias, na media. Escarlatina²⁶ - Comparável em gravidade à varíola é contagiosa durante a erupção e todo período de descamação. O seu gérmen goza de grande vitalidade, de modo que se deve fixar em 6 semanas de isolamento. Roséola²⁷ - Por sua extrema benignidade, e curta duração. 2 ou 3 dias, não reclama medida alguma de isolamento. Tanto mais quanto a sua contagiosidade é duvidosa (MELLO, 1902, p. 55; 56).

Sem dúvida, estes conhecimentos empoderavam as professoras para a promoção da observação e as devidas orientações aos alunos e seu familiares, em um momento que havia poucos serviços e profissionais de saúde que pudessem cumprir tal função social.

Em continuidade ao plano de aulas das aulas de higiene, estavam as patologias do trato respiratório;

Coqueluche²⁸ ou tosse cumprida - É peculiar às crianças de 1 a 12 anos podendo, todavia, atacar adultos que não tenham tido na infância. Porisso compreende que as escolas que as escolas continuam importante foco de contágio dessa moléstia. O agente transmissor da coqueluche nas mucosidades tracheo-bronchicas, o contágio pode se dar enquanto houver tosse e expectoração, a qual, depois de seca se dissemina pelo ar. [...] o período de isolamento deve ser fixado em 6 semanas. Dada a condição de cessado a tosse e a expectoração (MELLO, 1902, p. 55; 56).

Doença popularmente conhecida como tosse cumprida, muito comum entre as crianças, como medida de precaução cabia às professoras afastar da sala de aula os alunos em media por 45 dias, de certo modo, esta seria uma das medidas mais eficazes naquela época.

²⁵ O sarampo é uma doença de distribuição universal, com variação sazonal, acomete ambos os sexos, independente da idade, desde que sejam suscetíveis (não vacinados ou que já tiveram a doença).

²⁶ A escarlatina é uma doença infecciosa aguda, causada por uma bactéria chamada *estreptococo beta hemolítico do (grupo A)*. Afeta principalmente crianças em idade escolar. A transmissão da escarlatina faz-se de pessoa para pessoa, através de gotículas de saliva ou secreções infectadas, provenientes de doentes ou de portadores sãos, que são aquelas pessoas saudáveis que transportam a bactéria na garganta ou no nariz sem apresentarem sintomas (portadores sãos ou saudáveis).

²⁷ A roséola é uma uma virose benigna, de curta duração e com baixíssima taxa de complicações. **Fonte:** Sociedade Brasileira de Infectologia: Disponível em <http://www.infectologia.org.br> **Acesso em:** 26 fev. 2016.

²⁸ Trata-se de uma doença infecciosa aguda, transmissível, de distribuição universal, que ocorre devido à infecção pela bactéria chamada *Bordetella pertussis*. **Fonte:** Sociedade Brasileira de Infectologia: Disponível em <http://www.infectologia.org.br> **Acesso em:** 26 fev. 2016.

Do mesmo modo, o médico ressalta sobre os cuidados com outra patologia, a *difteria*, que naquela época não dispunha ainda de profilaxia imunológica específica e suas consequências colaborava com as taxas de mortalidade na infantil.

Angina Diphtherica e o crupe²⁹ - São modalidade do mesmo gérmen, que se localiza na parte posterior e anterior da garganta. A difusão aérea do germe é medíocre, mas sua pullulação, nos meios confinados e humidos é extrema. Dahi sua fraca vitalidade, nos lugares bem arejados, e tenaz resistência nos aposentos insalubres. Nos quaes o gérmen se pode conservar por tempo inderteminado, adherentes a móveis paredes e tapeçarias. A duração da moléstias é de 10 a 25 dias, devendo ser maior o prazo de isolamento (MELLO, 1902, p. 59; 60).

No que diz respeito ao discurso do médico, ao orientar sobre os meios de veiculação dos microrganismos e as precauções adequadas ao seu tratamento, este, ampliava a chances de sucesso no combate as doenças infectocontagiosas. Tais práticas fundamentaram a educação em saúde na escola como ferramenta social no processo de atenção à saúde.

De modo especial educou sobre a:

Tuberculose e Tísica pulmonar³⁰ - Das moléstias no presente grupo, a mais mortífera, porquanto as demais atacam em determinadas phases, ao passo que esta é todos os dias, de todos lugares e todas edades [...] Nenhuma outra mais que a tuberculose merece a atenção de quem cumpre velar pela hygiene na escola. A transmissão se apresenta mais especificamente pelo ar polluido pelas partículas líquidas projectadas pela tosse e provavelmente pela expectoração dos tuberculosos. Compreendendo que a campanha contra o hábito inventado de se arremessar as secreções bronco-pulmonares seja de pronto justificada (MELLO, 1902, p. 66; 67).

²⁹ Doença transmissível aguda causada por bactéria que frequentemente se aloja nas amígdalas, faringe, laringe, nariz e, ocasionalmente, em outras mucosas e na pele. É caracterizada por placas pseudomembranosas típicas.: Disponível em <http://www.infectologia.org.br> Acesso em: 26 fev. 2016.

³⁰ Tuberculose - Doença grave, transmitida pelo ar, que pode atingir todos os órgãos do corpo, em especial nos pulmões. O micro-organismo causador da doença é o *bacilo de Koch*, cientificamente chamado *Mycobacterium tuberculosis*. Geralmente, a doença é transmitida pelo ar contaminado eliminado pelo indivíduo com a tuberculose nos pulmões. A pessoa sadia inala gotículas, dispersas no ar, de secreção respiratória do indivíduo doente. Este, ao tossir, espirrar ou falar, espalha no ambiente as gotículas contaminadas, que podem sobreviver, dispersas no ar, por horas, desde que não tenham contato com a luz solar. A pessoa sadia, respirando no ambiente contaminado, acaba inalando esta micobactéria que se implantará num local do pulmão. **Fonte:** Sociedade Brasileira de Infectologia: Disponível em <http://www.infectologia.org.br> Acesso em: 26 fev. 2016.

O autor descreve sobre a transmissão da doença e não trata do tipo e quantidade de dias para o isolamento no caso da infecção pela tuberculose. Possivelmente devido ao longo e incerto tempo de tratamento oferecido na época citada. Por muitos motivos, os alunos infectados pelo bacilo de *Koch*, não mais retornavam para sala de aula seja pelas sequelas provocadas ou por não resistirem á doença.

Outra das chamadas moléstias tratada no livro são as dos intestinos Dr. Mello discursou sobre três tipos de patologias consideradas de transmissão entérica, a Febre Typhoide; a Dysintéria e a Cólera.

Febre Typhoide³¹ - A febre Typhoide, originando-se talvez exclusivamente dos dejetos humanos, compreende se que o accumulo de alumnos seja um fator primordial no desenvolvimento desta moléstia. O agente transmissor da moléstia [...] e se transmite de preferência pelas águas e por intermédio das moscas. A transmissão [...] pelo ar é mais rara. Pelo contato com pessoas affectadas pode-se contrair a moléstia, desde que não se tenha o cuidado em desinfectar ou lavar convenientemente as mãos. A falta de filtros nas escolas é pratica condenável, de se permitir que as creanças façam suas refeições sobre bancos, senão sobre o solo, e bebam águas retiradas de torneiras muita vez próximas de dejectórios, [...] são factores cuja a influencia não se pode negar no desenvolvimento da febre typhoide no ambiente escolar. Os esgotos e os lugares mal ventilados constituem a habitação preferencial do germen Typhico [...] Sua resistência ao ar livre é insignificante (MELLO, 1902, p. 42; 43).

Segundo Mello (1902, p. 60.), “Os esgottos e logares mal ventilados constituem a habitação preferencial do gérmen Typhico”. No Sergipe dos primeiros

³¹ Febre Tifoide - Doença bacteriana aguda, cujo quadro clínico apresenta-se geralmente com febre alta, cefaleia, mal-estar geral, anorexia, bradicardia relativa (dissociação pulso-temperatura), esplenomegalia, manchas rosadas no tronco (roséola tífica), obstipação intestinal ou diarreia e tosse seca. Pode haver comprometimento do sistema nervoso central. É causada pela bactéria *Salmonella enterica*, sorotipo *Typhi*.. **Fonte:** Sociedade Brasileira de Infectologia. Disponível em <http://www.infectologia.org.br> **Acesso em:** 26 fev. 2016.

anos do século XX, Silva (2006, p.17), recorda sobre o empobrecimento do estado que tornava as condições sociais e sanitárias da população desfavoráveis à saúde:

Faltava água tratada, esgotamento sanitário adequado e higiene das casas, além do descaso com a conservação das matas e das nascentes de água. Havia uma apatia geral da população e das autoridades administrativas para reverter esse quadro insalubre.

Também destaca sobre as doenças que eram identificadas nos doentes que buscavam o socorro da medicina nos nosocômios existentes em Sergipe:

Aliados ao clima sergipano faziam campear as doenças entéricas, nas formas tíficas e paratíficas, notadamente as diarréias, como a desinteria com surtos frequentes causando as desidratações infantis. Sífilis, tuberculose pulmonar, as formas de linfatismo, diáteses hemorrágicas, as verminoses em geral, doenças parasitárias da pele, o beribéri, o cólera, as hidropsias- (ascite), as esplenomegalias e as hepatomegalias causadas pela shistosomose e a malária, a varíola, o tracoma, as várias formas de doenças reumáticas, paludismo (malária), as viroses próprias da infância e as respiratórias em geral, as chamadas febres de Aracaju, que a semelhança das paulistas, imaginava-se uma etiologia tifóide (SILVA, 2006, p. 17).

Em Sergipe, de forma endêmica ocorria um tipo de febre até então não esclarecida, eram conhecidas como “Febres de Aracaju”. Vale ressaltar que tal incidência serviu como uma das motivações para a criação do Instituto Parreiras Horta. Em 1923, o governador Graccho Cardoso convidou O Dr. Parreiras Horta³², que aceitou [...] o desafio de construir e fundar um Instituto com a finalidade de realização de pesquisas médicas voltadas para o insumo básico, vacina antivariólica, análise clínica, bacteriológica e química. [...] Assim, com o funcionamento pleno da instituição permitiu o esclarecimento etiológico da “febre de Aracaju” identificada como febre tifoide (SILVA, 2006, p. 36).

Contudo, o Instituto Parreira Hortas não progrediu tal qual os Institutos: Instituto Manguinhos no Rio de Janeiro e Instituto Butantã em São Paulo, sendo que

³² **PAULO DE FIGUEIREDO PARREIRAS HORTA** - Nasceu em 24 de janeiro de 1884, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, filho do engenheiro José Freire Parreiras Horta e de Paula Margarida de Figueiredo Parreiras Horta. Foi admitido no Instituto Manguinhos em 1909, como pesquisador e assistente interino, a convite do Prof. Oswaldo Cruz, passando a desenvolver seus trabalhos inicialmente no campo da micologia e depois em bacteriologia e dermatologia e no preparo de soros e vacinas contra a peste.

os três foram criados para cumprir as mesmas competências no campo da educação e pesquisa.

No mesmo contexto das doenças por transmissão entérica orientou sobre a:

Dysenteria³³ - A dysenteria é contagiosa e se transmite pelo ar e pelo contato dos objetos contaminados, tais como assentos dos dejectorios. Desde, pois, que o alumno seja atacado de dysenteria, deve se proibir que os demais se utilizem do mesmo dejectório antes que este seja convenientemente desinfectado (MELLO, 1902, p. 39).

Uma das maiores preocupações dos higienistas residia na orientação constante o controle adequado dos resíduos orgânicos, para isso o rigor para com a higiene adequada nos sanitários das escolas, sabendo que o saneamento dos esgotos eram um dos maiores desafios das cidades, restava que ao menos o contágio fosse minimizado com o afastamento das crianças que apresentassem os primeiros sinais de disenteria.

O Vibrião colérico se fazia presente nas águas o que tornava uma mazela praticamente incontrolável principalmente nas localidades próximas de águas, após o contágio, pouco podia ser feito, quase sempre a morte era inevitável.

E Cholera Morbus³⁴ - O Cholera Morbus constituído de moléstia epidêmica por exellência, o seu aparecimento em qualquer localidade acarreta inevitavelmente o fechamento o da escola (MELLO, 1902, p. 60).

A precaução mais eficaz seria a suspensão das aulas para todos os alunos e não apenas aos adoecidos. O risco potencial de contágio fazia necessário o afastamento do convívio social a fim de reduzir a oportunidade de transmissão do cólera.

O médico professor ao considerar a visão e a audição, como integrantes dos órgãos dos sentidos. Tratou sobre as moléstias dos órgãos dos sentidos, observou

³³ Disenteria - Síndrome causada por vários agentes etiológicos (bactérias, vírus e parasitas), cuja manifestação predominante é o aumento do número de evacuações, com fezes aquosas ou de pouca consistência. **Fonte:** Sociedade Brasileira de Infectologia: Disponível em <http://www.infectologia.org.br>
Acesso em: 26 fev. 2016.

³⁴ Doença infecciosa intestinal aguda, causada pela enterotoxina do *Vibrio cholerae*, com manifestações clínicas variadas. A transmissão ocorre, principalmente, pela ingestão de água contaminada por fezes ou vômitos de doente ou portador.

duas patologias no mesmo contexto, da suas devidas proporções estas patologias não causavam risco de morte, o denota a preocupação menor e que deveriam ser apenas observadas, não deixa evidente a necessidade de isolamento:

Ophthalmia purulenta³⁵ - A Ophthalmia purulenta isto é, a moléstia caracterizada por inflamação dos olhos e corrimento de pus, propaga-se no meio escolar com grande facilidade, fazendo-se a transmissão directamente pelo contato com os affectados, ou alumno affectado é medido que impõe, apenas a moléstia se declara. **Parotidite ou cachumbas**³⁶ - É moléstia sem gravidade, mas altamente contagiosa, caracterizada pela tumefacção das glândulas denominadas parótidas, a qual se estende até os ouvidos. Sua duração é de 8 a 10 dias, mas a transmissão se pode efectuar muitos dias depois da cura. Visto sua benignidade as medidas de isolamento e não revestem do rigor que devia e exigir a sua contagiosidade (MELLO, 1902, p. 61).

O ato de observar se concretiza pela atenção específica em perceber sinais e sintomas apresentados por um ou mais indivíduos, para esta ação exige-se do observador a capacitação. No caso das professoras, as aulas de higiene lhes conferiam as condições para observar e notificar conforme a sintomatologia, embasadas nos conhecimentos adquiridos.

No que pesa as “moléstias parasitoses da pele e dos pellos”, apesar de não ser doença com risco iminente de morte, a sarna apresenta um contágio rápido e fácil. O que indica o seu caráter infecto contagioso no meio escolar, causando desconforto e possibilidades de associação a outras comorbidades. Segundo o plano educativo da disciplina de higiene escolar em 1902, a sarna já gerava transtornos no meio escolar.

Sarna³⁷ - A sarna é o tipo das dermatoses parasitárias, podendo o parasita que a produz ser observado com o auxílio de uma lente comum. Além das lesões que lhe são peculiares, o coçamento acompanhado de inflamação dos vasos e gânglios lymphaticos. Conquanto o acaro ou parasita que a produz imigre

³⁵ Conjuntivite é uma inflamação da conjuntiva, que é uma membrana que recobre a porção anterior da esclera e a face interna das pálpebras..

³⁶ A caxumba, conhecida como parotidite epidêmica, é uma doença viral caracterizada pela infecção de uma ou mais glândula salivares, geralmente a parótida. Tem como agente etiológico um vírus. Prevenção por meio de imunização. **Fonte:** Sociedade Brasileira de Infectologia: Disponível em <http://www.infectologia.org.br> Acesso em: 26 fev. 2016.

³⁷ A escabiose (ou sarna) é uma doença contagiosa causada pelo ácaro *Sarcoptes scabie* variedade *hominis*, transmitida pelo contato direto com uma pessoa infectada.

preferencialmente a noite , pode também desalojar-se durante o dia, especialmente nas horas de calor, e passar de uma a outras pessoas, quer directamente, quer pelo contato com roupas. Isso justifica a necessidade de afastar da escola o aluno affectado de sarnas, não devendo ser readmittido antes de serem suas roupas lavadas ou desinfectadas, e terem cessado completamente as manifestações mórbidas (MELLO,1902, p. 62).

A pediculose foi descrita pelo médico como uma ocorrência presente naquelas “crianças menos cuidadosas”, essa afirmativa, deixa evidente o preconceito e torna da pediculose ao associar sua infestação a falta de higiene e aos menos favorecidos economicamente.

Pediculose³⁸ - A pediculose ou affecção caracterizada pela presença de parasitas na cabeça, é frequente nas *creanças menos cuidadosas e se transmite as demais comas quaes se põem em contacto, produzindo além do pontihado branco dos cabellos, característico das lêndeas, lesões do couro cabelludo e adjacentes, taes como a fronte, as arelhas e a nuca acompanhados de tumefação e as vezes suppuração dos gânglios lympháticos do pescoço (Griffo nosso)* (MELLO,1902, p. 62).

Interessante, que para a pediculose não há referência sobre o seu tratamento ou isolamento da criança infestada. Ressalta-se que o texto aqui exposto é fruto de uma literatura de 1902, e que reportava-se aos conhecimentos médicos científicos do seu tempo:

Em continuidade às doenças parasitárias da pele e dos pelos o medico, esclarece sobre as Tinhas.

As Tinhas³⁹ ou moléstias mais peculiares aos pellos, se distiguem em 3 espécies ou variedades.

Tinha Favosa – É produzida por um parasita vegetal que localiza de preferência no couro cabelludo, formando em torno dos cabellos uam saliência arredondada achatada e deprimida em sua parte central, tendo a cor de enxotre, qual asphxia o cabelo e acarreta a sua queda, deixando no lugar destes má cicatriz onde os pellos não podem mais desenvolver-se. A sua transmissão se opera directamente das pessosas affectadas as sans e por intermédio de animais domésticos, tais como gatos, gallináceos e ratos.

³⁸ A pediculose pode ser confirmada pela presença de lêndeas ou piolhos no couro cabelludo. As lêndeas são os ovos dos piolhos - A transmissão da infecção se dá através de contato direto (inclusive relação sexual) ou indireto (escovas de cabelo, roupas etc).

³⁹ Infecção fúngica do couro cabelludo, usualmente causada pelo *Trichophyton schoenleinii*, responsável pela inflamação crônica do couro cabelludo e formação das escútuas fávicas, sendo considerada atualmente uma forma severa da tinha capitis e que evolue para alopecia cicatricial.

O isolação será proporcionalmente á duração da moléstia.

A Tinha tonsurante – lembra a tonsura ou Curie do cabelo rente, com a diferença de que, ao invéz de ser a tonsura geral, é parcial, apresentado a cabeça uma ou mais placas arredondas, de disseminação variáveis coberta de escamas.

É a mais contagiosa das tinhas, reclamando, por isso, prompto isolamento do alumno affectado e exame repetido nos demais da da mesma escola.

Tinha descolante ou pellada se traduz pelo desenvolvimento inesperado de uma placa formada pela queda dos cabellos sem descamação nem lesão de qualquer espécie, em torno da qual alguns pellos adherem entre si e se deixam facilmente arrancar (MELLO,1902, p. 62-63).

Nota-se que para o ano de sua publicação, o livro sobre Higiene Escolar, apresenta um caráter educativo com uma riqueza de detalhes de doenças que faziam parte do ambiente escolar. Nisso observa-se o quão importante seria as professoras conhecerem sobre as possíveis patologias e ao identifica-las, realizar o encaminhamento mais adequado dos seus alunos.

Associado ao caráter de transmissibilidade, o aspecto visual desagradável da doença também causava restrições que reforçavam a necessidade de medidas higiênicas individuais e coletivas nos corpos e nos ambientes.

Por último, no ensino sobre as doenças infecto contagiosas, instrui sobre a *Lepra*, a nefasta doença milenar, sua estigmatização social trazia grande preocupação e para tanto, as professoras iriam contribuir contra o mal que assolava a sociedade:

A lepra⁴⁰- A lepra ou morphea – é das moléstias de pele a mais temidas pelas alterações locais que produz e pelos estragos gerais que acarreta. Reconhecidamente contagiosa a hereditariedade não passa de exemplos de contágio na infância: assim também a alimentação e outras causas, a que se attribue a morphea apenas favorecem a sua transmissão mais vulneráveis ao germen que a produz. Se a moléstia se apresentasse sempre com sinais que a caracterizam em grau adiantado, o seu reconhecimento seria fácil e, sabido que Ella é contagiosa, facilmente geram tomados as precauções de isolamento. Acontece, porém, que não só seu início senão também, na sua forma nervosa, Ella passa despercebida por largo tempo de estudo, contaminado ou podendo contaminar os que

⁴⁰ A hanseníase, também conhecida como lepra, é uma doença infecciosa causada por uma bactéria chamada *Mycobacterium leprae*. Os países com maiores incidência são os menos desenvolvidos ou com condições precárias de higiene e superpopulação. A transmissão do *M. leprae* se dá através de contato íntimo e contínuo com o doente não tratado. Apesar de ser uma doença da pele, é transmitida através de gotículas orofaríngeas. O tratamento nas formas mais brandas (paucibacilar) demora em torno de seis meses, já nas formas mais graves (multibacilar) o tempo é de um ano ou mais.

se acercam de quem manifesta. Nestas condições, impõem-se, uma vez de mais, a necessidade da inspeção medico escolar, methodica e systematicamente praticada. Esta moléstia é contagiosa, e caso tal reclama o isolamento do alumno (MELLO, 1902, p. 64).

Dr. Mello, fala sobre a dificuldade em reconhecer a doença antes que a mesma estivesse em estágio mais avançado, adverte sobre a necessidade de avaliação médica na escola para sua detecção precoce, e defende para tanto, a inspeção médica escolar como estratégia eficaz no diagnóstico e conduta terapêutica a serem tomados.

Ao destacar a importância social da disciplina de hygiene o autor ainda ressalta:

A importância da hygiene das escolas é hoje evidenciada pelo amor cultural com que é tratada nos países mais adeantados, quer pelo estado, quer por particulares. Entretanto não bastam boas leis sobre hygiene escolar e boas escolas para a garantia da saúde dos que a frequentam: é também necessário que professor tenha conhecimentos de hygiene pública, para cooperar eficazmente nessa grande empreza social (MELLO, 1902, p. 6).

Tais aspirações passaram a circular de forma a atingir toda a sociedade, onde os hábitos salutareos passaram ser ensinados e cobrados, levando ao entendimento dos primeiros passos como pratica educativa, a promoção de saúde na perspectiva social, fez da hygiene objeto de conhecimento a ser popularizado.

Entre outras ideias em circulação, aqueciam o debate de uma elite que a partir da sua rede de sociabilidade, ia se convencendo de que a orientação necessária para o progresso da nação era aquela cuidadosamente desenhada por suas mentes modernas (científicas) e seus corações (cívicos) comprometidos com o destino do Brasil e dos brasileiros (LINHARES; LIMA; OLIVEIRA, 2012, p. 108).

Esperava-se que suas prerrogativas refletissem no controle de epidemias que contrariavam o desenvolvimento sócio econômico almejado. “A Higiene configurada como parte do programa escolar apresentava em seus conteúdos, saberes que incidiam diretamente sobre a educação do corpo do escolar” (PYKOSZ; OLIVEIRA, 2009, p. 139).

O desconhecimento ou descumprimento das noções básicas de hygiene fazia das crianças as vítimas mais susceptíveis das parasitoses. A sintomatologia das

parasitoses nas crianças subdivide-se em sintomas leves e inespecíficos, tais como: distúrbios do sono, vômitos ocasionais, dificuldade de concentração e irritabilidade; enquanto que os graves estão diretamente relacionados à desnutrição, diarreia crônica e depressão do sistema imune o que resulta em baixa qualidade de vida (ANDRADE; ET. AL. 2013, p. 256).

Na concepção higienista, a temática saúde atraía maior adesão aos novos preceitos civilizadores, seus praticantes detinham *status* social elevado. Era fundamental a educação dos indivíduos dentro dos valores saudáveis, o que trazia em seu bojo, forte caráter hostil da “asepsia social” ligado pensamento eugênico das elites do século XIX.

Várias publicações da época já permitiam estatísticas populacionais com “sofisticadas análises” votadas à construção de populações dita como saudáveis, “evidenciava-se a aproximação marcadamente etnocêntrica à realidade de saúde das populações e uma interpretação naturalizante de seus modos de vida, eivada de fortes traços moralizantes e ideológicos” (AYRES; MOTA; MARINHO, 2013, p. 8).

Coube à instrução assumir parte da responsabilidade proposta para solução das mazelas sociais, de forma a “educar, esclarecer, civilizar enfim esses “novos bárbaros” cuja incúria seria causa de sua vitimação” (LIMA, 1985, p. 85).

Assim, vislumbra-se a possibilidade de resolver o problema da saúde pública pela educação e pela educação física, independentemente das determinações dadas pelas condições materiais (GONÇALVES; RAMOS, 2005, p. 7).

O novo ordenamento legitimou e centralizou na escola as ações educativas que deveriam ser pedagogicamente disseminadas, isso exigia uma nova maneira de pensar e transpor as ideias sobre de higiene, além da representatividade de novos atores sociais:

[...] entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, [...] são as suas modalidades variáveis que permitem distinguir diferentes categorias de signos (certos ou prováveis, naturais ou instituídos, ligados ou separados do que é representado, etc.) e que nos permitem caracterizar o símbolo (em sentido restrito) na sua diferença relativamente a outros signos (CHARTIER, 1990, p. 21).

Diante da medicalização da educação, com práticas médico-higiênicas que deveriam ser aplicadas no cotidiano das escolas, interferindo na praxis didático-pedagógica, e por meio das prescrições médicas eram impostas condutas de hábitos higiênicos aos alunos e suas famílias.

Considerando a influência da medicina na promoção da idealizada sociedade higienizada, onde “fortalecer, disciplinar, ordenar o trabalho nas escolas, moldar os temperamentos, estruturar e regenerar” (GONDRA, 2004, p. 327), confundiam-se com as ações pedagógicas, sendo a escola o veículo estratégico para divulgação das ideias de higiene a serem incorporadas no hábito cotidiano da educação.

As discussões aqui apresentadas destacam o entendimento médico de uma época marcada por grandes mudanças, suas ideias que orientaram um novo modo e viver da sociedade brasileira. No que se refere a Sergipe o médico Helvécio Andrade se destacou ao abraçar e prescrever práticas educativas de higiene, sendo seu foco a Escola Normal e primária, para as quais escreveu vários ensaios, livros, discursos para eventos etc. o que o torna, em Sergipe, o pioneiro no uso da higiene como fonte de educação e saúde.

Importante ressaltar, os médicos oitocentistas, José Lourenço de Magalhães e Balthazar Viera de Mello, que partiram de Sergipe ainda estudantes e não mais retornaram para morar ou laborar em solo sergipano, no entanto, suas ideias estiveram presentes nas ações higienistas aqui realizadas.

O primeiro faleceu no alvorecer do século XX, em 1905 - deixando como legado uma de suas obras destinada as “Questões de Hygiene” (1890), neste livro aborda a higiene no contexto social, sempre relacionando sua prioridade para a gestão pública, como primeiro passo para o controle das doenças e progresso da nação.

Para ter acesso às duas obras citadas acima, foi necessário visitar a Biblioteca de Medicina da Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, onde existe um acervo de raridades, em um setor não aberto ao público, mas com a intervenção da Diretora Técnica de Divisão, a Bibliotecária Sulamita Selma Clemente Colnago, que prontamente autorizou o acesso à pesquisa nas referidas obras. O que para essa pesquisadora o encontro com estas fontes foi de profunda satisfação, pois estamos diante de um importante resgate da participação dos

sergipanos na história, e com grande contribuição no contexto da educação voltada à saúde no final do século XIX e início dos século XX.

Desse modo, Sergipe pode orgulhar-se em ter como representantes na história da higiene dois filhos ilustres, que ao juntarem seus conhecimentos a outros tantos médicos brasileiros, ajudaram na construção das bases da educação em saúde no Brasil.

No contexto do ensino da higiene a escola sergipana definiu sua marca ao adequar-se ao modelo higienista, com a formação dos novos colaboradores que contribuíram na identificação de doenças na escola, transmitindo as orientações aos alunos que deveriam ser submetidos ao isolamento durante o tratamento, bem como as medidas higiênico-dietéticas adequada ao reestabelecimento da saúde.

Na próxima seção, aborda-se o ensino de higiene e a influência médico higiênica na perspectiva da aplicação do ideário sanitaria em Sergipe. Tomando como base os documentos pesquisados sobre a “Cadeira de Sciencias Physicas e Naturaes e Hygiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe. Identifica-se como o ensino da higiene chegou a instrução primária no recorte temporal eleito para esta pesquisa.

3 A CADEIRA DE SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES E HYGIENE, BERÇO DA HYGIENE GERAL E ESCOLAR” NA ESCOLA NORMAL DE SERGIPE - “Proceder de cima para baixo e do centro para fora”.

Nesta seção apresenta-se a Cadeira de Ciencias Physicas e Naturaes e de Hygiene como o berço da disciplina de Hygiene Geral e Escolar na Escola Normal de Sergipe, para tanto, destaca-se a influência das ideias médicas na construção dos conteúdos da Escola Normal de Sergipe. Refletimos sobre a aplicabilidade das noções de higiene no ensino aprendizagem dos grupos escolares. Destaca-se as escolas como instrumento social que exercia a função de também cultivar nos alunos os princípios higiênicos.

Desse modo, as professoras sergipanas respaldadas pelos ensinamentos higienistas se determinavam em “apurar os sentidos e os modos das crianças”. Tornando-se protagonistas “da educação do corpo pela via da higiene, era sobre tudo, romper com os costumes ditos impróprios, vindos de casa” (PYKOSZ, 2009, p. 139).

No que se refere ao tema das disciplinas escolares André Chervel (1990, p. 187), afirma que “a especificidade desse campo de estudos reside na investigação dos ensinamentos da idade escolar, pois o seu elemento central é a história dos conteúdos”. Nesse campo, é possível investigar a relação entre o que foi estabelecido como finalidade para os conteúdos de ensino e o que foi efetivamente ensinado/aprendido.

O termo disciplina, no sentido de conteúdos de ensino passou a ser utilizado nas primeiras décadas do século XX, sendo até o fim do século XIX contextualizada como indicativo de vigilância dos estabelecimentos em relação às condutas dos indivíduos que ali conviviam, sendo estas de caráter representativo à ordem da instituição, podendo se identificar a atitudes repressivas ou ainda fazendo o entendimento de disciplinar por via de regras estabelecidas e disciplinarmente seguidas.

Assim, ao abordar a disciplina de higiene no sentido dos conteúdos de ensino segundo Chervel, afirma que:

[...] disciplina é igualmente, em qualquer campo que se a encontre [...], quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte. As disciplinas são o preço que a sociedade deve pagar à sua cultura para poder transmiti-la no contexto da escola ou do colégio. (CHERVEL, 1988 p. 5 - 55).

Ainda ao referir-se sobre as disciplinas exigidas na formação em medicina, cita algumas como: epidemiologia, ciências da conduta, administração de serviços de saúde, bioestatística descreve:

O estudo dessas (disciplinas) leva a pôr em evidência o caráter eminentemente criativo do sistema escolar, e, portanto, a classificar no estatuto dos acessórios a imagem de uma escola encerrada na passividade, de uma escola receptáculo dos sub-produtos culturais da sociedade. Porque são criações espontâneas e originais do sistema escolar é que as disciplinas merecem um interesse todo particular. E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global. (CHERVEL, 1990, p. 184).

A estratégia do poder público ao inserir a disciplina de higiene no plano pedagógico, prescrita por médicos, fez da professora uma disseminadora da proposta de civilização, que apropriadas das prerrogativas do saber pedagógico tornaram-se agentes de transformação social. Para Faria Filho (2000, p. 22): “a questão da higiene aproximada do fazer pedagógico, vai influir na elaboração da necessidade de um espaço próprio para a escola”.

Gondra ao discutir sobre higiene e cultura escolar, menciona que o espaço da escola sofreu inúmeras interferências, e adequava-se, compreendendo o espaço educacional com as influências que este sofreu ao longo dos tempos, compreende-se que a instituição escolar como palco de diversos interesses do poder, na maioria das vezes sob o domínio de outras instituições tais como as “religiosas, militares, jurídicas e médicas” (GONDRA, 2005, p. 1).

A educação cumpriria então, a tarefa de regenerar o povo não só no temperamento, princípios e costumes novos, mas também sendo capaz de gerar o que o Estado enfraquecido que ansiava por “um espírito novo, o espírito nacional,

um sentimento nacional que faça da pátria não só objeto do nosso amor, mas fonte do nosso orgulho” (VERÍSSIMO, 1985, p. 51).

A educação teria o papel redentor da sociedade, contudo, o pensamento eugênico atribuía aos acometidos pelas injúrias, ou seja, aos degenerados, a culpabilidade das próprias misérias sofridas, “não havendo por parte do Estado o entendimento de outros fatores causadores das doenças” (LIMA, 1985, p. 22).

Neste sentido, os primeiros higienista entendiam que a saúde configurava-se como obrigação individual, onde era fundamental a formação de homens e mulheres fortes e sadios, após a idealização do projeto da higiene social, acreditou-se na educação como principal redentora da humanidade. Assim, atribuindo à educação, a possibilidade de resolver os problemas de saúde pública, desse modo o médico Helvécio de Andrade definia:

A saúde é um estado geral do organismo em que as funções se executam livre e normalmente com um sentimento intimo de bem estar. As formas da saúde abrangem diversos estados do organismo e modos de ser da vida individual e colectiva, - a idade, o sexo, o temperamento, as heranças, as raças, os habitos e as profissões (ANDRADE, 1912, p. 108).

Diante da situação de insalubridade que vivia a saúde pública brasileira em geral nos anos iniciais do século XX, entendia-se que a higiene tanto individual quanto coletiva não era apenas uma necessidade de hábito “social”, mas a exigência de uma pratica disciplinadora de ordem social, como afirmava o médico Carlos Sá (1926) no estado São Paulo:

Para formação de hábitos sadios não basta, porém, possuir uma caderneta, em que se inscrevam os actos a repetir diariamente: é indispensável collocar ao alcance das creanças os meios de executar aquelles actos. Resta-me insistir para que se confie às professoras a missão de inculcar hábitos sadios nas creanças (SÁ, 1926, p. 816).

As atividades pedagógicas foram os recursos essenciais ao processo do ensino da disciplina de higiene, sendo um dos instrumentos organizadores dos saberes e indispensáveis à formação dos indivíduos. De forma que a estratégia do Estado com vistas à promoção de hábitos que levariam a prevenção de doenças teve como condição o ensino dos conteúdos pedagógicos prescritos, obteve

sucesso e sua perpetuação promoveu a transformação cultural e social do espaço escolar.

Durante visita de inspeção aos grupos escolares na capital e nas localidades mais isoladas, Dr. Helvécio referiu-se as condições anti-higiênicas para o funcionamento de algumas escolas, o relatório foi apresentado ao Presidente do Estado, em 30 de julho de 1915, quando ele também acumulava o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, nesses termos denunciou as condições insalubres das escolas e alunos:

Salas acanhadas, escuras impróprias higienicamente, atravancadas de bancos grosseiros, enormes, promíscuos, construídos sem medida, em geral muito altos para crianças de baixa idade, cujos pés suspensos do solo chegam a inchar por compressão circulatória dos membros inferiores; crianças pálidas, tristes, curvadas os joelhos onde depõem o livro, desgraciosas, sem atitude, candidatas à miopia, às curvaturas da espinha, às moléstias da nutrição por deficiência de respiração e de exercícios; tal o aspecto das nossas escolas no interior e na capital, em sua grande maioria (SERGIPE, 1915, p. 7).

O médico evidenciava as condições precárias das escolas mais distantes assim, as crianças eram atendidas em condições inadequadas, uma contradição as aspirações políticas sociais e legislativas daquele momento. Nisso, materializava o seu papel social de observador e interventor das questões educativas.

Culturalmente, é possível encontrar vestígios que indicam as intervenções sócio-educativas sofridas pela escola, revelando a escola como cenário principal de ações que induziram transformações sociais. No contexto educacional, entende-se que mudança “não constituiu um novo modelo escolar, mas produziu novas formas e alterou a cultura escolar” (VIDAL, 2000, p. 515).

No espaço escolar alguns instrumentos pedagógicos tornam possível analisar a transposição das ideias previstas no plano de aulas, também outras medidas utilizadas em atenção à formação das professoras, em especial, como as práticas médicas higiênicas que deveriam ser aplicadas no cotidiano das escolas primárias do Estado de Sergipe. Tudo isso na intenção de moldar as competência e habilidades necessárias às professoras, no atendimento das prescrições médico-higiênicas que deveriam ser aplicadas e cobradas no cotidiano escolar.

Quando a medicina foi desafiada em ampliar suas intervenções no sentido do educar para diminuir as mazelas supostamente causadas pela falta da higiene, evidenciou-se que:

as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros” desse modo os médicos se colocaram a disposição dos governantes para pensar e organizar novas estratégias e práticas que envolviam todos os espaços sociais, escolares e político. Pois era preciso legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Por isso esta investigação sobre as representações supõe nas práticas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação por aqueles de delas se apoderavam.

Neste sentido cabe ao pesquisador:

Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Compreendendo o espaço escolar como promotor de identidades social e cultural, construtor de saberes, entendendo por atores constituídos - professor e aluno - direcionados a formação de uma nova sociedade, remetendo ao entendimento de higiene como premissa básica da saúde. Entretanto, “importa antes de mais identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferenças formas culturais” (CHARTIER, 1990 p.56).

Os códigos propostos indicavam a sua abrangência e ultrapassavam os muros da escola e influenciaram em ações que afetariam;

[...] a higiene da habitação e do ambiente, a higiene dos alimentos e das bebidas, a higiene do vestuário, a saúde e o bem-estar das mães e das crianças, a prevenção e controle de doenças comunicáveis humanas ou animais, a organização do pessoal médico e das boticas e assim por diante (ROSEN, 1994, p.177).

Com essa afirmativa, nos aproximamos do modelo que caracterizou a estrutura definida como prioridade, reconhecida pelo rigor de suas normas ditadas pela medicina no sentido da educação para saúde da população. Tais demandas abrangiam todo território brasileiro. Em Sergipe, diante dos “vestígios” pesquisados, identifica-se que de modo peculiar a medicina e a educação buscaram cumprir os propósitos progressistas no atendimento das normatizações das reformas educacionais.

3.1 Educar e disciplinar pelas vias da higiene em Sergipe

Na transição do século XIX para o século XX, em todo território brasileiro intensificaram-se as ações de combate às epidemias e endemias lideradas por médicos e higienistas que vislumbravam melhorar as condições de saúde da população. Dentre as propostas lançadas por aqueles profissionais destacavam-se as de melhorias necessárias às condições de higiene, contudo era preciso educar a população sobre as práticas higiênicas no atendimento da saúde coletiva.

Foi neste período que identificou-se a inserção da matéria/disciplina de Higiene sendo inserida nos currículos das escolas normais brasileiras após a Reforma Leôncio de Carvalho em 1879, onde foram designadas disciplinas pelo Decreto nº 7.247, de 19 de Abril de 1879 através do Art. 9º;

O Ensino nas Escolas Normaes do Estado comprehenderá as disciplinas mencionados nos dous primeiros paragraphos seguintes”: § 1º - Lingua nacional, Lingua franceza, Arithmetica, algebra e geometria, Metrologia e escripturação mercantil, Geographia e cosmographia, Historia universal, Historia e geographia do Brazil, **Elementos de sciencias physicas e naturaes, e de physiologia e hygiene**, [.....] [Grifo nosso)Pedagogia e pratica do ensino primario em geral, Pratica do ensino intuitivo e lições de cousas, Principios de lavoura e horticultura, Calligraphia e desenho linear, Musica vocal, Gymanstica, Pratica manual de officios (para os alumnos), Trabalhos de agulhas (para as alumnas), Instrucção religiosa (não obrigatoria para os a catholicos), § 2º - Latim, Inglez, Allemão, Italiano, Rhetorica. (BRASIL,1879).

A Reforma Leôncio de Carvalho definiu as disciplinas que deveriam compor os programas de ensino das normalistas, reconhecendo as escolas normais como centros de formação e aprimoramento específicos dos futuros professores. No que

se refere à inclusão da higiene como disciplina escolar Barreto afirma que “O espírito inovador da referida reforma pode ser percebido inclusive pela preocupação com a inclusão da educação higiênica na formação de professores” (2008, p. 3).

Naquele mesmo período, no Estado de Sergipe a exemplo de outros estados da federação também aconteceram várias mobilizações em favor da educação pública, na qual, de acordo com a Lei 366 de 06 de novembro de 1899, assinado pelo Presidente da província Olympio de Souza Campos, no art. 3º dispõe sobre a autorização para a reforma do ensino público, consolidando disposições vigentes e fazendo as modificações convenientes ao desenvolvimento desse serviço.

Art. 3º O ensino normal será dado em trez annos e comprehenderá as matérias seguintes: grammatica nacional, arithmetica, francez, geografia, história de Sergipe, e do Brasil, pedagogia, caligrafia, **Elementos de sciencias phisicas e naturaes**, [Grifo nosso] explicação das Constituições Federal e Estadual e do Código Penal, desenho linear, noções de agronomia, elementos de economia domestica, corte e manufactura de peças de vestuario, prendas e trabalhos (SERGIPE, 1899, p.01).

O ensino de Higiene até o momento fazia parte da matéria “Sciencias *Physicas e Naturaes*”. Porém, no ano seguinte, foi apresentada uma nova lei sobre o ensino a ser ministrado na Escola Normal. A Lei Nº 398, de 31 de Outubro de 1900, que estabeleceu novas cadeiras a serem ensinadas no Curso Normal, e por meio do art. 9º distribuiu as matérias do curso da escola normal nas seguintes cadeiras;

a) Gramatica nacional e caligrafia. b) Arithmética e desenho linear. c) Lingua franceza. d) Geografia geral e methodologia. e) Pedagogia e methodologia. f) “**Elementos de sciencias phyficas e naturaes e noções**”⁴¹ de agronomia e de **hygiene domestica**, pelo methodo intuitivo⁴² e experimental. g) Intrução moral e civica e explicação das

⁴² O método de ensino intuitivo foi idealizado, na segunda metade do século XIX, nos países da Europa e das Américas, como principal elemento de renovação do ensino, juntamente com a formação de professores. As raízes históricas do ensino intuitivo vinculam-se ao declínio do ensino escolástico e à ascensão dos preceitos da pedagogia moderna, preconizados por Bacon, Comenius, Rabelais, Locke, Condillac, Rousseau, Pestalozzi, Basedow, Campe e Froebel, entre outros. Ao afirmar que a aprendizagem é produto da observação, ou seja, da percepção. A criança parte da observação de um objeto, pelos sentidos alimenta a intuição (ou a mente) de conteúdos, permitindo a construção de hipóteses, ou seja, a produção do conhecimento. É chamado método intuitivo por que é a intuição a parte ativa da mente que atua sobre as sensações, o material que vem dos sentidos, e a percepção, gerando o conhecimento. O ensino deve começar pelo elemento mais simples e proceder, gradualmente, de acordo com o desenvolvimento da criança. O tempo de ensino deve respeitar as diferenças de aprendizagem de cada aluno e assim alcançar o domínio do conhecimento. O objetivo central do ensino, na concepção de Pestalozzi, é o desenvolvimento da inteligência do

condições estadual e federal e do código penal. Além destas cadeiras, haverá uma aula anexa, para prática do ensino e uma mestra de elementos de economia doméstica, corte e manufatura e vestuário, prendas e trabalhos domésticos (SERGIPE, 1900, p. 05 – grifo nosso).

Segundo Alves (2005), Em Sergipe após três anos da Reforma Leôncio de Carvalho, somente em 1882, foi contratado o primeiro lente para a “Cadeira de *Elementos de Sciencias Physicas e Naturaes* no Atheneu Sergipense”. O referido lente era o médico Dr. Daniel Caetano da Silva Campos Jr. (1855-1922)⁴³, que devido sua formação dominava os conhecimentos necessários para o ensino dos conteúdos Hygiene.

O plano de ensino da Cadeira de Elementos de *Sciencias Physicas e Naturaes*, aquela era dividido em módulos de aprendizado, distribuídos por dias da semana, no qual a hygiene também, entre outros conteúdos, era ensinada. Temos então que o ensino de Hygiene começava a encontrar seu espaço no contexto escolar. Desse modo, consideramos ter sido aquele o momento da criação da disciplina de higiene que no decorrer do tempo foi sendo ampliada segundo a necessidade de contribuição sócio educativa.

Para traçar o percurso do ensino sobre higiene em Sergipe, a seguir apresentamos o quadro com os nomes dos lentes da Cadeira inicialmente denominada, Sciencias Physicas e Naturaes e Hygiene entre os anos de 1882 a 1912.

aluno e não a transmissão de conhecimento. As relações entre o professor e o aluno devem ser baseadas e reguladas pelo amor.

⁴³ **DANIEL CAETANO DA SILVA CAMPOS JR** - Nasceu em 25 de maio de 1855 no engenho Feiticeira, município de Capela/SE, filho de Daniel Caetano da Silva Campos e Antonia Pinto da Silva Campos. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 17 de fevereiro de 1882 defendendo a tese “Fisionomia clínica das moléstias inflamatórias agudas complicadas de malária”. Estabeleceu-se como clínico em Aracaju, professor do Atheneu Sergipense, Inspetor de Higiene no primeiro governo de Oliveira Valadão (1896) e no Governo Olimpio Campos (1899 a 1902), deputado estadual constituinte por várias legislaturas, presidente da Assembléia e nessa condição chegou a ocupar o cargo de governador de abril a julho de 1898. Foi fundador da primeira associação médica do Estado, a Sociedade de Medicina de Sergipe, em 1910. A entidade, entretanto, teve duração efêmera, sendo extinta um ano depois. Faleceu em 8 de fevereiro de 1922, em Aracaju/SE, com 67 anos (SANTANA, 2009).

Quadro 5 – LISTA DOS LENTES DE HYGIENE SERGIPE

ANO	FORMAÇÃO	NOME	INSTITUIÇÃO
1882	Médico	Daniel Campos (1855-1922).	Atheneu Sergipense
1897	Farmacêutico	Guilhermino Amâncio Bezerra (1847-1909)	Atheneu Sergipense
1899	Médico	Jose Moreira Magalhães (1857- 1913).	Atheneu Sergipense
1911	Médico	Aristides da Silveira Fontes (1881-1954).	Atheneu Sergipense
1912	Médico	Helvécio Andrade (1864-1940)	Escola Normal Conforme ofício da secretária de governo do estado de Sergipe, no dia 28 de setembro de 1912, para a cadeira de <u>Sciencias Physicas e Naturaes e Hygiene.</u>

Fonte: Elaborado segundo Ata da congregação do Atheneu Sergipense.

Partindo da análise dos dados apresentados no Quadro acima, é possível asseverar que em Sergipe desde o Império já se promovia o ensino das ideias de higiene e que, este ocorria durante a formação das professoras na Escola Normal.

No entanto, Lima (1985), ressalta que somente depois de 1900, é que a questão da “higiene escolar” ganhou impulso, “culminando em sua institucionalização, na década de 1910, em vários estados brasileiros”. Percebe-se esse impulso, por exemplo, na Fala do Presidente Graccho Cardoso, no ano de 1923 quando destacou a higiene escolar como uma prioridade do seu mandato. Tal fala se torna mais importante uma vez que o referido presidente era um grande defensor da Escola Normal. Segundo o presidente;

[...] o mais palpitante aspecto da hygiene moderna, necessitava ainda ser criada: urge ser creada e systematizada, por maneira adequada e completa. [...] Os resultados da inspecção hygienica das escolas levada a effeito em 1922 constituem as mais concludentes de todas as argumentações em prol dessa medida (SERGIPE, 1923, p.27).

A partir da fala do Presidente percebe-se que o entendimento das autoridades era de que com a educação higiênica seria possível diminuir a transmissibilidade de doenças, ao ensinar e cobrar hábitos saudáveis para as crianças de modo paralelo este saber chegava também a sociedade. Para tanto, as praticas higiênicas

deveriam ser, “cultivadas desde a infância”, de modo que, formar professoras seria o primeiro passo em prol da higiene e saúde social.

Segundo a visão dos dirigentes com o decorrer do tempo, as ações educativas acabariam por envolver toda a sociedade, sendo por tanto, estratégico apropriar-se da escola e da metodologia disciplinar, a fim de propagar o modelo higiênico através do processo educativo. Tal ação seria possível uma vez que naquela quadra temporal a instituição escolar angariava cada vez mais respeitabilidade, sendo o instrumento mais para se chegar às famílias de forma confiável.

Figura 8: Escola Normal Ruy Barbosa - 1911



Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon309877/icon309877.pdf

Acesso em 15/jan/2015.

Seguindo esta interpretação sobre a escola ser o instrumento propagador das ideias de higiene segundo o Dr. Balthazar Vieira de Mello, em 1895, o estado de São Paulo, regulamentou o ensino da hygiene escolar em suas escolas:

[...] a lei n. 374, de 3 de setembro de 1895, no artigo 5º dispõe que a 8ª cadeira conste de historia natural, anatomia, physiologia e noções de hygiene. Melhor fora que Ella abrangesse a hygiene privada e pública, especilamente em suas applicações à escola, e noções das demais matérias. Ao estado, em geral compete velar pela saúde das creanças, praparando-les mocidade florescente, afim de augmentar o bem geral, a força activa e a força defensiva da nação (MELLO, 1902, p. 6).

Assim Dr. Mello (1902) marcou cientificamente sobre a proximidade da Educação, Higiene e Saúde ao chamar a atenção para a necessidade da intervenção médica na escola ressalta que “por mais que a pedagogia possa parecer estranha a hygiene neste assunto, não se pode contestar a sua influência sobre os methods de ensino” (MELLO, 1902, p. 29). Vários médicos tornaram-se defensores das ideias sobre “Hygine Escolar”.

Em 1900, o médico Helvécio Andrade, também sergipano foi prestar seus conhecimentos médicos na cidade de Santos - SP, lá, trabalhou no mesmo setor que o seu conterrâneo, Dr. Mello. Momento em que, acredita-se ter acontecido a vivência com os assuntos da higiene, seguido das trocas sobre convicções comuns no campo da higiene escolar entre os colegas médicos.

Tal passagem fez crescer o interesse e sentimento de pertencimento sobre assuntos educacionais, dos quais se apropriou Dr. Helvécio de Andrade.

Sobre a propedêutica médica na rotina escolar, Dr. Mello orientava:

Nessas visitas, além das questões de hygiene e de salubridade, os alumnos seriam examinados e medidos anthropometricamente, consignando-se em boletins o estado de saude de cada um, a estatura, o peso, a circunferencia do peito e da cabeça, a capacidade pulmonar, o grau de força muscular, as lesões ou deformidades, o estado das funções visuaes, dos ouvidos e dos dentes, com a declaração dos exercicios phisicos compativeis com a organização individual e, em caso de necessidade, a interrupção ou suspensão dos trabalhos escolares (MELLO, 1902, p. 68).

Nesta fala, nota-se o quão criteriosos deveriam ser os exames físicos realizados nos alunos, de modo que ao realizar a anamnese minuciosa, poderia declarar aquelas crianças cuja alguma deformidade física ou alteração na saúde apresentassem seriam “suspensas” ou excluídas do convívio escolar por serem consideradas inaptas aos estudos. Esta característica era uma prática considerada normal nos conceitos eugenistas que se mesclavam aos higienistas.

Quando Dr. Helvécio Andrade⁴⁴ retornou a Sergipe trouxe em sua bagagem além da vivência praticada em solo paulista, um forte discurso sobre a importância

⁴⁴ Dr. Helvécio da Andrade, (1864-1940) Sergipano que nasceu na cidade de Capela, em 1881 iniciou o curso de medicina em Salvador, foi para Santos (SP) em 1896 onde foi inspetor permaneceu como inspetor sanitário do porto de Santos até 1900, lá colaborou em diversas literaturas médicas e teve seu contato com as novas ideias médicos higienicas e pedagógicas presentes nas reformas educacionais de São Paulo. Em 1900 quando retornou ao solo sergipano passou a militar junto a

do olhar para com a saúde das crianças na escola, das mães e das famílias, tornando-se grande defensor das causas higiênicas em Sergipe, acreditava que:

[...] o que escapa à competência da família cae debaixo da acção da escola moderna, que tem o dever de pesar todas essas circunstancias, adoptando para a creação assim, mal constituída em um ou mais de um dos seus órgãos perceptivos, o regime pedagógico convivente (ANDRADE, 1911, Correio de Aracaju, 14 de agosto p. 4).

Dr. Helvécio foi o primeiro médico a assumir a causa, desse restou-lhe pouco tempo para de clinicar por dedicar-se a hygiene educacional. Em suas recordações lembrava:

“Entre nos, só em São Paulo, cuida-se, no momento, de organizar o serviço de hygiene escolar. É dever patriótico das nações por em pratica todos os meios capazes de preservar a creança das causas de enfraquecimento physico e mental” (ANDRADE, 1912, p. 112).

Com este sentimento Dr. Helvécio, passou a publicar notas sobre a temática em jornais que circulavam em todo o estado de Sergipe, o que fez dele uma referência no seletto espaço intelectual da época. Por seu firme posicionamento em defesa das causas higiênicas, em 1909, foi convidado a assumir o cargo de Delegado Fiscal do Governo Federa, como vemos abaixo,

[...] A missão a ser desempenhada tinha suas razões justificada na proposta de renovação do sistema escolar, dado o fato desse médico sergipano ter participado e acompanhado as reformas educacionais paulistas como Inspetor Escolar. Conquistou, assim, uma maior representatividade política e social (VALENÇA, 2011, p. 82).

Na década de 1910, iniciaram oficialmente as ações intervencionistas na educação sergipana, por Helvécio de Andrade, um importante passo no processo de educação e saúde do estado. Para esta missão “praticamente abdicou de suas funções clínicas de médico” (VALENÇA, 2005), passando a contribuir com seus conhecimentos mais especificamente no campo da hygiene social e escolar.

A influência, das prescrições médicas não se detinha aos cuidados orgânicos e ergonômicos da criança e ou da estrutura física e higiênica da escola, num caráter absolutista estendiam-se em operar também sobre o método, ideal para o aprendizado, no que consistia:

[...] averiguar quaes os methodos mais racionais e os processos mais engenhosos faceis e rápidos para transmitir o pensamento por meio da palavra articulada ou escripta obedecendo aos preceitos da pedagogia e da hygiene (MELLO, 1902, p. 29).

Neste sentido, o curso normal no contexto social, fez daquela instituição o meio eficaz para a introdução das condutas higienistas. Após a ampliação do acesso feminino à educação, restava capacitá-las nos princípios do saber médico higienista que fundamentaram toda uma mudança manifestada pela mudança de atitudes iniciadas na escola estendidas ao convívio familiar. Estabelecendo a propedêutica de avaliação que representaria avaliação do processo para fortalecimento da “hygiene” escolar ser professor de hygiene certamente significava uma maior oportunidade na extensão da atuação médica, o que de forma clara torna esta “especialização em tecnificação das propostas higienistas da época” (LIMA, 1985, p. 121).

Ao habilitar as futuras professoras, depositavam-lhes uma dupla missão, pois, quando contratadas nas diversas localidades, além de “ensinar as letras e os números” instruía também sobre os hábitos salubres para a vida, permitindo que a estratégia de regeneração pela educação se materializasse, [...] prepará-los não só a orientar a educação dos seus discípulos, como também para formar no professorado um grupo de propagandistas da moderna hygiene publica. (ARAÚJO, 1921. p. 373).

As configurações da instrução feminina em Sergipe, representadas pelas instituições educativas no início do século XX possibilitaram as jovens e moças o acesso à instrução mais elementar ao mais elevado grau. De acordo com (FREITAS, 2003, p. 37) “responsável pela profissionalização de um grande número de mulheres”.

As ideias higienistas já incorporada em uma disciplina a ser propagadas na Escola Normal de Sergipe e conseqüentemente nas escolas primárias. Em ambas, norteadas por um manual, sendo o “Programa para o Ensino Primário Especialmente

aos Grupos Escolares do Estado de Sergipe” de 1912 e o “Programa das cadeiras da Escola Normal e do Curso Complementar do Estado de Sergipe” de 1917.

A respeito dos manuais Felgueiras e Amaral afirmam:

Os manuais escolares foram utilizados como meio eficaz de divulgação de conselhos higiênicos, quer para alunos quer para seus familiares. Neles são constantes as referências à adaptação de hábitos de higiene regulares (FELGUEIRAS; AMARAL, 2010, p. 80).

Desse modo, no interesse da civilidade para o alcance do progresso pretendido se consolidava a influência da medicina, que ancoravam suas bases na educação como forma de persuadir toda população, esperando que os princípios higiênicos atingissem também os desprovidos do aprendizado pela leitura.

Diante dessas influências, era preciso internalizar nas normalistas os conceitos prescritos, dos quais, dariam continuidade fazendo circular as novas ideias na sociedade pretendida. Agregando aos conceitos valores culturais e daquela sociedade, assim a Escola Normal de Sergipe cumpriria seu papel de agente formador e transformador para os “cidadãos do futuro”.

Desde sua criação no final do século XIX, a Escola Normal manteve-se uma referência no Estado para a formação de professoras para instrução primária:

[...] uma das únicas oportunidades de continuarem estudando e se prepararem para exercer uma atividade profissional fora do ambiente doméstico, uma vez que o magistério era socialmente aceito e entendido como prolongamento dos papéis femininos exercidos no lar (FREITAS, 2003, p. 37).

Segundo Gondra (2004) a disciplina de higiene foi o instrumento que sistematizou as práticas de higiene nas escolas em sintonia com o movimento higienista, esteve presente no currículo de formação docente nas escolas normais e primárias da federação:

Pela via da normatização dos corpos e adequação dos espaços, respaldados pelo discurso progressista, entendia-se que para civilizar era necessário disciplinar, instituindo-se novos hábitos de higiene e a salubridades dos ambientes coletivos e familiares, mesmo que por força de lei (GONDRA, 2004, p. 544).

Nas três primeiras décadas do século XX, ocorreu em Sergipe o movimento entendido como “cruzada higiênica” que mobilizou diversos profissionais, das mais variadas áreas ligado aos interesses do estado, este serviu de base para a organização dos primórdios da saúde pública brasileira.

Segundo Dr Helvécio, as inspeção médica escolar serviam de oportunidade para o diagnóstico e a educação da comunidade de algumas doenças, assim defendia que a [...] inspecção medica não tem por fim somente fiscalizar a saúde dos allumnos nas escolas; mas também difundir os preceitos da hygiene infantil no seio das famílias, advertindo-as e instruindo-as sobre o estado de saúde dos filhos (ANDRADE, 1912, p. 112).

Tal afirmativa, reforçava sobre a necessidade da presença do médico na escola como uma medida contributiva para a orientação dos pais no que diz respeito a saude dos filhos, constituindo a hygiene escolar como espaço do controle médico.

Com este argumento, o médico abria precedente ao campo de trabalho junto a educação. Ao instruir sobre a higiene escolar como parte das propostas de construção do novo modelo de ensino, também, tomava para si as condutas sobre a formação de professores, inspeção de alunos e de organização de manuais que atendessem a necessidades higiênicas em vigor na época.

Vale ressaltar que devido ao sucesso atribuído ao ensino dos conceitos higiênicos às professoras, fez ampliar as possibilidades para outras funções direcionadas especificamente a educação em saúde, que anos depois substituiu a expressão educação sanitária. Assim, surgiram as Educadoras de Saúde formação oferecida na Faculdade de Higiene e saúde Pública (USP) que mais tarde foi assumida pela Pós Graduação.

Esta formação descendeu das ações do movimento sanitarista de 1923, momento em que novos profissionais deveriam ser inseridos no contexto da saúde. Nesse momento a enfermagem adentrou e estabeleceu a partir das suas atribuições praticas de atenção à saúde brasileira, e nesse propósito São Paulo foi pioneiro:

[...] Em São Paulo, no ano de 1925 foi criado o primeiro curso de formação de educadores sanitários, elementos fundamentais da ação da inspetoria de Educação Sanitária e Centros de Saúde, recrutados entre as professoras primárias, que atendiam a um curso especializado de higiene (LIMA, 1985, p. 123).

As professoras depois de formadas detinham os conhecimentos técnicos necessários, este aprendizado lhes proporcionou ao novo campo de ação profissional. Pois fazia parte da estratégia nacional formar outros sujeitos que viessem compor as forças que lutavam contra as mazelas da população.

A estratégia do Estado tinha na professora aquela que detinha as habilidades em educar intelectualmente, estabelecer regras comportamentais, assim, poderia também tornar-se multiplicadora da proposta civilizatória. Sob o apelo das práticas pedagógicas, que no seu maior propósito conduziria promoção de hábitos saudáveis, utilizando das suas prerrogativas educacionais, atribuídas a uma sociedade que tinha pressa em progredir.

3.2 A influência médica na formação da Escola Normal de Sergipe

De acordo com os princípios de Dewey (1965), a criança passa a ser o centro das “relações de aprendizagem”, para tanto as regras prescritas com respeito às normas higiênicas tinham no seu maior interesse a disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos.

Em 1911, a Escola Normal⁴⁵ de Sergipe passou a funcionar em prédio próprio na praça central da cidade, e lá permaneceu até meados dos anos 50. Paralelamente algumas ações foram realizadas no cumprimento da Reforma Rivadávia Correia, conforme o Decreto nº 563 de 12/08/1911, no que competia ao ensino da normal:

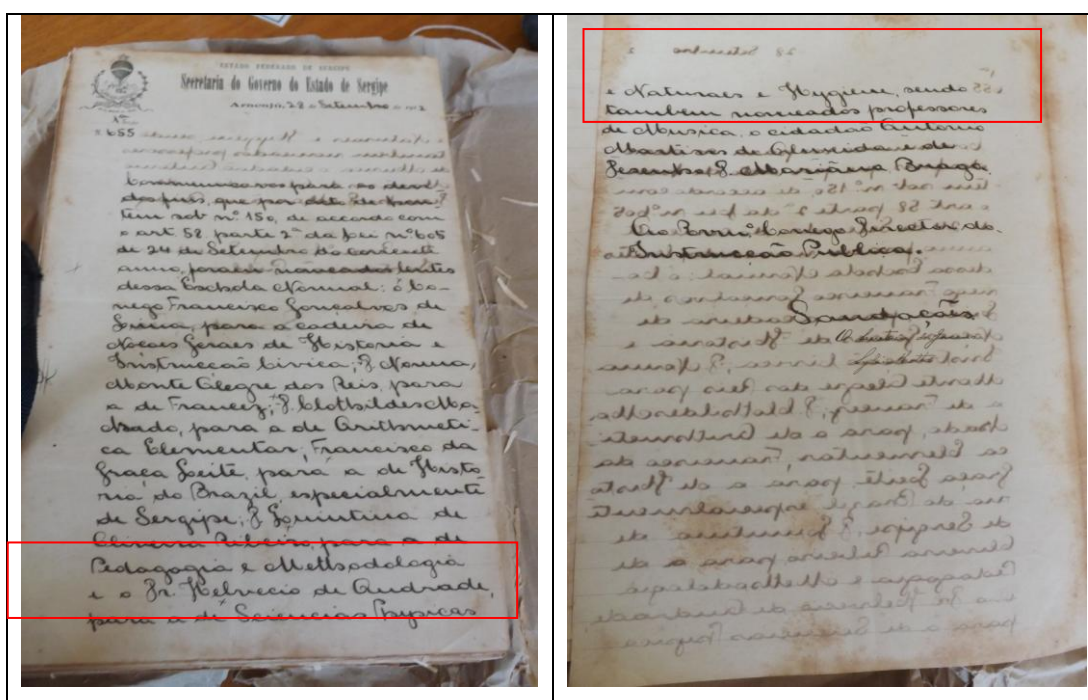
[...] ser ministrado em quatro anos, aumentava o elenco das disciplinas, passando a compreender: Português, Aritmética e Elementos da Álgebra e Geometria, Geografia Geral e História, especialmente do Brasil, Pedagogia, **Pedologia⁴⁶** e **Noções de Higiene Escolar**, Noções de Física, Química e História Natural, [...] (NUNES, 1984, p. 213).

⁴⁵ Escola Normal em 1923 passou a ser denominada Escola Normal Rui Barbosa, por iniciativa do Presidente do Estado Graccho Cardoso. E no ano de 1947, com a Reforma instituída pela Lei Orgânica do Ensino Normal (n.8.560, de 2/01/1946), passou a ser Instituto de Educação Rui Barbosa (ANDRADE, 2007).

⁴⁶ Pedologia é uma ciência do desenvolvimento infantil.

Naquele momento, em Sergipe, foram desenhados os contornos daquilo que a escola normal assumiu como função de contribuir com a nova proposta social em educar para saúde. Desse modo, o binômio: educação-saúde adentrou e fixou espaço no contexto da formação docente, em atendimento a estratégia nacional em capacitar novos profissionais.

FIGURA 9: Convocação de Lentes- 1912.



Fonte: Acervo iconográfico da pesquisadora.

Conforme representado na Figura acima, o ofício da secretária de governo do estado de Sergipe, no dia 12 de setembro de 1912, quando foi nomeado vários docentes para Escola Normal entre eles o médico Helvécio Andrade, para a cadeira de Ciências Physicas e Naturaes e Hygiene.

Apenas um ano depois (1913), de assumir como lente da Escola Normal, publicou o livro voltado à pedagogia intitulado, “Curso de Pedagogia”. Este livro, dividido em quatro capítulos que abordavam os seguintes temas; 1º Licções práticas elementares de Psychologia, 2º Pedologia, 3º Methodologia e 4º Hygiene Escolar. Esta literatura tornou-se referência obrigatória no curso normal Sergipano.

No que se refere ao capítulo que trata da Hygiene, o capítulo foi organizado didaticamente em:

- 1) Definição
- 2) Objecto
- 3) Saúde, e seus caracteres
- 4) Primeira e segunda Infância

Para definir a hygiene Dr. Helvécio afirmou;

A difinição de Hygiene é clara. É a arte de conservar e defender a saúde. Defender a saude é empregar todos os meios aconselhados pela sciencia para evitar as molétias. Estes meios são individuaes e collectivos. Os individuaes referen-se alimentação, ao vestuário e ao modo de vida de cada um. Os geraes referem-se ao clima, a habitação e as medidas sanitárias colletivas. Covém saber o que é saúde, e quaes os seus caracteres. A saúde é o estado resultante do regular funcionamento dos órgãos da economia. Como a moléstia, a saúde é desconhecida em sua natureza intima; não pode ser definida precisamente. É conhecendo os seus principaes caracteres que podemos fazer juizo do que é a saúde (ANDRADE, 1913, p.107).

O médico ressalta que a defesa da saúde deveria acontecer, e para isso, a educação da sociedade seria o primeiro passo. Porém é possível observar que as questões estavam relacionadas as condições sociais da população, No entanto, o foco “ [...] o programa escolar apresentava em seus conteúdos, saberes que incidiam diretamente sobre a educação do corpo do escolar”. (PYKOSZ; OLIVEIRA, 2009, p. 139).

Sobre os referenciais que sustentaram sua obra, estavam grandes nomes da educação internacional:

As lições, que ora vos apresento, reunidas em volume são o resultado da leitura meditada das excelentes obras de Welch, Faria de Vasconcellos, Montovani, lalois et Picavet, Compayre, Felisberto de Carvalho, Yvert, Vieira de Mello, e da REVISTA DO ENSINO, de S. Paulo, publicação trimestral, rica de ensinamento práticos do maior valor, e transmitidas ás alunnas do curso normal do 3º e 4º annos, no período de setembro de 1911 a Novembro de 1912 (ANDRADE, 1912, p.1).

O médico respaldou-se em grande estudiosos da educação ao escrever seus livros, ele mesclava os conhecimentos da área da saúde, psicologia e da educação formando seus conceitos e criando um modelo educativo fundamentado embasado,

e modo que havia como ser contestado. Este livro passou ser leitura obrigatória das alunas da Escola Normal de Sergipe, que “assumiu o desafio de formar” aquelas que iriam educar os futuros homens e mulheres residentes nas mais distantes localidades, lá, a instrução escolar exerceria também o duplo ensino da educação e saúde, que era reconhecidamente essencial á sociedade sergipana no início do século XX. Certamente a figura da professora representaria o maior nível de estudos na maioria dos diversos lugarejos onde existiam escolas.

FIGURA 10: Formatura das normalistas admitidas em 1928 – ao centro Dr. Helvécio Andrade



Fonte: Acervo icnográfico da pesquisadora

A influência médica impregnada no campo da educação sergipana, na qual as ideias sobre pedagogia sofreram as alterações que partiam da perspectiva medicalizante, não estando restrita aos conceitos de higiene e saúde, estes também pretendiam controlar pensamentos e comportamentos sob o respaldo dos valores considerados da boa moral.

É possível verificar a forte presença do entendimento médico nos temas a serem abordados na formação das normalistas, o que sustenta quanto a amplitude dos conhecimentos adquiridos que permitiriam as futuras professoras a colaborar na

prevenção e identificação de patologias, sendo esta uma ação silenciosa e pouco reconhecida.

No Quadro abaixo são detalhados o conteúdo da disciplina de Hygiene Geral e Escolar da Escola Normal de Sergipe segundo o Programa das cadeiras da Escola Normal de 1917.

QUADRO 6 – Conteúdos da disciplina de Hygiene Geral e Escolar da Escola Normal de Sergipe (1917).

SÉRIE	CONTEÚDO	CARACTERÍSTICAS DOS CONHECIMENTOS MÉDICOS
3º ano	Todos os tópicos estão voltados ao aprendizados da geologia e Botânica.	Não evidencia-se neste período o ensino dos conceitos de higiene.
4º ano	Tecidos e órgãos	Anatomia e Fisiologia
	Os homens	Estudo do ser humano
	Esqueleto do humano	Anatomia
	Órgãos e funções (noções)	Fisiologia e Fisiopatologia.
	Os sentidos	(Visão, audição, Tato, Olfato)
	Circulação	Fisiologia
	Respiração	Fisiologia
	Absorção, assimilação e desassimilação, Eliminação.	Fisiologia
	Systema nervoso; órgãos dos sentidos.	Fisiologia do Sistema Nervoso
	Movimentos músculos e articulações.	Fisiologia do movimento.
	Classificação geraes dos animaes. Animais úteis e nocivos.	Animais peçonhentos, anafilaxias
	Definição, objecto e importância da Hygiene, Saúde e moléstia; caracteres da saúde.	Conceitos de saúde e doença.
	Circunstanciais geraes e individuaes que inflenceem na existencia.	Comportamento
	Hereditariedade.	Genética, Eugenia
	Solo, agua, ar atmosférico, climas, estações.	Influencia do clima na saúde humana.
	Idade, sexo, temperamentos, profissões.	Comportamento humano.
	Alimentos, vestimentas, habitações.	Condições para boa saúde.
	Situação e construção da escola	Ambiente adequado e salubre no espaço da escola.
	Ventilação e iluminação da escola.	Ambiente adequado e salubre no espaço da escola.
	Mobília, atitudes e posições.	Ergonomia
	Molestias que se contraem e propagam na escola.	Risco das doenças infecto contagiosas na escola.

	Noções de prophylaxia geral e individual, Inspeção médica nas escolas.	Detecção precoce de doenças.
--	--	------------------------------

Fonte: Organizada pela pesquisadora - Programa das cadeiras da Escola Normal e do curso complementar do Estado de Sergipe, 1917.

Identificam-se neste Quadro, o aprofundamento dos conceitos biológicos bem como a abordagem higienista na formação das normalistas, efetivando-se a intervenção da ação profilática da época, sendo a escola ambiente ideal para o diagnóstico precoce de patologias tratáveis, estabelecendo-se a melhor oportunidade de resposta terapêutica viável as crianças da época.

FIGURA 11 – Capa do livro do Programa das cadeiras da Escola Normal e do Curso Complementar do Estado de Sergipe- 1917



Fonte: Acervo iconográfico da pesquisadora

Ao classificar as medidas salubres indicadas como plano de aulas do currículo da disciplina de higiene geral e escolar no curso de formação de professores confirmam-se as competências das professoras no educar “além das letras” ao formar nos pequenos cidadãos, os novos hábitos preconizados pelos Programas de ensino, seus reflexos constituíram largos passos na educação e saúde população da época.

Eram os programas curriculares que davam os ‘moldes’ pelos quais se deveria educar, formar as futuras professoras. Mas, na proporção em que há uma maior preocupação com o preparo técnico-

profissional das normalistas, vão sendo incluídas disciplinas de caráter mais específico, como “Pedagogia, Psicologia, Pedologia, Noções de Higiene Escolar e outras” (VALENÇA, 2003, p. 3-4).

Para atender ao modelo medicalizador, as professoras somaram as suas atividades pedagógicas às prescrições de higiene a fim de “educar, esclarecer, civilizar, enfim esses, novos bárbaros, cuja à ignorância e incúria seria a própria causa de sua vitimação” (LIMA, 1985 p. 85).

Segundo Dr. Helvécio de Andrade (1913, p. 1) Instruir e educar é a função do mestre: função difícil e complexa , que exige o conhecimento das faculdades mentaes e das leis e procedimentos pelos quais ellas se desenvolvem.

Confirmando-se a importância da professora como observadora capacitada a identificar os sinais e sintomas mais prevalentes nas doenças conhecidas da época, com base no que aprendiam com Disciplina de Higiene. Legitimando-se a Disciplina de Higiene como o primeiro instrumento de educação coletiva de saúde, uma vez que as várias evidências documentais nos levam a esta compreensão.

FIGURA 12 – Laboratório de ciências naturais da Escola Normal



Fonte: Acervo icnográfico da pesquisadora.

Na figura acima, são apresentadas duas peças que faziam parte do laboratório de Ciências Naturais existente na escola Normal. Uma peça representa o modelo anatômico do corpo e outra do globo ocular, instrumentos que ratificam o entendimento do médico e professor Helvécio em adquirir instrumentos didáticos que permitissem o aprendizado sobre o corpo humano na escola Normal.

Corroborando com essa ideia, Valença expõe;

[...] Manoel Dantas (1927-1930), preocupado com a modernização educacional e principalmente com o nível de instrução das professoras primárias, renova o material pedagógico e instala modernos laboratórios de física, química e história natural, dotando a Escola Normal Rui Barbosa de meios práticos para realizar o seu ofício (VALENÇA, 2002, p. 3).

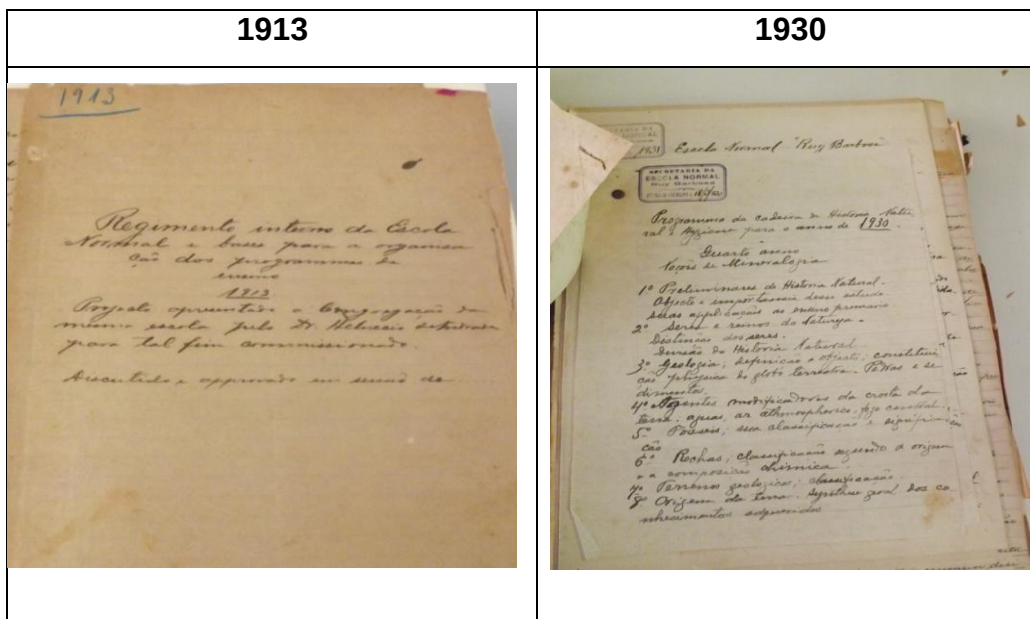
Constituindo em uma inovação pedagógica, na construção do conceito sobre promoção da saúde, estabelecendo na disciplina curricular de higiene uma proposta de transformação social, elevando a professora como educadora que atendendo as prescrições médico-higiênicas, conduziria a um fenômeno de grande relevância para construção de uma sociedade educada e saudável.

As disciplinas do currículo no ano de 1917 das alunas normalistas eram segundo o Programa das Cadeiras da Escola Normal e do curso complementar do Estado de Sergipe, introduzidas a partir do 3º ano na Cadeira de História Natural e Higiene geral e Escolar, organizadas e assinadas pelo Dr. Helvécio de Andrade (VALENÇA, 2006, p.158).

É necessário enaltecer a atuação comprometida das ex-normalistas diante da missão a elas confiada, frutos do saber e do agir profissional, que para além da alfabetização, tinham como missão moldar o indivíduo em seu modo de ser e agir para que este estivesse apto a conviver com o novo modelo de sociedade advindo com as grandes transformações societárias em terras Sergipanas.

Abaixo, estão representados os documentos rascunhados por Dr. Helvécio de Andrade, o que ratifica a influência médica na educação sergipana.

FIGURA 13 – Regimento da Escola Normal 1913 e o Programa das cadeiras de História Natural e Higiene de 1930.



Fonte: Acervo iconográfico da pesquisadora.

Os documentos apresentados comprovam as ações do médico Helvécio Andrade, quando o mesmo escreve o regimento interno da Escola Normal no ano de 1913 e 1930. Estes manuscritos evidenciam o controle exercido pelo médico e professor e sua influência ao escrever os programas de ensino das disciplinas que deviriam estar no currículo de formação das futuras professoras na Escola Normal. Assim afirma-se que durante as primeiras décadas do século XX a educação Sergipe foi regida por conceitos higienistas que eram a base de formação do médico citado.

Neste sentido, permite-se considerar o entendimento que tal abordagem médica aos alunos, proporcionava um momento impar, uma vez que não havia um sistema de saúde pública profilática acessível e disponível a população da época, sendo, portanto, uma possibilidade de detecção precoce de patologias potencialmente contagiosas, o que estabelecia oportunidade de tratamento e resposta terapêutica viável as crianças da época.

Confirmando-se a importância da professora como observadora capacitada a identificar precocemente sinais e sintomas mais prevalentes nas doenças conhecidas na época, com base no que aprendiam com Disciplina de Higiene. Legitimando-se a Disciplina de Higiene como o primeiro instrumento de educação coletiva de saúde.

Desta forma, percebe-se que por meio da disciplina de Higiene foi possível introduzir conceitos científicos de saúde a sociedade Sergipana e através destes a possibilidade de conhecer os aspectos que envolveram a premissa básica da saúde e sua história nas práticas escolares.

Segundo os ensinamentos de Chartier (1990, p. 36), “as maneiras de pensar dependem dos instrumentos materiais ou conceituais disponíveis para que elas se tornem possíveis”. Consideramos a Disciplina de Higiene, aplicada na Escola Normal como instrumento formador e promotor de saúde, sendo o conceito de higiene relacionado a saúde, refletindo o processo de civilização de uma época, meio de transformação de condutas intrinsecamente, a escola o agente propagador e a professora o sujeito difusor.

No entanto,

As que não sentem inclinação ao curso primário, conseguiram propensão para as seguintes profissões enumeradas por ordem de reincidência nas respostas: magistério secundário, enfermagem, assistência social, odontologia e advocacia (FREITAS, 2003, p. 76).

Neste interin, constata-se que como critério para seleção a primeira faculdade de Enfermeiras no Brasil em 1923, as candidatas deveriam ter o curso normal, o que certamente seria a disciplina de higiene uma iniciação técnica específica (OGUISSO; MOREIRA 2011, p. 72).

Critérios de seleção:

- Mulher
- Ter de 20 (vinte) a 35 (trinta e cinco) anos
- Ter cursado a escola normal
- Apresentar atestado médico
- Apresentar referências sobre suas qualidades morais e intelectuais
- Solteira ou legalmente separada do marido

Tal qual ser professora, as enfermeiras, também deviam atender a requisitos que exigia delas dedicação e doação de suas vidas, por suas escolhas aceitavam muitas vezes a imposição de valores morais da época.

No contexto da educação sergipana, o médico Helvécio Andrade, foi o primeiro a escrever, de forma científica, sobre a higiene como sendo a premissa básica da saúde. No estado de Sergipe, as professoras foram primeiras as difusoras das prescrições, que por meio de suas práticas pedagógicas em sala de aula, promoveram as ações educadoras profiláticas para a saúde coletiva no estado de Sergipe.

Apropriando-se da pedagogia, a medicina higienista, como no restante do Brasil, alterou o curso das epidemias de forma a obtenção do controle de doenças por meio da educação e observação, tudo isto favorecido por práticas do ensino aprendido transmitido a sociedade. Instrumentalizadas na disciplina de higiene, as professoras assumiram nobre missão confiada a escola, cumprindo seu papel de transformar os saberes em conquistas de melhorias para a vida das sociedades.

3.3 Cultivar nos alunos os princípios higiênicos no sentido da boa marcha.

Em Sergipe os conceitos de higiene, encontraram no espaço da escola o instrumento multiplicador do conceito de higiene e saúde, colocando a professora como protagonista da ação social por meio da Higiene “que envolvia a Puericultura /Paidologia, enfatizava os cuidados com o corpo da criança e por consequência da mulher”, família e da comunidade.

Sobre a implantação dos grupos escolares em Sergipe, sabe-se que várias reformas educacionais foram realizadas no estado, tinham como propósito nortear o processo educativo, sempre em consonância aos princípios higiênicos, representados em ações de caráter disciplinadores de modo a educar os futuros cidadãos, “cumpridores de deveres para com a sociedade”.

Desse modo:

Os higienistas discutiam os projetos para a construção de escolas, a implantação dos serviços e inspeção médico-escolar, e apresentavam sugestões para todos os ramos do ensino, em especial, as com relação à educação primária e infantil, essa busca

das ações higienistas nas escolas passou a influenciar a rotina e a fazer parte do cotidiano escolar (KUHLMANN, 1998, p. 81).

De acordo com Rocha (2002, p. 2), na busca de produzir sujeitos higienizados eram criadas regras de representações construídas acerca do corpo físico dos alunos e alunas. “Os manuais escritos por médicos, com a finalidade de guiar as aulas de higiene nos cursos de formação de professores, bem como as práticas médico-higiênicas que deveriam ser adotadas no cotidiano das escolas”, ou mais precisamente nos Grupos Escolares. Os grupos escolares em Sergipe foram criados com a reforma da instrução pública de 12 de agosto de 1911, assinada pelo então Presidente do Estado, José Rodrigues da Costa Dória. Este regulamento, nº 11 considerava sobre as disciplinas/matérias que deveriam ser aplicadas aos alunos do ensino primário;

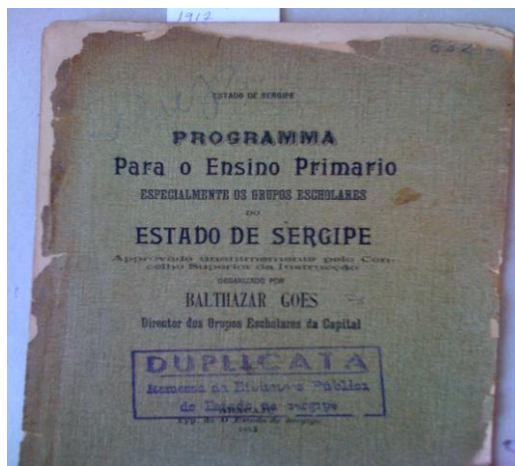
- a) Leitura, Escrita e Caligrafia
- b) Instrução Cívica e Moral
- c) Lições de Coisas (nesta constavam os ensinamentos e higiene)
- d) Ensino Prático de Língua Portuguesa
- e) Aritmética até regrade três
- f) Desenho
- g) Noções de Geografia Geral e de História, especialmente, do Brasil
- h) Ginástica
- i) Trabalhos Manuais e Cantos

As disciplinas acima citadas definiam os conteúdos a serem ensinados para os alunos dos grupos escolares de Sergipe, conforme o “Programa para os grupos escolares do Estado de Sergipe”. O referido Programa foi organizado pelo Professor Balthazar Goes⁴⁷ diretor dos Grupos Escolares da Capital, publicado aos 20 de

⁴⁷ Baltazar de Araújo Góes, (1853 -1914), Professor e jornalista, acumulou cargos em vários setores administrativos do governo Sergipano. Tinha o curso de humanidades feito no “Ateneu Sergipense”. Em 1872 substituiu o professor da 1ª cadeira primária da capital, onde ensinou gratuitamente durante os anos de 1871-1872 no curso noturno de adultos. Em 1877 entrou para a Tesouraria Provincial, provido cinco anos depois na cadeira de francês e aritmética de Laranjeiras. Com o advento da República em 1889, foi aclamado membro do Triunvirato ou Junta Provisória do novo Estado, fez parte da primeira Intendência da capital por nomeação do governo, passou para o “Ateneu Sergipense” como lente de geografia geral e astronomia, em cujo lugar lhe foi concedido o título de jubilação em 1898. Em 1911, foi diretor dos grupos modelo e central, anexos à moderna Escola Normal.

Janeiro de 1912. Antes da sua implementação, foi avaliado e aprovado pelo Conselho Superior de Instrução de Sergipe, de onde eram conselheiros: Dr. Joel Moreia de Magalhães, João Antonio de Oliveira e Francisco Teixeira de Faria. Tratava-se de um manual destinado a normatização do ensino primário sergipano.

FIGURA 14 – Programa para o ensino Primário do estado de Sergipe - 1912.



Fonte: Acervo iconográfico da pesquisadora

No prefácio do Programa para o ensino Primário do estado de Sergipe – (1912), os conselheiros descrevem sob o zelo do pedagogo e autor ao produzi-lo partindo da sua experimentação anterior:

No seu trabalho – programma fez elle applicação da Pedagogia a todos as materias constitutivas do curso primario, trabalho difficil que não se adquire sem pratica do ensino e sem o pendor natural para o magistério [...] O seu trabalho é a prova provada de que dentro de Sergipe há quem saiba educar e bem dirigir a mocidade Oxalá possa elle continuar prestando seus serviços á instrução, bem servindo d'este modo nossa Pátria ! (SERGIPE, 1912, p.04).

Os dizeres dos conselheiros transmitem a possível tensão que circulava no contexto da educação com a reforma de 1911, momento em que as influências da medicina se fixaram no corpo escolar de Sergipe, com a contratação do médico Helvécio de Andrade, trazendo as ideias da medicina higienista para a pedagogia, “fazendo das práticas diferenciadas de apropriação, as intervenções para novos objetos e modelos culturais que seriam impostos [...] sobre a nova pedagogia

validada por critérios científicos, pairava o [...] novo olhar que sela a morte da velha história da pedagogia” (CARVALHO, 1998, p.14).

Sobre isso Dr. Helvécio escreveu:

A pedagogia e a parte pratica; a Psycologia e parte teórica da sciencia da educação [...] A sciencia de instruir e educar é ao mesmo tempo uma arte. Como a sciencia requer o conhecimento da Psycologia, que por sua vez não pode ser conhecida sem estudo, pelo menos elemental, da anatomia, da psycologia, das sciencias physicas e naturaes e das mathematicas (ANDRADE, 1912, p.2).

Tal justificativa decretada a interferência medicalizadora, sob o respaldo da liderança governamental sergipana daquela época. Um acontecimento não restrito a Sergipe segundo o pesquisador paraibano Azemar dos Santos Soares Junior:

A escola foi alvo da medicalização, daí a introdução das disciplinas de Hygiene e de Educação Physica no currículo escolar [...]. Tiveram a função de disciplinar, bem como lapidar corpos e mentes. Normas de higienização eram repassadas pelos professores na intenção de que as crianças se tornassem uma geração limpa, higiênica, dona do corpo perfeito, saudável, forte, rígido, vigoroso, sedutor. Os manuais pedagógicos dirigiram seus olhares para a escola e para as crianças (SOARES JÚNIOR, 2011, p. 17).

Para construção dos conteúdos das “Licções Geraes” o professor Balthazar Goes utilizou como referencial teórico Norman Alisson Colkins⁴⁸ que escreveu “Primeiras Lições de Coisas” de traduzido para o português por Rui Barbosa em 1886. No que se refere a higiene, consideramos sua escolha por não indicar a não influência médico direta na confecção do programa, no entanto, verifica-se a preocupação com a iniciação das crianças em conceitos biológicos, quando ensinava sobre:

⁴⁸ A obra Primeiras lições de coisas – manual de ensino elemental para uso dos paes e professores, do professor norte-americano Norman Alisson Calkins, foi publicada pela primeira vez no ano de 1861, tendo sido considerada pelo francês Ferdinand Buisson, em seu famoso relatório sobre a seção de educação da Exposição Internacional de Filadélfia, realizada no ano de 1876, como “a melhor coleção de coisas de que há notícia”. Tidos como guias para orientar a implantação do método de ensino intuitivo pelos professores do ensino elemental, os manuais de lições de coisas ganharam força a partir do final do século XIX e início do século XX, abrangendo os conteúdos a serem ministrados no ensino elemental bem como as prescrições metodológicas a serem seguidas pelo professor (AURAS, 2003, p.1).

1) Educação dos sentidos, a) Vista: cores primitivas e as derivadas; os griscos, opaco, o translúcido, o transparente; o incolor. O cego e sua educação b) Ouvido: som- o ruído, a música; o som agudo, o som grave; o fraco; ou brando, o intenso ou forte; distinguir sons de varios corpos- da madeira, do metal, do barro cozido, do vidro, etc. O surdo-mudo, sua educação. c) paladar, gostos, o doce, o amargo, o salgado, o azedo, o pecante, o caustico, o ardente, o agradável, o insipido. d) O olfato: o grato, o nauseante, o suave, o intenso, o picante, o sulfocante, o inebriante, etc. O olfato auxilia o gosto. e) O Tacto; o espaço, liso, o macio, escorregadio, o friavel, o camplassivel, o elastico, o flexível, o melavel, o duro, o grosso o quente, o frio, etc. O tacto auxilia a vista (SERGIPE, 1912, p. 8).

O desenvolvimento de uma metodologia do ensino de higiene possibilitou a sua aplicabilidade, o que levou a ser chamada, na contemporaneidade, de práticas sanitárias. Caracterizando-se que as funções da professora não se restringiam ao ensinar letras e números, era também um agente social, colaborando desde como educador e com conhecimentos que lhe conferiam a credibilidade junto aos poderes públicos constituídos.

Porém, há que se ressaltar, que para os higienistas a literatura utilizada como referência pelo professor Balthazar, estava ultrapassada, em uma época de intensas descobertas e transformações, de modo que logo foi contestada e alterada pelo médico Helvécio Andrade.

Sobre a vocação de ser professor:

Como exige do mestre um conjunto de qualidades morais, que constituem por assim dizer a vocação para o magistério do ensino, sem o qual não há especialistas em nenhum ramo da atividade humana. Pela bondade o mestre conquista a estima do aluno e convida-o a aprender. E seu primeiro dever. Mas a bondade não exclui a firmeza nas decisões em matéria disciplinar (ANDRADE, 1912, p. 2).

No manuseio desses documentos, percebe-se que “a pretensão era realizar a façanha de, a um só tempo, destruir hábitos trazidos de casa, da rua, e inscrever nos toscos corpos infantis maneiras consideradas civilizadas, que deveriam torna-se duradouras” (VAGO, 2002, p. 22).

De acordo com Azevedo (2008), ao discutir sobre os grupos escolares de Sergipe, a mesma salientou sobre:

Preocupações higienistas nas escolas públicas, contudo, eram frequentes nas instituições de ensino de Sergipe desde regulamentações anteriores, a exemplo da reforma de 1911 no governo Rodrigues Dória (1908-1911), na qual já se estabeleciam determinações de caráter higienista, como a exigência da comprovação de vacinação dos alunos no momento das matrículas nas escolas públicas (AZEVEDO, 2008, p. 343-344).

No ano de 1913, Dr. Helvécio de Andrade, enquanto Diretor Geral da Instrução, publicou o manual que determinava regras gerais para serem atendidas pelos grupos escolares de Sergipe. O manual - “Instrucções para a boa marcha do ensino primário do Estado de Sergipe - Mandados observar pela Directoria Geral – 1913”.

FIGURA15 – Manual de Instrucções para a bôa do ensino primário do estado de Sergipe – mandados observar pela directoria geral – 1913.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Este manual foi produzido por Dr. Helvécio no interesse de uniformizar a estrutura moral e física da escola primária, normatizando as condutas à serem seguidas pelos inspetores e professores no sentido da práxis pedagógica convencionada.

Aos inspetores orientava sobre o que, como deveriam cumprir suas funções, tornando-se um manual de conduta dos profissionais da educação, lembrando que o seu autor era também o responsável pela Instrução Geral do Estado de Sergipe.

Na introdução do manual, esclarecia o propósito em padronizar as inspeções:

Recomenda-se aos Inspectores do ensino:

- a) Todo empenho em conseguir a uniformidade do ensino.
 - b) Que tenha em muita conta a localização das escolas quanto a condições de hygiene e população.
 - c) Que permaneçam em nos seus districtos o tempo necessário para formar juízo exacto das condições pedagógicas do ensino, Iniciando as professoras nas praticas dos novos methodos.
- Não devem contentar-se com simples visitas, dão apenas impressões geraes; deverão fazer visitas circunstanciadas, nas quaes possam colher dados positivos sobre classificações dos alumnos, frequencia legal, methodo do ensino , zêlo e competência dos professores, aproveitamento dos alumnos , sobre causas atraso inaptidão dos mesmos fazendo-se desapparecer pela interferência da sua autoridade moral e profissional ou technica. Para isso dividirão o tempo da fiscalização em uma localidade: No 1º dia de visita geral ás escolas, escripturação. No 2º e 3º dias exames dos trabalhos de desenho, caligraphia, prendas etc (SERGIPE, 1913, p. 4).

As recomendações para a realização das inspeções higiênicas, iam desde a estrutura física, localização dos grupos escolares e a observação das condições salubres da população do seu entorno. Cada inspeção poderia durar três dias, sendo no 1º dia a inspeção geral do ambiente físico, no 2º dia a metodologia de ensino da professora, no 3º dia os alunos eram avaliados em seus conhecimentos adquiridos.

Dessa forma, cada inspetor procedia seu relatório e o entregava à Diretoria Geral de Instrução, contudo, os inspetores eram responsáveis por outras atribuições. Segundo SAVIANI (2002, p. 23), também, “cabia ao inspetor presidir os exames dos professores e lhes conferir o diploma, autorizar a abertura de escolas particulares e até mesmo rever os livros, corrigi-los ou substituí-los por outros”.

Sobre a inspeção diária realizada pelos professores, no Cf. Ofício n. 20 do Grupo Escolar Olympio Campos de 23/abr/1928 para a Diretoria da Instrução Pública de Sergipe, “diariamente era feita inspeção do asseio dos alunos e da hygiene da boca, além da existência de dias determinados para exercícios de marcha, de ginástica e de canto”. Tal passagem confirma a aplicabilidade das orientações higiênicas sob a responsabilidade direta da escola no final da década de 1920.

No segundo capítulo do “Manual da Boa Marcha” (1913), estavam organizadas as orientações sobre as regras higiênicas e didáticas a serem seguidas pelas professoras, nas palavras do médico: “para o bom andamento do ensino nas

aulas primárias recommendada a Directoria aos srs. Professores a maior atenção aos preceitos que deviriam ser seguidos” (SERGIPE, 1913, p. 7).

Assim, recomendava:

A escola não deve perder de vista a sua função educativa:

- d) Que as professoras promovam passeios aos domingos, com seus alunos ao campo ou jardim público ou particulares, e aproveitem essas oportunidades e aproveitem este momento para dar noções de botânica, zoologia, física, a propósito da vegetação, cuja a nutrição e reprodução, explicará o vento, da chuva, da estrada, do riacho, da flor, da sombra etc. [...] Nesses passeios obtem-se bons exercícios de educação dos sentidos intellectueis, avaliando distancias, calculando áreas, distinguindo sons e ruídos, cálculos cuja a exactidão ou erros o professor verificará. Sem a verificação o exercício é em parte perdido para fim o de educar sentidos.
- e) No ensino da Historia pátria, nada de livros, senão para leituras, palestra sobre homens importantes da localidade, depois do municípios, da cidade, do estado e gradativamente até chegar na nação (SERGIPE, 1913, p. 5).

Segundo o médico, a professora deveria ir além das suas práticas em sala de aula, cabendo também a ela, aos domingos realizar visitas educativas com os seus alunos, momento que seria possível vivenciar situações do cotidiano de modo a gerar experimentações o que proporcionaria ao alunado o ensino aprendido a partir da “indução chegar á dedução”.

Todavia, a entrada de um médico para dirigir a Instrução do estado, não foi isenta de tensões. Conforme identificado por Oliveira (2012), ao retratar a polêmica ocorrida em Sergipe com a posse de Dr. Helvécio, quando houve troca de ofensas pessoais, entre o Inspetor de ensino e Lente de Pedagogia do Curso Normal do Atheneu Sergipense, Profº. Adolfo Àvila Lima Presidente da Liga contra o analfabetismo em Sergipe e o médico Dr. Helvécio Andrade, incumbido em comandar a educação sergipana.

Ao apresentar sua posição sobre modernização da escola em Sergipe, Dr. Helvécio embasava-se nos “elementos centrais à Pedagogia de orientação científica por ele proposta, com vista ao alinhamento da Escola Primária. Uma cosequencia das ações percebidas em todo território nacional” (OLIVEIRA, 2012, p. 90).

As reações ao novo modelo Pedagógico eram vistas, em tom de repúdio presentes nas publicações dos jornais locais entre Adolfo Àvila Lima e Helvécio Andrade.

Dessas discussões, configurou-se a construção historiográfica das sociedades movidas por interesses pessoais as disputas intelectuais tinham como função “também situar os conflitos e embates produzidos em torno da Educação, trazendo à luz especialmente as divergências e convergências” (OLIVEIRA, 2012, p. 90).

Sobre as desavenças geradas entre o médico e o professor, (VALENÇA, 2011, p. 12) ratifica;

Em relação as querelas que travou com Helvécio de Andrade publicou Críticas e ensaios de psicologia pedagógica numa série de 12 artigos no jornal Diário da Manhã em 1914, Réplicas e tréplicas numa série de 18 artigos no mesmo jornal em 1914. Além desses artigos, é possível encontrar seus posicionamentos contra esse diretor da instrução pública no texto Em defesa da verdade e da honra publicado no Jornal O Estado de Sergipe, Carta pedagógica. Fragmentos de uma homenagem, em 1915, e Recapitulações Pedagógicas.

Contudo, o médico firmou-se no cargo e passou a responder por todas as questões educativas em Sergipe. Naquele momento, sobre a alcunha de Severo, publicou no jornal Correio de Aracaju, em 24 de março de 1912 “impulsionar é melhorar e aperfeiçoar os methodos e processos, torná-los obrigatório e preparar professores para grande missão salvadora” (ANDRADE, 1912). Tal citação atesta que o médico utilizou de sua autoridade obrigando que fossem acatadas suas ordens. Nisso percebe-se o tom autoritário para que o modelo vigorasse no âmbito da educação.

Nesses mesmos moldes, Dr. Mello (1902) orientava as professoras paulistas:

[...] De parte a rapidez, elegância e clareza, que constituem os principaes predicados de uma escripta correcta, o caracter da lettra tem papel saliente na hygiene dos exercícios graphicos. Assim, a lettra inglesa, inclinada da esquerda para a direita, obrigando o alluno a inclinar o corpo para esquerda, a apoiar o cotovello e o antebraço esquerdos transversamente na mesa, a sentar-se sobre a nadega esquerda, determina forçosamente o desvio lateral do busto (1902, p. 32).

Reconfigurando a escola como instrumento educador intelectual e multiplicador dos preceitos de higiene e saúde, colocando a professora como protagonista social dessa ação tinha como disciplina entre outras a Higiene enfatizava os cuidados com o corpo da criança e por consequência da mulher, família e da comunidade, inculcando hábitos civilizadores.

Portanto, diante dessa evidência, percebe-se a função do professor como agente educador dos conceitos higienistas em Sergipe. No ensino primário, o plano de ensino deveria abordar os conteúdos, que inculcaria nos alunos, idéias mais específicas nos valores que definiam a higiene e a saúde.

Quadro 7 – Dos conteúdos de higiene para o ensino primário em 1912.

CONTEÚDOS ENSINADOS	IMPRESSÃO DA PESQUISADORA
a) Cuidados de higiene relacionados, ao banho, o asseio do corpo, da roupa, do leite, da casa.	O ensino sobre higiene se inicia pelo cuidado com o corpo, sendo estendido às vestes, o leite por envolver vários riscos quando não adequadamente tratado, e os cuidados necessários no ambiente domiciliar.
b) Cuidados de higiene com os alimentos, as bebidas, a sobriedade.	Neste conteúdo transmitia-se a preocupação com a manipulação adequada dos alimentos. A necessidade de cuidados com as bebidas o risco dos vícios. O alcoolismo.
c) Cuidados de higiene com o vestário próprio da estação, folgados, etc., a casa espaçosa, arejada, iluminada e abrigada.	Neste ensinava-se sobre os cuidados adequados das roupas em relação ao clima. E o espaço físico e saudável das moradias.
d) Cuidados de saúde relacionados ao exercício do trabalho, o estudo, as artes, os ofícios.	Discute sobre a relevância das atividades físicas, regras para o trabalho, quanto aos estudos, aprendizagem das artes, e profissões.
e) O repouso, o sono, vantagem de recolher e despertar cedo. A moléstia, a medicina, a vacina.	Ressalta a importância do repouso e sono adequados, regras de horários apropriados, condizente com a saúde. E por fim desenvolve educação sobre as doenças, a medicina, e imunização, conceitos aparentemente para sensibilizar aos alunos sobre a importância dos cuidados profiláticos da saúde.

Fonte: Adaptada pela pesquisadora (SERGIPE 1912).

Sobre os conteúdos de higiene no ensino primário, observa-se que os mesmos doutrinavam os alunos, de modo que, aqueles que cumprirem os ensinamentos nos cuidados de higiene com o corpo, as roupas, os alimentos, a limpeza da casa poderiam alcançar a vida adulta com saúde e prosperidade.

Quanto a doutrina para o comportamento higiênico, ensinava-se sobre os riscos das bebidas alcoólicas a fim de manter a sobriedade, os ofícios que o

tornariam um bom profissional. Nesse ensejo, Dr. Helvécio afirmava que “instruir e educar é a função do mestre: função difícil e complexa, que exige o conhecimento das faculdades mentais e das leis e procedimentos pelos quais elas se desenvolvem” (ANDRADE, 1913, p. 1).

Os ordenamentos legais para o Ensino Primário foram privilegiados porque, atravessando o período estudado, constituíram estratégia de importância vital para a conformação e normatização do campo escolar e das práticas educativas daquele período (VAGO, 2002, p. 19).

Portanto, as professoras são “recursos” essenciais ao processo higienizador como um dos instrumentos organizadores dos saberes e indispensáveis à formação dos indivíduos. De forma estratégica, a escola foi o meio de transformação social mais eficaz na difusão das práticas de higiene. A medicina em nome do Estado, ao prescrever e promover regras que se tornaram hábitos alcançou respostas positivas na prevenção de muitas doenças sob a égide das práticas pedagógicas.

As percepções quanto às práticas higienizadoras na escola ganharam novos adeptos, pois as professoras passaram a assumir posição que zelavam pela salubridade dos alunos, tudo isso, por conhecerem sobre os riscos de transmissão de doenças no convívio do ambiente escolar.

Neste sentido, o diretor do Grupo Escolar Olympio Campos em Aracaju relatou a Diretoria da Instrução Pública, sobre a necessidade de água tratada aos alunos “são filtros destinados a cada salão, como medida hygienica e prophylatica, pois as águas do magestoso S. Francisco são sempre impregnadas de miasmas e corpos estranhos, sobretudo por ocasião das enchentes” (SERGIPE, 1929, p.01).

Demonstrando, assim, as mudanças de comportamento social, advinda das medidas instituídas em décadas passadas. A educação de Sergipe correspondeu ao apelo nacional ao preparar profissionais que viessem contribuir na melhoria da saúde pela educação.

A hygiene escolar conquistou o interesse dos leitores dos jornais que circulavam em Sergipe, a publicação abaixo discutia sobre as condições esperadas para o bom aproveitamento do aprendizado dentro dos padrões higienistas;

Pois, a primeira condição para que o ensino seja alegre e grato, é que a sala seja clara, lavada de ar, larga, de modo que, assegure a cada aluno os metros cúbicos de ar necessários á respiração normal; com janellas bem rasgadas á esquerda dos escolares, única direcção da luz que lhes poupa a integridade da visão; pavimento assoalhado; bancos articulados para que se adaptem á estrutura das crianças e separados uns dos outros oitenta centímetros pelo menos, água abundante e gabinete decente e afinal uma quadra annexa e ao ar livre para recreio e exercício gymnasticos nos dias limpos (Jornal Diário da manhã - Aracaju - 5, Fev, 1911. p. 1, col. B).

A publicação expressa sobre o aspecto estético adequado, iluminado, arejado, em proporções espaciais adequadas ao quantitativo de alunos, com assentos ergonomicamente planejados. Era preciso aliar as iniciativas salubres no âmbito da educação e saúde, para tanto, tais informações deveriam circular junto à sociedade, função que os jornais cumpriam, de modo que ao instruir, educavam e também propagavam as ordenações higienizadoras.

Preocupações com a saúde dos alunos passaram constar nas atas de reuniões e relatórios a Diretoria de Instrução sergipana. Com relação a imunização dos alunos em 1930 na cidade de Estância, a direção do Grupo escolar Gumercindo Bessa, relatou: “por ausência de repartição de hygiene nesta cidade há grande numero de alumnos não vaccinados, sollicito-vos a remessa urgente de tubos de lymphá vaccínica recente, para proceder á vaccinação dos alumnos naquellas condições” (SERGIPE, 1930).

De acordo com a solicitação acima, é possível inferir a preocupação do representante da escola no que diz respeito à imunização dos alunos, o que reflete a materialização da saúde pelas vias da educação.

No combate ao sujo, à falta de higiene, a educação foi o recurso que promoveu os ensinamentos dos valores higiênicos da população de forma mais acentuada nas primeiras décadas do século XX. A escola assumiu a responsabilidade dividida, o que fez dos professores combatentes contra ignorância das letras e dos hábitos que traziam risco a saúde.

Ao reconhecer o espaço escolar como meio de transposição dos saberes de uma sociedade, destacamos a Escola Normal e os Grupos Escolares sergipanos nas décadas de 1910 e 1920 como co-adjuvantes nas práticas de saúde na infância valores que eram acabavam por serem absorvidos e praticados entre as famílias.

Em Sergipe, a disciplina de hygiene prevista na cadeira foi didática e cientificamente escrita para escola normal pelo médico Helvécio de Andrade. Esse

aprendizado possibilitou as normalistas um aprofundado sobre doenças e medidas de cuidados profiláticos a doenças comuns na infância. Aliadas a ações públicas que determinavam a prática de educativa para o alcance da prevenção e promoção da saúde da população.

A intervenção médica na escola logrou êxito ao contribuir na formação de professoras que passaram a exercer concomitante as suas atribuições na detecção precoce de parasitoses passíveis de tratamento. Também sobre as doenças infecto contagiosas era possível identificar por meio de sinais e sintomas que caracterizavam algumas patologias epidêmicas e a orientando o devido isolamento aos alunos que por ventura fossem infectados, evitando assim o contágio de outros alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS - “Realizar uma nova cobertura”

No contexto da renovação dos estudos em História da Educação nas últimas décadas tem sido progressivo o aumento do número de pesquisas que investigam novos objetos, novos temas e novos problemas, ancorados pelo campo da História. Tais pesquisas têm contribuído para um melhor entendimento do papel desempenhado pela escola e por outras instituições sociais na definição daquilo que, ao longo do tempo, tem sido considerado intrínseco à formação das novas gerações. Buscou-se neste trabalho investigar os conteúdos de higiene disponibilizados pela cadeira de “História Natural e Higiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe (1879-1930).

Para tanto, pesquisou-se o período compreendido entre o fim do Império e início da República, como forma de demonstrar permanências e transformações desse saber, bem como, um conjunto de práticas a ele associadas. Procedimento por meio do qual visibilizou um movimento que se processa sem causalidade única e com efeitos variáveis. Ao trabalhar com a massa de discursos produtores de saberes dirigidos à questão do ensino de higiene na Escola Normal de Sergipe, constituímos como fontes um conjunto heterogêneo de meios de difusão, como: teses, livros, periódicos especializados e jornais de grande circulação, e também, documentos de instituições voltadas para o atendimento da criança pobre que informam sobre seus projetos, descrevem práticas cotidianas, indiciam seu funcionamento.

No contexto da higiene no Brasil, várias forças operaram no sentido da transformação do comportamento da sociedade. No movimento da ação educadora surgiram práticas cotidianas que foram incorporadas a vida das pessoas, e que possibilitou a transformação dos comportamentos individual e social de uma época, sendo em parte perpetuados pela sociedade.

Durante a Primeira República os interesses progressistas exigiam dos governantes ações que controlassem as mazelas que imperravam o desenvolvimento sócio econômico da nação brasileira. As epidemias que dizimavam vidas por todo Brasil, causavam insegurança e penalizavam principalmente os mais fracos.

O Estado apoiou-se no pragmatismo da ciência hipocrática e concedeu aos médicos a autoridade para tomada de decisões sobre as vidas dos seus cidadãos, ao povo cabia atender aos ordenamentos médicos higiênicos na esperança de manter a saúde ou obtê-la quando possível.

Contudo, os médicos não eram suficientes em acumular as funções de atender aos doentes e ensinar sobre as coisas da higiene. Por tratarem-se de áreas de ação diferentes, a profilaxia e o tratamento demandam condições de atenção diferentes, o que direcionava a ação médica a intervenções urgentes com foco nas patologias. Havia grandes epidemias a serem combatidas, e as limitações eram infinitas. Neste contexto, dois desafios determinavam as prioridades que precisavam ser combatidas: o analfabetismo e a pobreza.

O analfabetismo tornava os sujeitos mais vulneráveis às doenças, por isso, era impressionante que a população aprendesse e aplicasse as medidas higiênicas prescritas, e outro ponto estava na formação das futuras normalistas para que em suas salas de aula propagassem as noções de higiene. A pobreza era uma consequência naturalizada da realidade social daquela época. Atribuía-se todas as imundices decorrentes da sujeira e das injúrias não tratadas, o que elevava o índice de morbimortalidade derivadas das muitas moléstias contagiosas. Com esse pensamento, os degenerados eram culpabilidades por suas desgraças e as que condenavam o restante da sociedade.

Estes desafios passaram a ser o foco das atenções dos poderes públicos e, especialmente a partir da primeira década do século XX, diversas medidas começaram a ser discutidas para a melhoria da saúde da população, através daqueles que de algum modo estavam ligados ao poder público conheciam sobre os conceitos salubres. Os médicos eram os mais indicados para socorrer a população, uma vez que, desde o início dos oitocentos a “higiene” já era metodicamente instruída nas academias de medicina brasileiras, instituições que estão na gênese da aprendizagem higiênica, embasadas por conceitos europeus. Desse modo, a higiene tornou-se pauta social, econômica e política. Seguindo os preceitos europeus a medicina brasileira aderiu ao *status* social, a partir do momento em que entendeu que o homem deveria ser visto como parcela do ambiente onde convivia.

De posse desses conhecimentos, os médicos entendiam a higiene como inerente às condições de saúde, o que exigia dos indivíduos a higiene do corpo, dos alimentos, das águas, da sua moradia e cidade e orientavam os legisladores públicos das localidades onde prestavam seus serviços, na elaboração de leis e decretos que oficializassem as medidas higiênicas que deveriam ser cumpridas.

Os higienistas discutiam os projetos para a construção de escolas, a implantação dos serviços e inspeção médico-escolar, e apresentavam sugestões para todos os ramos do ensino, em especial com relação à educação primária e infantil, essa busca das ações higienistas nas escolas passou a influenciar a rotina e a fazer parte do cotidiano escolar.

A escola que já lutava contra o desconhecimento das letras e números, passou a militar no ensino das noções de higiene preconizadas pelos higienistas. Nesse contexto, a *práxis* pedagógica acatou e incorporou os conceitos da higiene sob a autoridade dos higienistas. As ações médicas não se restringiram ao atendimento e exame físico das crianças, eles também exerceram forte influências nas práticas docente.

Visto que, a ação médica ultrapassou os limites dos cuidados à saúde do corpo dos alunos, passaram a interferir na metodologia e didática para o ensino de outros saberes, função antes exclusiva dos “mestres”. Os higienistas utilizaram os conhecimentos da psicologia como justificativa para também escreverem e redefinir o ensino aprendizagem como inerentes aos órgãos dos sentidos, bem como, a assimilação e desassimilação, e por isso deveria ser observadas por médicos.

Os saberes sobre a higiene, oficialmente adentraram a Escola Normal no Brasil, designados pelo Decreto nº 7.247, de 19 de Abril de 1879 a partir da Reforma Leôncio de Carvalho.

No Estado de Sergipe apenas três anos depois, em 1882, ocorreu a contratação do médico Daniel Campos para o ensino na cadeira de Cadeira de Elementos de Sciencias Physicas e Naturaes no Atheneu Sergipense. Foi sucedido por outros profissionais da saúde que estiveram à frente do ensino das noções de higiene na Escola Normal durante a passagem do século XIX para o século XX.

Contudo, foi a partir da primeira década do século XX, que o médico Helvécio Andrade, assumiu a casa da higiene escolar, no sentido mais amplo. Ele trabalhou os conceitos da higiene no sentido da “educação, higiene e saúde”, no Estado de Sergipe. Amparado por referenciais científicos do higienismo, seguiu o modelo do já praticado no Estado São Paulo, que foi o Estado pioneiro nessa abordagem de educativa no Brasil.

Portanto, o reconhecimento dos médicos sergipanos, José Lourenço de Magalhães e Balthazar Viera de Mello que mesmo morando em outras terras

discursaram sobre a higiene durante final do século XIX e início do século, ambos deixaram grandes contribuições para higiene dos espaços sociais e escolar. E de forma direta Dr. Balthazar, inspirou ao Dr. Helvécio Andrade a investigar, intervir e prescrever no contexto da educação, higiene e saúde.

Ao assumir a Diretoria de Educação no Estado de Sergipe, o Dr. Helvécio Andrade materializou a organização nos padrões higienistas nos currículos escolares para a formação dos professores elaborando normas e regimentos que visavam moldar a educação e a disseminação dos cuidados com a saúde pelos professores e pela escola.

Como lente da cadeira de “História Natural e Higiene Geral e Escolar” na Escola Normal de Sergipe, escreveu o livro “Curso de Pedagogia” (1913), onde ensinou sobre a Psicologia, Pedologia, Metodologia de ensino e sobre Higiene Escolar, de modo que o tornou leitura obrigatória do curso normal.

O médico Helvécio Andrade escreveu livros, manuais, artigos para os congressos de higiene nacionais e internacionais e dedicou-se também a organizar livros totalmente voltados para a formação das professoras, como o do “Curso de Pedagogia” (1913). No intuito de padronizar o ensino na escola normal, em 1917, contribuiu na publicação do Programa das Cadeiras da Escola Normal e do Curso Complementar do Estado de Sergipe.

Para a instrução primária nos grupos escolares e outros agentes da ação educativa, os inspetores escreveram o livro “Manual da Boa marcha” que orientava aqueles profissionais a como proceder nas inspeções dos grupos escolares do Estado, que deveriam avaliar a professora em seu ensino e atitude, os alunos em seus conhecimentos e o prédio e escolar em sua apresentação higiênica e seu entorno.

Ao mesmo tempo, também, escrevia artigos sobre as questões que envolviam a higiene para jornais e revistas que circulavam no Estado na época citada. A exemplo de outros grandes defensores das causa higiênicas brasileira, como Belisário Pena, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Clementino Fraga, Balthazar Vieira de Mello, também conseguiu credibilidade e respeito dos leitores de suas publicações. Os estudos sobre a higiene escolar possibilitaram o conhecimento da estratégia que obtiveram êxito na difusão de hábitos higiênicos em meio à sociedade.

Para disseminar as noções de higiene embasada no discurso do processo civilizatório, outros meios além da escola, eram utilizados para que tais ideias chegassem à população, como: jornais, revistas, rádio e conferências médicas, que faziam ecoar a necessidade de civilização dos hábitos para o combater as doenças.

As alunas da Escola Normal de Sergipe tinham como conteúdo de aprendizagem, conhecimentos sobre a anatomia e fisiologia do corpo humano, aprendia-se sobre a importância da higiene individual e da coletividade e do meio ambiente escolar. Sobre a profilaxia de doenças pela imunização e higiene, sinais e sintomas de patologias potencialmente infectocontagiosas. As precauções que deveriam ser tomadas diante do risco de transmissibilidade das doenças estudadas e o tempo de isolamento dos acometidos por algumas das doenças.

No que diz respeito ao prédio escolar, aprendiam sobre a sua construção em local adequado, do mobiliário escolar se compreendiam as condições desejáveis de postura das crianças pensando na ergonomia e como se davam as Inspeções médica nas escolas.

Como forma de experimentação no processo da aprendizagem, a Escola Normal dispunha de um laboratório de ciências naturais, onde as futuras professoras recebiam aulas práticas sobre os conteúdos acima citados de modo que durante os estágios na escola primária anexa a Escola Normal experimentavam seus conhecimentos ao ensinar aos alunos da escola modelo.

Consideramos que os saberes permitidos pela disciplina de Higiene foram os precursores na estratégia para educação em saúde do Estado de Sergipe, foi o veículo difusor dos saberes e as normalistas foram as disseminadoras das noções de higiene. Cumpre, legitimar a contribuição das professoras sergipanas do início do século XX, que em sua prática pedagógica introduziram e promoveram as “boas práticas higiênicas” no sentido de prevenir doenças nas crianças. Seus conhecimentos refletiam na mudança de atitudes das famílias dos alunos que seguiam as orientações realizadas pelas professoras.

Por meio dos conhecimentos previstos na disciplina de higiene, aquelas normalistas que desejassem, também, estavam capacitadas a atuarem no sistema de saúde, desse modo, era possível laborar junto ao serviço de enfermagem na assistência hospitalar. Vale ressaltar que, ter cursado a escola normal foi um dos

pré- requisito da primeira faculdade de Enfermagem brasileira, em 1923, no Rio de Janeiro.

Esses fatos condizem com a afirmativa de que na História da Educação Sergipana do início do século XX, a higiene se fez presente nas escolas através do traçado médico e pedagógico. Essencial na construção da transposição dos saberes higienistas, frutos das ações dos sujeitos da ação educativa que proporcionaram saúde pelas vias da educação, ao ensinar sobre a higiene para o alcance da saúde.

REFERENCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Fátima de; VALDEMARIN, Vera Tereza. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Organizado SAVIANI, Dermeval - Autores Associados, 2004.
- ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: uma casa e educação literária examinada segundo os planos de estudos 1870-1908**. São Paulo: PUC, 2005.
- AMORIM, Simone Silveira. **Configuração do trabalho docente: a instrução primária em Sergipe no século XIX (1826-1889)**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- ANDRADE, Helvécio de. **Curso de Pedagogia**. Aracaju: TYP POPULAR, 1913.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. Piracicaba: Unimep, 1996.
- AURAS, Gladys Mary Teive. **Primeiras lições de coisas – manual de ensino elementar para uso dos pais e professores**. Tradução de Rui Barbosa. Obras Completas, v. XIII, tomo 1, Rio de Janeiro, 1950. Rev.Educar, Curitiba, Editora UFPR. 2003.
- AZEVEDO, Crislane B. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930): cultura escolar e civilização**. Salvador. Dissertação (Mestrado em Educação). UNEB, PEC, 2006.
- AZEVEDO, Crislane B. **Higienismo em Sergipe nas primeiras décadas da República**. V. Congresso brasileiro de história da educação. Aracaju .2008. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/487.pdf>. Acesso em: 20 de jan. 2015.
- BARROS, José de Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 4ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRASIL, DECRETO N.º 19.402, DE 14 DE NOVEMBRO DE 1930. **Criação da Secretaria de Estado com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública**. 1930. Disponível em: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/d19402.pdf. Acesso em: 10 de jun. 2015.
- BRASIL, DECRETO-LEI Nº 7247, DE 19 DE ABRIL DE 1879. **Reforma do ensino primário, secundário e superior no município da Corte em todo o Império**. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1879.

BRASIL, **História da Academia Médico-Cirúrgica no Rio de Janeiro**. UFRJ. 2014. Disponível em: www.medicina.ufrj.br/colchoes.php?id_colchao=1. Acesso em: 20 de fev. 2015.

BRASIL, **Palestras de Higiene. Serviço Nacional de Educação Sanitária – Rádio Tupi - 1ª edição**. 1941.

BOARINI, Maria Lúcia; YAMAMOTO, Oswaldo H. **Higienismo e Eugenia**: discursos que não envelhecem. In: **Psicologia Revista**, vol. 13, n.1, SP. Educ. 2004. p. 59-72 [online]. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/psi/pdf/higienismo_eugenia.pdf> Acesso em: 14 ago. 2013.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações; Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil.1990.

CHARTIER, R. "Cultura Popular": revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192. 1995.

CHARTIER, R. **O mundo como representação. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHERVEL, A. **História das Disciplinas Escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação, Porto Alegre, v.2, 1990.

CUNHA, Luiz Antonio. **Medicina, higiene e educação escolar**. 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DE HOLANDA, Ferreira AB. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução: Anísio S. Teixeira. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

ELIAS, Nbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol.1, 1994.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação**. In: VIDAL, Diana Gonçalves et al. (Org.). Educação, modernidade e civilização. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FERRONATO. Cristiano de Jesus. **Das avulsas ao Lyceu Provincial**: as primeiras configurações da instrução secundária na província da Parayba do Norte (1836-1884). Aracaju: Editora Oficial do Estado e Sergipe – EDISE; Universidade Tiradentes 2014.

FINKELMAN, Jacobo (Org.) **Caminhos da saúde pública no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

FIOCRUZ, **Teses medicas:** Disponível em: http://www.labdigital.icict.fiocruz.br/obras_pdf/these_1897_carlos_pinto_seidl.pdf. Acesso em: 05 de jun. 2014.

FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso** maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2009.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco:** um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920 – 1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação – NPGED, 2003. (Coleção: Educação é História. V. 3).

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar:** medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro- EDUER. 2004.

GONDRA, José Gonçalves. **Higiene e Cultura Escolar**. 2005. Disponível em < sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0350.pdf >. 24 de abril de 2015.

GONDRA, José Gonçalves. **Medicina, higiene e educação escolar**. 500 anos de Educação no Brasil, 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

HOCHMAN, Gilberto. **A ERA DO SANEAMENTO:** As bases da política de Saúde Pública no Brasil. 3ª Edição. Hucitec Editora. São Paulo, 2012.

HOCHMAN, Gilberto. **Regulando os efeitos da interdependência. Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nízia. **Condenado pela raça, absolvido pela medicina:** o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira república. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1996.

JETER, K., TINTLE, T. **Wound dressing of the nineties:** Indications and contraindications. v. 8, n. 4, p. 799-816, 1991.

KUHLMANN JR, Moysés. **Infância e Educação Infantil:** uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LAROCCA, Liliana Müller. **Higienizar, Cuidar E Civilizar: O Discurso Médico Para A Escola Paranaense (1886-1947)**. Tese de Doutorado pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2009.

LE GOFF, Jacques. **As Doenças tem história**. Lisboa: Editora Terramar, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3ª. Ed. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p. 423-483 (Memória) e 535-553 Documento/Monumento.

LIMA, A. L. G. S. de e PINTO, M. M. S.: **Fontes para a história dos 50 anos do Ministério da Saúde**. História, Ciências, Saúde Manguinhos. vol. 10. set.-dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v10n3/19311.pdf>. acesso em 01 mar. 2016.

LIMA, Solyane Silveira. **Uma maneira de proteger e educar: A casa maternal Amélia Leite**. São Cristovão: UFS, 2009.

LIMA, GZ. **Saúde escolar e educação**. São Paulo: Cortez; 1985.

LINHALES, M.A; LIMA. C.D.M.D; OLIVEIRA. T. Médicos E Educadores Na “Secção De Educação Physica e Hygiene” Da Associação Brasileira de Educação (1924-1937). **Intruições e Práticas educativas no Brasil: Teoria e história**. São Cristovão: UFS, 2012.

MELLO, A. J. **Corographia historica, chronographica, genealogica, mobiliaria e politica do Imperio do Brasil 1816 -1882**. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1863.

MELLO, B. V. **A hygiene na escola**. São Paulo: Typographia do Diario Official, 1902.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e as províncias: subsídios para a história da educação no Brasil (1834-1889)**. São Paulo: Editora Nacional,v. 1. 1939.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX**. Londrina, PR: UEL, 1999.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora Primária – mestra ou tia**. São Paulo: Cortez, 1984.

OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade. **Legislação e educação: o ideário reformista do ensino primário em Sergipe na Primeira República – 1889/1930 – São Carlos – UFSCar**, 2004.

OLIVEIRA, Valdemar de. **Higiene e puericultura**. 30 ed. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1931.

OGUISSO, Taka; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; MOREIRA, Almerinda. **Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens.** Enfermagem em Foco, Brasília, DF: COFEN, v. 2, 2011.

PETRI, R. **Psicanálise e educação no tratamento da psicose infantil: quatro experiências institucionais.** São Paulo: Annablume, 2003.

PYCKOSZ, L. C. **A higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná.** Currículo sem Fronteiras, v.9, n.1, pp.135-158, Jan/Jun 2009.

REZENDE, J. M. **O símbolo da medicina: tradição e heresia.** Disponível em: <http://www.usuarios.cultura.com.br/jmrezende>. Acesso em: 12 mai. 2015.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação.** Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

ROCHA, Heloísa H. P. **A escola e a produção de sujeitos higienizados.** Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.02, p.493-512, jul./dez. 2002.

ROCHA, Heloísa H. P. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925).** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo! USP, São Paulo, 2001.

SÁ, Carlos. **Formação de hábitos sádios nas creanças.** Em [Anais] Terceiro Congresso Brasileiro de Hygiene. Thema XII- Formação de hábitos sádios nas creanças: estudo psychologico e hygienico. São Paulo, SP. 1926.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. **O pensamento sanitarista na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade.** Dados. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985. Disponível em: <<http://www.bvshistoria.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/antologias/eh-594.pdf>> - Acesso em 26 jan. 2016.

SANTOS, Osvaldo N.; SANTOS, Rummening Marinho dos. **Abordagens e Práticas Pedagógicas na Educação Física Escolar: Contribuições da Pedagogia Libertadora.** Disponível em: <<http://www.catedraunescojea.org/GT02/COM/COM014.pdf>>. Acesso em: 24 set.2013.

SANTANA, A. S. **As febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios.** São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 1997.

SANTANA, A. S.; DIAS L. A.; GOMES, P. A. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe: séculos XIX e XX.** Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. **Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas (1890-1930)**. Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2009.

CHUELER, A. & GONDRA, J. G. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

SMELTZER, S. C.; BARE, B. C. Brunner e Suddarth. **Tratado de Enfermagem**. 10^a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SERGIPE. **Programa das cadeiras da Escola Normal e do curso complementar do Estado de Sergipe**. Aracaju: Diretoria da Instrução Primária, 1917.

SERGIPE. **Programa para o Ensino Primário Especialmente aos Grupos Escolares do Estado de Sergipe**. Org. Balthazar Goês. Aracaju: Conselho Superior da Instrução, 1912.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)**. João Pessoa. 2011.

SOARES, Carmem. **O pensamento médico higienista e a Educação Física no Brasil: (1850-1930)**. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SOUSA, Marlucy do Socorro Aragão de. ; MELO, Dorilene Pantoja. **O Pensamento Higienista De Educação Em José Veríssimo E A Formação Da Criança**. III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista. 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

UNESCO, **EDUCAÇÃO UM TESOURO A DESCOBRIR**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XX. 1996.

VALENÇA, C. A. **Educação feminina na Escola Normal: entre normas e práticas 1900-1932**. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio Grande do Norte - Natal. Anais do II Congresso, 2002.

VALENÇA, Cristina de Almeida. **Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão dos ideais da pedagogia moderna por Helvécio de Andrade**. Dissertação de Mestrado. São Cristóvão: UFS, 2006.

VALENÇA, Cristina de Almeida. **O Professor Adolpho Ávila Lima e a Inspeção Escolar Em Sergipe**. 1913-1935. (UFS/NMS). 2011.

VALENÇA, Cristina de Almeida. **Memória E Cultura Escolar Em Aracaju: A Contribuição Da Escola Normal (1870-1932)**. Anais Eletrônicos - ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. UFBP João Pessoa, 2003. Disponível em:

<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.714.pdf>. Acesso em: 20 de mar 2015.

VASCONCELLOS, Carlos Rodrigues. **Higiene Escolar**: suas aplicações á Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1888

VIDAL, Diana Gonçalves. **Escola Nova e processo educativo**. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Medicina, higiene e educação escolar**. 500 anos de Educação no Brasil, 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves. **No Interior Da Sala De Aula**: ensaio sobre cultura e prática escolares. Currículo sem Fronteiras, v.9, n.1, pp.25-41, Jan/Jun 2009.

FONTES DE ARQUIVOS

IERB – Livro de Atas da Congregação da Escola Normal 1871-1916.

Jornal Correio de Aracaju (SEVERO-ANDRADE). Da capital ao São Francisco VI. 24 de março de 1912.

Jornal Diário da manhã - Aracaju - 5, Fev, 1911.

Cf. Ofício n. 20 do Grupo Escolar Olympio Campos de 23/04/1928 para a Diretoria da Instrução Pública.

Ofício de 6/3/1930 do Grupo Escolar Gumercindo Bessa para a Diretoria da Instrução Pública.

Mensagem apresentada ao Congresso Nacional pelo Presidente da República, Afonso Augusto Moreira Pena, na abertura da 2ª sessão da 6ª legislatura. 1907.

SERGIPE. Mensagem apresentada á Assembléa Legislativa, em 7 de Setembro de 1923, ao instalar-se a 1ª Sessão Ordinaria da 15ª legislatura, pelo Dr. Mauricio Graccho Cardoso, Presidente do Estado. Aracaju: Imprensa Official, p. 8.

SERGIPE. Relatório com que o exm. snr. tenente-coronel Francisco José Cardoso Junior abriu a 1.a sessão da 19.a legislatura da Assembléa Provincial de Sergipe no dia 4 de março de 1870. [Aracajú] Typ. do Jornal do Aracajú.

SERGIPE. Relatório apresentado ao Exmo. General Presidente do Estado em 30 de julho de 1915 pelo Dr. Helvécio de Andrade. Diretor Geral da Instrução Pública. Aracaju, Typ do O Estado de Sergipe. 1915, p.7.

SERGIPE. Relatório presidente da província da Assembleia Legislativa desta Província. Sergipe, Typ. de Silveira, 1838. 1035, p. 22.